

DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO

2008

O Dicionário Terminológico de 2008 resulta da revisão científica da TLEBS de 2004, que foi concretizada por dois especialistas, o Professor Doutor João Costa e o Professor Doutor Vítor Aguiar e Silva.

ÍNDICE

1. Hierarquia dos Termos	4
A. Língua, comunidade linguística, variação e mudança	4
B. Linguística Descritiva	5
B.1. Fonética e Fonologia	5
B.2. Morfologia	6
B.3. Classes de palavras	9
B. 4. Sintaxe	11
B.5. Lexicologia	13
B.6. Semântica	14
C. Análise do discurso, Retórica, Pragmática e Linguística textual	13
D. Lexicografia	18
E. Representação gráfica	18
2. Definições dos termos por domínio	20
3. Bibliografia comentada	136

1. Hierarquia dos Termos

A. LÍNGUA, COMUNIDADE LINGUÍSTICA, VARIAÇÃO E MUDANÇA

A.1. Língua e comunidade linguística

A.1.1. Comunidade e falante

Comunidade linguística

Falante

Competência linguística

Competência metalinguística

A.1.2. Estatuto das línguas

Língua oficial

Língua materna

Língua segunda, L2

Língua estrangeira

A.2. Variação e normalização linguística

A.2.1. Variação

Variedades geográficas

Variedades do português

Variedade europeia

Variedade brasileira

Variedades africanas

Variedades sociais

Variedades situacionais

Variação histórica

A.2.2. Normalização linguística

Língua padrão

A.3. Contacto de línguas

Substrato

Superstrato

Adstrato

Bilinguismo

Multilinguismo

Crioulo

Crioulos de base lexical portuguesa

A.4. Mudança linguística

A.4.1. Factores e tipos de mudança

[Factores internos](#)

[Factores externos](#)

[Tipos de mudança](#)

[Mudança regular](#)

[Mudança irregular](#)

[Gramaticalização](#)

A.4.2. História do português

[Português antigo](#)

[Português clássico](#)

[Português contemporâneo](#)

A.4.3. Etimologia e genealogia linguística

[Famílias de línguas](#)

[Etimologia](#)

[Étimo](#)

[Palavras divergentes](#)

[Palavras convergentes](#)

B. LINGUÍSTICA DESCRITIVA

B.1. Fonética e Fonologia

B.1.1. Sons e fonemas

[Fonema](#)

[Vogal](#)

[Semivogal](#)

[Consoante](#)

B.1.1.1. Caracterização dos sons

[Modo de articulação](#)

[Ponto de articulação](#)

[Vozeamento](#)

B.1.1.2. Sequências de sons

[Ditongo](#)

[Grupo consonântico](#)

[Hiato](#)

B.1.2. Prosódia/Nível prosódico

B.1.2.1. Características acústicas

[Tom](#)

[Duração](#)
[Intensidade](#)

B.1.2.2. [Sílabas](#)

Formatos de sílabas:

[Sílabas abertas](#)
[Sílabas fechadas](#)

Propriedades acentuais das sílabas:

[Sílabas tônicas](#)
[Sílabas átonas](#)

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas:

[Monossílabo](#)
[Dissílabo](#)
[Trissílabo](#)
[Polissílabo](#)

B.1.2.3. [Acento](#)

Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica:

[Palavras agudas](#)
[Palavras graves](#)
[Palavras esdrúxulas](#)

Propriedades acentuais das sílabas:

[Sílabas tônicas](#)
[Sílabas átonas](#)

B.1.2.4. [Entoação](#)

[Pausas](#)
[Pausas silenciosas](#)
[Pausas preenchidas](#)

B.1.3. [Processos fonológicos](#)

[Inserção de segmentos](#)
[Supressão de segmentos](#)
[Alteração de segmentos](#)
[Assimilação](#)
[Dissimilação](#)
[Nasalização](#)
[Ditongação](#)
[Redução vocálica](#)
[Crases](#)
[Metátese](#)

B.2. [Morfologia](#)

B.2.1. Palavra e constituintes da palavra

Palavra

Palavra simples

Palavra complexa

Constituinte morfológico

Radical

Afixo

Interfixo

Prefixo

Sufixo

B.2.2. Morfologia flexional

Flexão

Palavra variável

Palavra invariável

B.2.2.1. Flexão nominal e adjectival

Categorias relevantes para a flexão de nomes, determinantes, pronomes e adjectivos:

Constituinte temático

Índice temático

Género

Masculino

Feminino

Número

Singular

Plural

Caso

Nominativo

Acusativo

Dativo

Oblíquo

Grau

dos nomes

 aumentativo

 diminutivo

dos adjectivos (e advérbios)

 normal

 comparativo

 superlativo

Pessoa

Primeira

Segunda

Terceira

B.2.2.2. [Flexão verbal](#)

[Conjugação](#)

[Constituinte temático](#)

[Vogal temática](#)

[Primeira conjugação](#)

[Segunda conjugação](#)

[Terceira conjugação](#)

Categorias relevantes para a flexão de verbos:

[Pessoa](#)

Primeira

Segunda

Terceira

[Número](#)

Singular

Plural

[Tempo verbal](#)

Presente

Pretérito

Perfeito

Imperfeito

Mais-que-perfeito

Futuro

[Modo](#)

[Formas verbais finitas](#)

Indicativo

Conjuntivo

Condicional

Imperativo

[Formas verbais não finitas](#)

Infinitivo

Pessoal

Impessoal

Gerúndio

Particípio

Especificidades da flexão verbal:

[Amálgama](#)

Tipologia verbal

[Verbo regular](#)

[Verbo irregular](#)

[Forma forte](#)

[Forma fraca](#)

[Verbo defectivo](#)

[Verbo impessoal](#)

[Verbo unipessoal](#)

[Forma supletiva](#)

B.2.3. Processos morfológicos de formação de palavras

[Palavra simples](#)

[Palavra complexa](#)

[Base](#)

B.2.3.1. [Derivação](#)

Processos que envolvem adição de constituintes morfológicos:

[Afixação](#)

[Prefixação](#)

[Sufixação](#)

[Parassíntese](#)

Processos que não envolvem adição de constituintes morfológicos:

[Conversão](#)

[Derivação não-afixal](#)

B.2.3.2. [Composição](#)

[Composição morfológica](#)

[Composição morfossintáctica](#)

B.3. [Classes de palavras](#)

Itens lexicais:

[Palavra](#)

[Locução](#)

B.3.1. [Classe aberta de palavras](#)

[Nome](#)

Classes de nomes:

[Nome próprio](#)

[Nome comum](#)

[Nome contável](#)

[Nome colectivo](#)

[Nome não-contável](#)

[Nome colectivo](#)

[Verbo](#)

[Verbo principal](#)

Classes de verbos estabelecidas em função da presença e tipo de complementos:

[Verbo intransitivo](#)

[Verbo transitivo directo](#)

[Verbo transitivo indirecto](#)

[Verbo transitivo directo e indirecto](#)

[Verbo transitivo-predicativo](#)

[Verbo auxiliar](#)

[Verbo copulativo](#)

[Adjectivo](#)

Classes de adjectivos:

[Adjectivo relacional](#)

[Adjectivo qualificativo](#)

[Adjectivo numeral](#)

[Advérbio](#)

Classes de advérbios:

[Advérbio de predicado](#)

[Advérbio de frase](#)

[Advérbio conectivo](#)

[Advérbio de negação](#)

[Advérbio de afirmação](#)

[Advérbio de quantidade e grau](#)

[Advérbio de inclusão e exclusão](#)

[Advérbio interrogativo](#)

[Advérbio relativo](#)

[Interjeição](#)

B.3.2. [Classe fechada de palavras](#)

[Pronome](#)

Classes de pronomes:

[Pronome pessoal](#)

[Pronome demonstrativo](#)

[Pronome possessivo](#)

[Pronome indefinido](#)

[Pronome relativo](#)

[Pronome interrogativo](#)

[Determinante](#)

[Artigo](#)

[Artigo definido](#)

[Artigo indefinido](#)

[Determinante demonstrativo](#)

[Determinante possessivo](#)

[Determinante indefinido](#)

[Determinante relativo](#)

[Determinante interrogativo](#)

Quantificador

Quantificador universal

Quantificador existencial

Quantificador numeral

Quantificador interrogativo

Quantificador relativo

Preposição

Conjunção

Conjunção coordenativa

Conjunção subordinativa

B. 4. Sintaxe

B.4.1. Frase e constituintes da frase

Frase

Constituintes da frase:

Grupo nominal

Grupo adjectival

Grupo verbal

Complexo verbal

Grupo preposicional

Grupo adverbial

B.4.2. Funções sintácticas

Funções sintácticas ao nível da frase:

Sujeito

Sujeito simples

Sujeito composto

Sujeito nulo

Predicado

Modificador

Vocativo

Funções sintácticas internas ao grupo verbal:

Complemento

Complemento directo

Complemento indirecto

Complemento oblíquo

Complemento agente da passiva

Predicativo

Predicativo do sujeito

Predicativo do complemento directo

[Modificador](#)

Funções sintáticas internas ao grupo nominal:

[Complemento do nome](#)

[Modificador](#)

[Modificador restritivo](#)

[Modificador apositivo](#)

Funções sintáticas internas ao grupo adjectival:

[Complemento do adjectivo](#)

B.4.3. Tipos de frase

[\(Tipo de\) frase declarativa](#)

[\(Tipo de\) frase interrogativa](#)

[\(Tipo de\) frase exclamativa](#)

[\(Tipo de\) frase imperativa](#)

[Frase passiva](#)

[Frase activa](#)

B.4.4. Articulação entre constituintes e entre frases

[Frase simples](#)

[Frase complexa](#)

[Oração](#)

[Coordenação](#)

[Sindética](#)

[Assindética](#)

Coordenação entre frases:

[Oração coordenada](#)

[Oração coordenada copulativa](#)

[Oração coordenada disjuntiva](#)

[Oração coordenada adversativa](#)

[Oração coordenada conclusiva](#)

[Oração coordenada explicativa](#)

Subordinação:

[Subordinante](#)

[Oração subordinada](#)

[Oração subordinada substantiva](#)

[Oração subordinada substantiva completiva](#)

[Oração subordinada substantiva relativa](#)

[Oração subordinada adjectiva](#)

[Oração subordinada adjectiva relativa](#)

[Oração subordinada adjectiva](#)

[relativa restritiva](#)

[Oração subordinada adjectiva](#)

[relativa explicativa](#)

[Oração subordinada adverbial](#)

[Oração subordinada adverbial causal](#)
[Oração subordinada adverbial final](#)
[Oração subordinada adverbial temporal](#)
[Oração subordinada adverbial concessiva](#)
[Oração subordinada adverbial condicional](#)
[Oração subordinada adverbial comparativa](#)
[Oração subordinada adverbial consecutiva](#)

B.4.5. Processos sintáticos

[Concordância](#)

[Elipse](#)

B.5. Lexicologia

B.5.1. Léxico e vocabulário

[Léxico](#)

[Vocabulário](#)

[Expressão idiomática](#)

[Neologismo](#)

[Arcaísmo](#)

[Família de palavras](#)

B.5.2. Semântica lexical: significação e relações semânticas entre palavras

Significação lexical:

[Significante](#)

[Denotação](#)

[Conotação](#)

[Monossemia](#)

[Polissemia](#)

Relações semânticas entre palavras:

Relações de hierarquia:

[Hiperonímia](#)

[Hiponímia](#)

Relações de parte-todo:

[Holonímia](#)

[Meronímia](#)

Relações de semelhança/oposição:

[Sinonímia](#)

[Antonímia](#)

Estrutura lexical

[Campo lexical](#)

[Campo semântico](#)

B.5.3. Processos irregulares de formação de palavras

[Extensão semântica](#)

[Empréstimo](#)

[Amálgama](#)

[Sigla](#)

[Acrônimo](#)

[Onomatopeia](#)

[Truncação](#)

B.6. [Semântica](#)

[Significado](#)

B.6.1. Conteúdo proposicional

[Referência](#)

[Predicação](#)

[Polaridade](#)

Outros valores semânticos que contribuem para conteúdo proposicional:

[Especificidade](#)

[Genericidade](#)

B.6.2. Valor temporal

[Tempo](#)

B.6.3. Valor aspectual

[Aspecto](#)

[Aspecto lexical](#)

[Aspecto gramatical](#)

Classes aspectuais:

[Evento](#)

[Situação estativa](#)

B.6.4. Valor modal

[Modalidade](#)

C. ANÁLISE DO DISCURSO, RETÓRICA, PRAGMÁTICA E LINGUÍSTICA TEXTUAL

C.1. Análise do discurso e áreas disciplinares correlatas

[Análise do discurso](#)

[Retórica](#)

[Pragmática](#)

[Linguística textual](#)

C.1.1. Comunicação e interacção discursivas

[Emissor](#)

[Locutor](#)
[Interlocutor](#)
[Destinatário](#)
[Ouvinte](#)
[Receptor](#)
[Contexto](#)
[Enunciação](#)
[Enunciado](#)
[Enunciador](#)
[Deixis](#)
[Discurso](#)
[Universo de discurso](#)
[Interdiscurso / Interdiscursividade](#)
[Diálogo](#)
[Monólogo](#)
[Dialogismo](#)
[Polifonia](#)
[Informação](#)
[Enciclopédia](#)
[Acto de fala](#)
 [Acto de fala directo](#)
 [Acto de fala indirecto](#)
[Acto locutório](#)
[Acto ilocutório](#)
[Acto perlocutório](#)
[Competência discursiva](#)
[Estratégia discursiva](#)
[Oralidade](#)
[Escrita](#)
[Registo formal / informal](#)
[Marcadores discursivos](#)
[Conectores discursivos](#)

C.1.1.1. Princípios reguladores da interacção discursiva

[Cooperação \(princípio de\)](#)
 [Cortesia \(princípio de\)](#)
 [Pertinência \(princípio de\)](#)
 [Máximas conversacionais](#)
 [Formas de tratamento](#)

C.1.1.2. Reprodução do discurso no discurso

[Citação](#)
 [Discurso directo](#)
 [Discurso directo livre](#)
 [Discurso indirecto](#)

[Discurso indirecto livre](#)

C.1.1.3. Processos interpretativos inferenciais

[Pressuposição](#)

[Implicação](#)

[Implicaturas conversacionais](#)

C.1.2. Texto

[Texto / textualidade](#)

[Co-texto](#)

[Macroestruturas textuais](#)

[Microestruturas textuais](#)

[Coesão textual](#)

[Anáfora](#)

[Catáfora](#)

[Co-referência não anafórica](#)

[Coerência textual](#)

[Isotopia](#)

[Tema / rema](#)

[Progressão temática](#)

[Configuração](#)

[Paráfrase](#)

[Sentido](#)

[Digressão](#)

[Plurissignificação](#)

[Intertexto / intertextualidade](#)

[Hipertexto](#)

[Metatexto](#)

[Tipologia textual](#)

[Sequência textual](#)

[Autor](#)

[Leitor](#)

[Plano do texto](#)

[Pacto de leitura](#)

[Fragmento](#)

[Estilo](#)

[Ritmo](#)

[Exórdio](#)

[Epílogo](#)

[Paratexto](#)

[Título](#)

[Prefácio](#)

[Posfácio](#)

[Epígrafe](#)

C.1.3. Instrumentos e operações da retórica

C.1.3.1. Figuras de retórica e tropos

[Figura](#)

[Tropo](#)

[Alegoria](#)

[Aliteração](#)

[Alusão](#)

[Anacoluto](#)

[Anáfora](#)

[Antítese](#)

[Antonomásia](#)

[Apóstrofe](#)

[Comparação](#)

[Enumeração](#)

[Eufemismo](#)

[Gradação](#)

[Hipálage](#)

[Hipérbato](#)

[Hipérbole](#)

[Imagem](#)

[Ironia](#)

[Lítotes](#)

[Metáfora](#)

[Metonímia](#)

[Oxímoro](#)

[Paradoxo](#)

[Perífrase](#)

[Personificação](#)

[Pleonasmo](#)

[Preterição](#)

[Prosopopeia](#)

[Quiasmo](#)

[Sarcasmo](#)

[Símbolo](#)

[Sinestesia](#)

[Sinédoque](#)

C.1.3.2 Operações retóricas

[Invenção](#)

[Disposição](#)

[Elocução](#)

[Memorização](#)

[Acção](#)

C.1.3.3 Retórica argumentativa

Argumentação

D. LEXICOGRAFIA

D.1. Obras lexicográficas

Dicionário

Dicionário monolíngue

Dicionário de aprendizagem

Dicionário de sinónimos

Dicionário etimológico

Dicionário bilingue

Glossário

Enciclopédia

Terminologia

Thesaurus

D.2. Informação lexicográfica

Entrada

Artigo

Acepção

Definição

Remissão

Abonação

Termo

E. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

E.1. Grafia

Letras, acentos e diacríticos:

Letra

Alfabeto

Dígrafo

Diacríticos:

Acento gráfico

Acento agudo

Acento grave

Circunflexo

Til

Trema

Cedilha

Sinais gráficos:

Hífen

[Apóstrofo](#)

E.2. Pontuação e sinais auxiliares de escrita

[Sinais de pontuação](#)

[Ponto \(final\)](#)

[Ponto de interrogação](#)

[Ponto de exclamação](#)

[Dois pontos](#)

[Ponto e vírgula](#)

[Vírgula](#)

[Reticências](#)

[Travessão](#)

[Sinais auxiliares de escrita](#)

E.3. Configuração gráfica

[Tipos de Letra](#)

[Letra de imprensa](#)

[Letra manuscrita](#)

[Letra maiúscula](#)

[Letra minúscula](#)

[Abreviatura](#)

[Alínea](#)

[Parágrafo](#)

[Período](#)

[Espaço](#)

[Margem](#)

[Formas de destaque](#)

E.4. Convenções e regras para a representação gráfica

[Ortografia](#)

[Regras Ortográficas](#)

[Regras de Acentuação Gráfica](#)

[Regras de Translineação](#)

E.5. Relações entre palavras escritas e entre grafia e fonia

[Homonímia](#)

[Homofonia](#)

[Homografia](#)

[Paronímia](#)

5. Definições dos termos por domínio

DOMÍNIO A: LÍNGUA, COMUNIDADE LINGUÍSTICA, VARIAÇÃO E MUDANÇA

Conhecimento da língua e do seu uso pelos falantes, variação (geográfica, social...), normalização.

Termos por ordem alfabética:

Adstrato

Língua que sobrevive ao lado daquela ou daquelas com as quais estabelece um [contacto](#) linguístico motivado por uma invasão territorial. Nome do tipo de relação, superficial, que entre as duas línguas se estabelece.

Bilinguismo

Característica de um [falante](#) ou de uma [comunidade linguística](#) que tem [competência linguística](#) em duas línguas diferentes. Calcula-se que cerca de 70% da população mundial é bilingue ou [multilingue](#).

Competência linguística

Capacidade intuitiva que o [falante](#) tem de usar a sua [língua materna](#), decorrente do processo natural de aquisição da linguagem.

Competência metalinguística

Capacidade que um [falante](#) tem de manipular e reflectir sobre unidades, processos e regras da gramática da sua língua. O desenvolvimento pleno da competência metalinguística depende, em grande parte, de instrução explícita e formal.

Comunidade linguística

Conjunto de [falantes](#) que utilizam uma mesma língua (que não é obrigatoriamente a [língua materna](#) de todos) para comunicarem entre si.

Contacto de línguas

Situação de coexistência de duas ou mais línguas numa mesma região ou numa mesma [comunidade linguística](#).

Por contacto, os [falantes](#) podem introduzir na língua que falam, de forma consciente ou inconsciente, traços de uma língua diferente da sua.

Os efeitos do contacto, se forem extremos, levam ora ao nascimento de novas línguas, como acontece com os [crioulos](#), ora à imposição total de uma língua a falantes, normalmente habitantes de territórios invadidos, que abandonam a sua [língua materna](#), a qual, em último caso, se pode converter numa língua morta.

Crioulo

Língua natural de formação rápida, que nasce de uma situação de [contacto](#) linguístico e se forma pela adopção de um pidgin como [língua materna](#). O pidgin original resulta do contacto prolongado entre falantes que, revelando necessidade de comunicarem entre si, não dispõem,

contudo, de uma língua em comum. Nestas circunstâncias, é comum que os falantes das línguas de [substrato](#), dispostos de menos poder na comunidade, adotem léxico da língua de [superstrato](#), esta falada pelos que, na comunidade multilingue, estão investidos de um estatuto social superior. O crioulo resulta do processo necessariamente acompanhado da expansão e complexificação do pidgin assim constituído. Os crioulos nascem da necessidade de expressão e comunicação plena entre sujeitos [falantes](#) inseridos em comunidades [multilingues](#) relativamente estáveis.

Crioulos de base lexical portuguesa

[Crioulos](#) originados pelo contacto entre [falantes](#) portugueses e falantes de línguas não-europeias e formados ao longo dos primeiros séculos da expansão portuguesa para fora da Europa. Classificam-se segundo critérios político-geográficos: [Crioulos](#) Africanos da Alta Guiné (de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e de Casamansa), Crioulos Africanos do Golfo da Guiné (de S. Tomé, Príncipe e Ano Bom), Crioulos Indo-Portugueses da Índia e Indo-Portugueses do Sri-Lanka, Crioulos Malaio-Portugueses, Crioulos Sino-Portugueses. Na América, o Papiamento de Curaçau, Aruba e Bonaire tem base portuguesa e castelhana e o Saramacano do Suriname, de base inglesa, tem também influência do [léxico](#) português.

Étimo

[Palavra](#) da qual deriva, diacronicamente, outra palavra.

Etimologia

1. Estudo da origem e evolução das [palavras](#).
2. Origem e evolução de uma palavra.

Factores externos

Causas da [mudança linguística](#) exteriores à estrutura de uma língua. Os factores externos de [mudança](#) incluem, sobretudo, a interferência de línguas ou de dialectos vizinhos, ou seja, uma influência de [contacto](#) e condições históricas como a emergência de diferentes formas de comunicação ou, em geral, a alteração de condições políticas, culturais, sociais ou psicolinguísticas.

Factores internos

Condições de [mudança linguística](#) que se encontram dentro da própria estrutura de uma língua.

Falante

Sujeito considerado enquanto utilizador de uma língua, possuidor de um conhecimento linguístico ou elemento de uma [comunidade linguística](#). O termo é sinónimo de falante-ouvinte.

Famílias de línguas

Grupos de línguas cuja coesão resulta de todas partilharem um antepassado comum, unindo-se, desta forma, numa relação de parentesco. Dentro da família, considera-se que as línguas mais próximas pertencem ao mesmo ramo.

Gramaticalização

Processo de [mudança linguística](#) pelo qual uma [palavra](#) muda de estatuto morfológico: deixa de ser uma palavra lexical e torna-se uma palavra ou [morfema](#) funcional ou gramatical.

As formas verbais “devido” e “visto” sofreram um processo de gramaticalização, integrando as [locuções](#) conjuncionais “devido a” e “visto que”.

Língua estrangeira

Língua que, tomado determinado país, não é [língua materna](#) de nenhuma comunidade antiga, nem tem, nesse país, um reconhecimento [oficial](#). Por vezes, este termo é usado como sinónimo de [língua segunda ou L2](#).

Língua materna

Língua com a qual um [falante](#) entra em contacto na infância, e que adquire em ambiente natural.

Língua oficial

Língua usada no contacto de um cidadão com a administração do seu país. Em países com uma situação próxima do monolinguismo, a língua oficial coincide com a língua nacional.

Língua padrão

Variedade social e/ou regional de uma língua ([falada](#) e [escrita](#)) que foi legitimada historicamente enquanto meio de comunicação entre os [falantes](#) de estatuto sociocultural elevado de uma [comunidade linguística](#). É sinónimo de norma padrão.

Língua segunda, L2

[Língua materna](#) de uma comunidade que, sobretudo por razões de imigração ou de [multilinguismo](#), é aprendida por outros [falantes](#) da mesma comunidade a um nível secundário em relação à sua primeira língua.

É frequente o uso do termo “língua não materna” como equivalente de língua segunda, sobretudo quando refere uma língua que é aprendida em contexto escolar por falantes que não a têm como língua materna.

Mudança irregular (esporádica)

[Mudança](#) que não obedece a um princípio de regularidade. Verifica-se ao nível fonético, sobretudo com [dissimilações](#) e [metáteses](#), e ao nível [lexical](#), com as [etimologias](#) populares. A etimologia popular é uma forma de mudança analógica.

Exemplos de dissimilação: ROTUNDA (lat.)>rodonda>redonda (por.); em [português contemporâneo](#), as expressões “Madre de Deus” e “Conde de Redondo” pronunciam-se, no discurso [informal](#), com a supressão de um “de”, “Madre Deus” e “Conde Redondo”, para evitar a sequência de+de.

Exemplos de metátese: atinge muito comumente a líquida /r/, que tende, mais uma vez no discurso familiar, a formar grupo consonântico com um som próximo: cf. "pertencer" vs. "pretencer", "apertar" vs. "apretar" ou "tornar" vs. "tronar"

A extensão analógica cria alternância nos paradigmas; o singular de "ténis" ocorre com frequência, em contexto de desvio à norma, analogicamente, como "têni" para eliminar um singular que apresenta a irregularidade de ter a mesma terminação "s" do plural.

A nivelção analógica diminui a alternância nos paradigmas; uma segunda pessoa do singular do pretérito perfeito de um verbo português ocorre, em contexto de desvio à norma, analogicamente, com uma terminação "s" (tu fizestes) para se aproximar formalmente das terminações da mesma pessoa nos outros tempos verbais (tu fazes, tu fazias, tu farás).

Mudança linguística

Fenómeno que resulta da projecção da língua de uma comunidade na história dessa comunidade e das suas comunidades descendentes. Fruto da mudança linguística, a língua do passado é diferente da língua do presente. A disciplina que estuda essa diferença é a linguística histórica. A mudança linguística observa-se a todos os níveis gramaticais e resulta da combinação de diferentes factores de mudança: os factores internos, que são constituídos pela própria estrutura da língua, e os factores externos, de natureza sobretudo geográfica e social. É através da variação social que a mudança linguística se propaga numa comunidade.

As frases medievais em português podiam apresentar um tipo de negação (negação expletiva) que entretanto quase desapareceu, fruto da mudança sintáctica. Ex: «E assi escapou o comde Joham Fernandez de nom seer morto» (Ali 1964).

Vários nomes medievais portugueses sofreram uma mudança morfológica passando a receber novos morfemas de género. Ex: "a senhor">"a senhora".

Em virtude de mudanças fonológicas - crase, epêntese, ditongação e semivocalização - as sequências de duas vogais nas palavras do português antigo desapareceram em grande número. Ex: pee>pé, ãa>uma, cadêa>cadeia.

Mudança regular

Mudança que atinge os sons de uma língua, i.e., mudança fonética ou fonológica, e que parece obedecer a um princípio de regularidade: o mesmo som, numa dada língua, por vezes em contexto fonético determinado, evolui no mesmo sentido em todas as palavras dessa língua durante um certo período de tempo.

Por mudança fonológica regular, as vogais breves tónicas latinas /e/ e /o/ resultaram em português em vogais /e/ e /o/ abertas, desde que o contexto fonético fosse propício. Ex: FERRU>ferro, PORTA>porta, mas PORTU>porto, com /o/ não aberto, porque numa sílaba vizinha estava a vogal /u/, que interferiu na mudança.

Multilinguismo

À escala do indivíduo, capacidade do [falante](#) para se exprimir em várias línguas com um desempenho semelhante. À escala comunitária, refere-se à situação em que, num território politicamente definido, coexistem várias línguas.

Normalização linguística

Resultado do processo segundo o qual uma [variedade social](#) e/ou [geográfica](#), convertida em [língua padrão](#), se torna num meio público de comunicação: a escola e os meios de comunicação passam a controlar a observância da sua gramática, da sua pronúncia e da sua [ortografia](#).

A língua padrão em Portugal, aquela que a escola, a televisão, a rádio e os jornais difundem, é a variedade de Lisboa. Há algumas décadas, conservado ainda o prestígio ancestral da Universidade de Coimbra, considerava-se que a língua padrão era a variedade de um eixo imaginário Lisboa-Coimbra.

Palavras convergentes

[Palavras](#) que apresentam a mesma forma, apesar de terem [étimos](#) diferentes.

A forma verbal "são" e "são" - sinónimo de "santo" - são palavras convergentes, porque, embora tenham a mesma forma, derivam de étimos diferentes.

Palavras divergentes

[Palavras](#) que apresentam forma diferente, apesar de terem o mesmo [étimo](#).

"mancha" e "mácula" são palavras divergentes, porque ambas derivam do étimo latino "macula".

Português antigo

Nome convencional para designar a fase da língua portuguesa falada durante a Idade Média entre o século XII (época em que se começaram a redigir textos em português) e o século XV. É sinónimo de português arcaico e de galaico-português. A fase anterior da língua portuguesa, possivelmente falada logo desde os séculos VI e VII no Noroeste da Península Ibérica, chama-se "romance galego-português".

Trecho do texto original mais antigo que se conhece, datado, escrito em português, a "Notícia de fiadores de Paio Soares Romeu", de 1175: "Istos fiadores atan .v. annos que se partia de isto male q(ue) li avem".

Português clássico

Nome convencional para designar a fase do português europeu falada durante a Idade Moderna, ou seja, entre os séculos XVI e XVIII.

Português contemporâneo

Nome convencional para designar a fase do português europeu falada a partir do século XIX.

Substrato

Língua indígena desaparecida como resultado do [contacto](#) com uma língua invasora. Conjunto de vestígios linguísticos deixados por essa língua naquela que se lhe sobrepôs.

No processo de formação de um [crioulo](#), é a designação dada às línguas maternas dos falantes que criam o pidgin que o precede.

substrato pré-romano na Península Ibérica

Superstrato

Língua de invasores que desaparece no [contacto](#) com uma língua indígena. Conjunto de vestígios linguísticos deixados por essa língua na do território dominado.

No processo de formação de um [crioulo](#), é a designação dada à língua que fornece a respectiva base lexical.

línguas germânicas, de suevos e visigodos, na Península Ibérica

Tipos de mudança

Resultado da interpretação teórica dos fenómenos de [mudança linguística](#), tomando em atenção o processo (regular ou irregular) segundo o qual ela actua e as áreas da gramática que afecta.

Variação

Propriedade que as línguas têm de se diferenciarem em função da [geografia](#), da [sociedade](#) e do [tempo](#), dando origem a variantes e a variedades linguísticas.

Variação histórica

Resultado da [mudança linguística](#). Consiste no contraste entre a gramática antiga de uma língua e uma gramática posterior dessa mesma língua.

Não é necessário esperar séculos para que se possa observar uma variação histórica ou diacrónica. Numa mesma língua e numa mesma época, podem coexistir duas gramáticas com regras diferentes, sendo que uma delas é [arcaizante](#) e a outra já apresenta o resultado de uma mudança linguística. Neste caso, as diferenças observadas na língua dos [falantes](#) das duas gramáticas chamam-se mudanças em curso.

Variedades africanas

Português falado em África. O português de Angola (só o de Luanda) e o de Moçambique são as duas variedades africanas de língua portuguesa que têm sido alvo de descrição e, portanto, as únicas sobre as quais se podem fazer afirmações.

Exemplos da morfologia e da sintaxe do português de Luanda:

- [Morfema](#) de [plural](#) junto do [nome](#), mas em posição pré-nominal: «os pé», ou melhor, «o s-pé» é plural de «o pé».

- [Pronomes dativo](#) e [acusativo](#) com a mesma forma: «-Você pensa que não lhe conheço».

Variedade brasileira

Português falado no Brasil, sujeito a uma [variação geográfica](#) que separa, sobretudo, os estados do litoral acima do estado da Bahia (inclusive) dos que estão abaixo.

Exemplos da sintaxe e da semântica da variedade brasileira do português:

Um [nome](#) singular pode ter um valor [genérico](#):

“Criança gosta de suco”.

Os [pronomes pessoais](#) átonos ocorrem à esquerda dos [verbos principais](#):

“Eu tinha já lhe dado uma flor.”

Variedade europeia

Português falado em Portugal continental e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, dividido dialectalmente em dois grandes grupos (setentrional e centro-meridional) e aceitando a variedade de Lisboa como [língua padrão](#).

Variedades do português

Resultado linguístico da história de Portugal: da independência no século XII, da Reconquista terminada no século XIII, da expansão extra-europeia a partir do século XV e do esforço colonizador em África, na América e na Ásia durante toda a Idade Moderna. Ao longo desta história, a população de [língua materna](#) portuguesa entrou em contacto com [falantes](#) de outras línguas e daí resultaram diferentes variedades do português: [variedade europeia](#), [variedades africanas](#) e [variedade brasileira](#).

Variedades geográficas

Diferentes formas que uma mesma língua assume ao longo da sua extensão territorial. A estas variedades chama-se também "dialectos regionais" ou, simplesmente, "dialectos".

Variedades situacionais

Resultado da capacidade dos [falantes](#) para adaptarem o estilo de linguagem à situação de comunicação que enfrentam. Essa capacidade chama-se "competência comunicativa". A existência de variedades situacionais conduz quase sempre a comentários prescritivos, ou de autoridade, sobre o que, na língua, é "correcto" ou "incorrecto".

Variedades sociais

Também chamadas "sociolectos" ou "dialectos sociais", são variedades de uma língua usadas por [falantes](#) que pertencem ao mesmo grupo social. Entre estes falantes há uma partilha de ambiente sociocultural ou educacional. A disciplina que estuda as variedades sociais da língua ("sociolinguística") considera uma série de factores sociais de [variação](#) (chamados "variáveis extralinguísticas"): classe social, nível de instrução, tipo de educação, idade, sexo, origem étnica, etc.

B. LINGUÍSTICA DESCRITIVA

DOMÍNIO B.1: FONÉTICA E FONOLOGIA

Fonética: é a ciência que estuda as características físicas, articulatórias, acústicas e perceptivas da produção, propagação e percepção dos sons da fala, fornecendo métodos para a sua descrição e classificação. A fonética divide-se em três grandes ramos: fonética articulatória, fonética acústica e fonética perceptiva.

Fonologia: é a disciplina da linguística que estuda os sistemas sonoros das línguas. Da variedade de sons que o aparelho vocal humano pode produzir só um número relativamente pequeno é usado distintivamente em cada língua. Os sons estão organizados num sistema de contrastes, analisados em função de diferentes constituintes fonológicos, como, por exemplo, o [fonema](#) ou a [sílabas](#).

Termos por ordem alfabética:

Acento

Grau de proeminência de uma [sílabas](#) numa determinada sequência fonética.

A sílabas "ne" da palavra "panela" possui acento.

Alteração de segmentos

Mudança na qualidade dos [segmentos](#).

A [assimilação](#) e a [dissimilação](#) são exemplos de processos que envolvem a alteração de segmentos.

Assimilação

[Processo fonológico](#) em que um segmento fonético se identifica com um segmento vizinho ou dele se aproxima, ao adquirir um traço ou traços fonéticos desse segmento vizinho.

Na pronúncia da palavra "muito", o ditongo é pronunciado como nasal [mũ̃ʃtu], porque assimila a nasalidade da consoante inicial.

Consoante

Som produzido com uma obstrução ou estreitamento do tracto vocal em que a passagem do ar é total ou parcialmente bloqueada.

As consoantes podem distinguir-se pelo seu [ponto de articulação](#). Podem ser bilabiais (como em "pá", "bê" e "mau"), labiodentais (como em "fé" e "vão"), dentais (como em "tu", "dou", "sé" e "zê"), alveolares (como em "no", "lá" e "aro"), palatais (como em "chá", "já", "lhe" e "unha"), velares (como em "cá" e "água") ou uvulares (como em "rei").

As consoantes podem distinguir-se ainda pelo seu modo de articulação, podendo ser oclusivas orais (como em “pá”, “bê”, “tu”, “dou”, “cá” e “água”), fricativas (como em “fé”, “vão”, “sé”, “zé”, “chá” e “já”), laterais (como em “lhe” e “unha”), vibrantes (como em “aro” e “rei”) e oclusivas nasais (como em “mau”, “no” e “unha”).

Finalmente, as consoantes podem distinguir-se quanto ao vozeamento, podendo ser surdas (como em “pá”, “tu”, “cá”, “fé”, “sé” e “chá”) ou sonoras (como nos restantes casos).

Crase

Contração ou fusão de duas vogais em uma só.

Fusão da preposição “a” e do artigo “a” em “à”.

Dissílabo

Palavra constituída por duas sílabas.

A palavra “tela”.

Dissimilação

Processo fonológico em que um segmento fonético perde um ou mais traços fonéticos que tinha em comum com um segmento vizinho, diferenciando-se dele.

A produção da primeira vogal de “telha” no dialecto de Lisboa.

Ditongação

Processo fonológico em que uma vogal se desdobra em dois segmentos, i.e., produz-se uma diferenciação tímbrica no interior do segmento vocálico, dando origem ao aparecimento de uma semivogal em posição pré ou pós vocálica.

Na derivação das terceiras pessoas do plural dos verbos em português deu-se uma ditongação da vogal nasal final da palavra. Há casos especiais de dupla ditongação no presente do indicativo, como acontece com os verbos “ter” e “ver”.

Ditongo

Sequência no interior de uma sílabas, formada por uma vogal e uma semivogal (ditongo decrescente), ou por uma semivogal e uma vogal (ditongo crescente).

A sequência final da palavra “pai” corresponde à produção [aj] e constitui um ditongo decrescente.

A sequência inicial da palavra “quatro”, produzida como [wa], constitui um ditongo crescente.

Duração

Quantidade de tempo durante o qual uma unidade linguística é produzida. Fonologicamente, determina a quantidade dos sons.

Em línguas com [vogais](#) breves e vogais longas, como o latim, as primeiras têm uma duração menor e as segundas, uma duração maior. Em português, a duração deixou de ter uma função distintiva.

Entoação

Utilização de diferentes tons em sequência, em interação com os diferentes sons e a sua organização [acentual](#). A entoação de uma [palavra](#), grupo de palavras ou [frase](#) tem funções sintáticas, semânticas, pragmáticas e de comunicação de atitudes pessoais (por exemplo: alegria, raiva, surpresa). A variação dos tons em sequência forma uma curva entoacional.

A [frase](#) "Vamos embora" pode ser produzida com uma entoação declarativa, uma entoação interrogativa, uma entoação exclamativa ou uma entoação persuasiva.

Fonema

Unidade mínima do sistema fonológico, que pode também designar-se como segmento. Dois sons que, substituídos um pelo outro no mesmo contexto, permitem distinguir [significados](#), são fonemas de uma língua.

O /p/ de "pata" e o /b/ de "bata" são fonemas do português.

Grupo consonântico

Duas [consoantes](#) sucessivas que pertencem à mesma [sílabas](#).

A sequência [pr] da sílaba inicial da [palavra](#) "pra.to".

Hiato

Sequência de duas [vogais](#) que pertencem a [sílabas](#) diferentes.

A sequência [a.u] na [palavra](#) "ba.ú".

Inserção de segmentos

[Processo fonológico](#) em que um novo som ou [segmento](#) passa a ser articulado, em posição inicial (prótese), medial (epêntese) ou final (paragoge) de [palavra](#).

Inserção da [semivogal](#) [j] entre o [artigo](#) e o [nome](#) da sequência "a[j]água", em algumas zonas do país.

Intensidade

Quantidade de energia acústica de um som. A intensidade depende das variações na pressão do ar. A sua unidade de medida é o decibel (db). Fonologicamente, a intensidade, em conjunto com outras propriedades fonéticas, pode concorrer para a identificação do [acento](#) em línguas como o português.

Metátese

Transposição de [segmentos](#) ou [sílabas](#) no interior de uma [palavra](#).

A troca de sílabas em "estômago" > "estôgamo", ou a troca de segmentos em "prateleira" > "parteleira" em algumas variedades sociais.

Modo de articulação

Um dos principais parâmetros de classificação dos sons da fala. Refere-se à forma como o ar atravessa as cavidades supraglotais, na produção dos sons, nomeadamente à presença ou ausência de constrição no tracto vocal e ao grau de constrição. O modo de articulação permite distinguir, por exemplo, [consoantes](#) oclusivas, fricativas, laterais ou vibrantes.

Modo de articulação oclusivo: /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/.

Modo de articulação fricativo: /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/.

Monossílabo

[Palavra](#) constituída por uma única [sílabo](#).

A palavra "dois".

Nasalização

[Processo fonológico](#) em que uma [vogal](#) oral adquire nasalidade, por influência de outro som nasal. É um caso particular de [assimilação](#).

manum>mãnu>mão.

Nível prosódico

Um dos dois níveis de [análise fonológica](#) das línguas. No nível prosódico, analisam-se os fenómenos fonéticos e fonológicos que envolvem unidades mais vastas do que os fonemas, como a sílaba, a palavra ou a frase. É no nível prosódico que se estudam os processos entoacionais, rítmicos ou o acento, que muitas vezes se manifestam através de variações de [tom](#), [duração](#) e [intensidade](#).

No âmbito da prosódia, estudam-se, por exemplo, fenómenos como a co-articulação de sons em fronteiras de palavras (como na queda da vogal final de "belo" na sequência "belo artista") ou o comportamento de palavras sem acento próprio como os pronomes átonos.

Palavra aguda

[Palavra](#) cujo [acento](#) recai na última [sílabo](#).

A palavra "peru".

O mesmo que "palavra oxítone".

Palavra esdrúxula

[Palavra](#) cujo [acento](#) recai na antepenúltima [sílabo](#).

A palavra "linguística".

O mesmo que palavra “proparoxítona”.

Palavra grave

Palavra cujo acento recai na penúltima sílaba.

A palavra “panela”.

O mesmo que palavra “paroxítona”.

Pausa

Intercepção na produção do discurso, que pode corresponder a uma suspensão de voz (pausa silenciosa) ou a uma articulação não linguística por hesitação (pausa preenchida).

Interrupção da produção no final da sequência “Não vou trabalhar”.

Pausa preenchida

Pausa entre constituintes sintácticos e/ou entoacionais que envolve tipicamente o uso da vogal central [ɐ] e da consoante bilabial nasal [m], quer autonomamente, quer em combinação e com durações variadas.

Interrupção na produção da sequência “Hoje [m:] não vou trabalhar”.

Pausa silenciosa

Pausa não preenchida com suspensão de emissão de voz, mas funcional do ponto de vista da organização entoacional de um enunciado. Permite, muitas vezes, distinguir constituintes sintácticos e/ou entoacionais.

Interrupção da produção sem produção de qualquer som, assinalada graficamente com reticências, na sequência “Hoje... não vou trabalhar”.

Polissílabo

Palavra constituída por mais de três sílabas.

A palavra “linguística”.

Ponto de articulação

Um dos parâmetros de classificação dos sons da fala. Refere-se ao local, no tracto vocal, onde ocorre a articulação dos sons. O ponto de articulação permite distinguir, por exemplo, consoantes bilabiais, dentais, palatais ou velares.

Ponto de articulação labial (/p/, /b/, /m/) ou dental (/t/, /d/).

Processos fonológicos

Termo usado para referir as modificações sofridas pelos segmentos em diversas circunstâncias contextuais (no início e no final das palavras, junto de vogal acentuada, etc.).

Assimilação e dissimilação.

Redução vocálica

Processo fonológico que consiste no enfraquecimento de uma vogal em posição átona.

A primeira vogal de "bolo" sofre uma redução em "bolinho". O mesmo sucede nos pares "medo"/"medroso" e "mata"/"matagal".

Semivogal

Som produzido com características articatórias e acústicas semelhantes às das vogais e que ocorre junto de uma vogal formando com ela um ditongo. Uma semivogal nunca pode receber acento. A semivogal também pode designar-se glide.

Semivogais:

som final [j] da palavra "pai";

som final [w] da palavra "mau".

Sílaba

Unidade estruturada e organizada que agrupa os sons dentro da palavra. Pode incluir um ou mais sons, como nas sílabas da palavra *a-pro-vei-tar*. Dentro da sílaba, os sons podem ocorrer no ataque da sílaba (consoante(s) à esquerda da vogal), no núcleo da sílaba (vogal ou ditongo) ou na coda da sílaba (consoante à direita da vogal). O núcleo e a coda constituem a rima da sílaba.

Na palavra "casa", as sílabas são "ca" e "sa".

Sílaba aberta

Sílaba que não termina em consoante.

As sílabas das palavras "casa" e "boi".

Sílaba átona

Qualquer sílaba que não apresenta proeminência relativa no nível prosódico da palavra ou da frase, ou seja, que não possui acento.

A sílaba "sa" da palavra "casa".

Sílaba fechada

Sílaba que termina em consoante.

A sílaba "sar" da palavra "casar".

Sílaba tónica

Sílaba que apresenta proeminência relativa no nível prosódico da palavra ou da frase.

A sílaba "ca" da palavra "casa".

Supressão de segmentos

Processo fonológico em que um segmento deixa de ser articulado, em posição inicial (aférese), medial (síncope) ou final (apócope) de palavra.

Na produção da vogal final da palavra "lume" em [lúm].

Tom

Atributo da sensação auditiva de acordo com o qual um som pode ser ordenado numa escala de grave a agudo. Acusticamente, corresponde à frequência dos sons.

A voz infantil é considerada aguda; a voz dos adultos é mais grave do que a das crianças.

Trissílabo

Palavra constituída por três sílabas.

A palavra "cavalo".

Vogal

Som produzido sem uma obstrução do tracto vocal. Em português, foneticamente, é possível identificar catorze vogais, que se distinguem em função do seu ponto de articulação (estabelecendo-se distinções através dos movimentos da língua e dos lábios), bem como da passagem ou não de ar pela cavidade nasal.

As vogais de "pó", "dor" e "no" são arredondadas (projectão dos lábios).

As vogais de "pá", "da" e "de" são recuadas (reco da língua).

As vogais de "lí", "do" e "de" são altas (elevação da língua).

As vogais de "lé", "da" e "dor" são médias (língua em repouso).

As vogais de "pá", "pó" e "pé" são baixas (descida da língua).

As vogais correspondentes aos sublinhados em "sã", "dente", "fim", "som" e "um" são nasais; as restantes vogais do Português são orais.

Vozeamento

Um dos parâmetros de classificação dos sons da fala. Refere-se à existência ou não de vibração das cordas vocais. O vozeamento permite distinguir, por exemplo, consoantes sonoras (produzidas com vibração das cordas vocais) de surdas (produzidas sem vibração das cordas vocais).

As consoantes oclusivas podem ser sonoras (/b/, /d/, /g/) ou surdas (/p/, /t/, /k/), segundo são produzidas com ou sem vibração das cordas vocais.

DOMÍNIO B.2: MORFOLOGIA

Disciplina da linguística que descreve e analisa a estrutura interna das [palavras](#) e os processos morfológicos de variação e de formação de palavras.

Termos por ordem alfabética:

Afixação

Processo morfológico que consiste na associação de um [afixo](#) a uma forma de [base](#). Como existem vários tipos de afixos, também existem vários tipos de afixação, destacando-se a [prefixação](#) e a [sufixação](#). A [flexão](#) e a [derivação](#) são processos morfológicos realizados por afixação.

Afixo

Constituinte que ocorre obrigatoriamente associado a uma forma de [base](#). Em português, os afixos subdividem-se em [prefixos](#), [sufixos](#) e [interfixos](#), consoante a posição que ocupam na estrutura da [palavra](#). Os afixos podem participar em processos de [flexão](#) ou [derivação](#).

Amálgama

[Sufixo](#) de [flexão verbal](#) que acumula valores de [tempo](#), [modo](#), [pessoa](#) e [número](#) ou uma combinação destas categorias.

O [sufixo](#) -ste em "cantaste" é, simultaneamente, marcador de pretérito perfeito do indicativo e de [segunda pessoa do singular](#).

Base

[Constituinte morfológico](#), que inclui obrigatoriamente um [radical](#), a partir do qual se formam novas [palavras](#).

"doc-" é a base para "adoçar"; "adoça-" é a base para "adoçante".

Caso

Variação morfológica que uma [expressão nominal](#) ou [pronominal](#) assume de acordo com a sua função sintáctica. Em português, apenas os [pronomes pessoais](#) variam em caso.

"eu" é a forma nominativa do pronome pessoal, na 1ª [pessoa](#) do [singular](#), alternando com as formas acusativa "-me", dativa "-me" e oblíqua "mim".

"ele" é a forma nominativa do pronome pessoal [masculino](#), na 3ª [pessoa](#) do [singular](#), alternando com as formas acusativa "-o" e dativa "-lhe".

Composição

Processo morfológico de formação de [palavras](#) que recorre à associação de duas ou mais formas de [base](#). Em português, há dois tipos frequentes de composição: a [composição morfológica](#) e a [composição morfossintáctica](#).

Composição morfológica

Processo de [composição](#) que associa um [radical](#) a outro(s) radical(is) ou a uma ou mais [palavras](#). De um modo geral, entre os radicais ou o radical e a palavra associada ocorre uma [vogal](#) de ligação.

[agr]+i+[cultura] = [agricultura], [luso]+[descendente]= [luso-descendente], [psic]+o+[pata]

Composição morfossintáctica

Processo de [composição](#) que associa duas ou mais [palavras](#). A estrutura destes compostos depende da relação sintáctica e semântica entre os seus membros, o que tem consequências para a forma como são [flexionados](#) em [número](#).

As palavras [surdo-mudo], [guarda-chuva] ou [via láctea] são compostos morfo-sintácticos.

Conjugação

Paradigma de [flexão verbal](#) definido em função da [vogal temática](#). Em português, há três conjugações.

Constituinte morfológico

Unidade constituinte das [palavras](#), como, por exemplo, os [radicais](#) e os [afixos](#). A um constituinte morfológico mínimo chama-se morfema.

Os constituintes morfológicos da palavra casas são: [cas], [a] e [s].

Os constituintes morfológicos da palavra caseiro são: [cas], [eir] e [o].

Constituinte temático

[Sufixo](#) que especifica a classe morfológica a que um dado [radical](#) pertence. O constituinte temático dos [adjectivos](#) e dos [nomes](#) chama-se [índice temático](#); o constituinte temático dos [verbos](#) chama-se [vogal temática](#).

Conversão

Processo de formação de [palavras](#), também chamado derivação imprópria, que procede à integração de uma dada unidade lexical numa nova classe de palavras, sem que se verifique qualquer alteração formal.

olharV -> olharN

Derivação

Processo morfológico de formação de [palavras](#) que consiste, tipicamente, na associação de um [afixo](#) derivacional a uma forma de [base](#). Em português, a derivação é predominantemente realizada por [sufixação](#).

arruma+cão > arrumação

Derivação não-afixal

Processo de formação de [palavras](#) que gera [nomes](#) deverbais, acrescentando marcas de [flexão nominal](#) a um [radical](#) verbal.

troc- ->troca; troco

abraç- -> abraço

Flexão

Especificação das propriedades morfossintáticas das [palavras variáveis](#) sensível à sua categoria. Geralmente, a flexão manifesta-se através de processos morfológicos como a [afixação](#), embora haja instâncias de flexão que não envolvem afixação, como, por exemplo, a formação dos [tempos compostos dos verbos](#).

Flexão nominal e adjectival

[Flexão](#) dos [adjectivos](#) e dos [nomes](#) variáveis. Em português, os adjectivos e os nomes podem flexionar em [número](#), em [género](#) e em [grau](#).

claro-claros, casa-casas, gato-gata-gatinha

Flexão verbal

[Flexão](#) dos [verbos](#). Em português, os verbos flexionam em [tempo](#), [modo](#), [pessoa](#) e [número](#). Os paradigmas de flexão verbal incluem, tradicionalmente, os tempos compostos, embora estes não sejam realizados através de processos flexionais de [afixação](#).

A forma verbal “cantávamos” encontra-se flexionada em tempo (pretérito imperfeito), modo (indicativo), pessoa (primeira) e número (plural).

Forma forte

[Forma verbal flexionada](#) sem associação do [sufixo](#) de [flexão](#) próprio do seu paradigma. A distinção entre forma forte e [fraca](#) é utilizada, principalmente, na classificação de formas do participípio passado.

morto

preso

Forma fraca

[Forma verbal flexionada](#) de modo canónico, que se opõe a [forma forte](#). A distinção entre forma forte e fraca é utilizada, principalmente, na classificação de formas do participípio passado.

matado

prendido

Forma supletiva

Forma [flexionada](#) a partir de outros [radicais](#). Alguns [verbos defectivos](#) recorrem a estas formas para preencher as lacunas existentes no seu paradigma.

O verbo “ser” recorre a diferentes radicais para a sua flexão, como nas formas “sou”, “és” ou “fui”.

Formas verbais finitas

Todas as formas verbais à excepção das do infinitivo, gerúndio e participípio. As formas verbais finitas, tipicamente, podem ocorrer como forma verbal única numa [frase simples](#) e admitem variação máxima nas categorias [tempo](#), [pessoa](#) e [número](#).

Formas verbais não finitas

Formas verbais do infinitivo, gerúndio e participípio. As formas verbais não finitas, tipicamente, não ocorrem como forma verbal única numa [frase simples](#) e não variam em [tempo](#).

Género

Categoria morfossintáctica que está presente em todos os [nomes](#), em alguns [adjectivos](#) (os adjectivos biformes) e em alguns [pronomes](#). Em português, há dois valores de género: masculino e feminino. Nos nomes que [referem](#) uma entidade animada (uma pessoa ou um animal), o valor de género corresponde, tipicamente, a uma distinção de sexo (i), excepto no caso dos nomes epicenos (como "sapo" ou "corvo"), sobrecomuns (como "vítima" ou "cônjuge") e comuns de dois (como "estudante" ou "jornalista") e ainda em casos irregulares (como no par “cavalo”/“égua”). Nos restantes nomes, esta correspondência não se verifica (ii).

(i) gato-gata

(ii) caso-casa

Grau

Variação apresentada por alguns [nomes](#), [adjectivos](#) e [advérbios](#), que permite estabelecer uma gradação no [significado](#) de uma [palavra](#) ou a comparação entre termos. Os nomes apresentam variação nos graus: normal, aumentativo e diminutivo. Os adjectivos e os advérbios apresentam variação nos graus: normal, comparativo (de igualdade, inferioridade e superioridade) e superlativo (relativo, absoluto sintético e absoluto analítico). Ocasionalmente, alguns adjectivos e advérbios admitem formas aumentativas e diminutivas (como em “cansadão” ou “cedinho” e “depressinha”, embora esta variação não seja muito produtiva nestas classes de palavras. A variação em grau pode ser expressa morfológica ou sintacticamente. São expressos morfológicamente os graus superlativo absoluto sintético dos advérbios e dos adjectivos e os graus aumentativo e diminutivo dos nomes.

As palavras "calorão" e "calorzinho" correspondem aos graus aumentativo e diminutivo do nome "calor", respectivamente. As formas "altíssimo" e "muito alto" correspondem ambas a expressões do grau superlativo do adjectivo "alto".

Índice temático

[Constituinte temático](#) dos [adjectivos](#) e dos [nomes](#). Em português, os índices temáticos são -a, -o, -e, que podem acumular a função de marcadores do [género](#) nominal. Há [palavras](#) que não têm índice temático.

clar[a]
clar[o]
lev[e]
feliz[]
ruim[]
gat[a]
poç[o]
dent[e]
mês[]
pé[]

Interfixo

Afixo que ocorre entre duas formas de base ou entre uma base e um afixo.

A vogal de ligação "o" em "psicopata" e a consoante "t" em "cafeteira" são interfixos.

Modo

Categoria morfológica que permite distinguir a flexão verbal nas formas do indicativo, conjuntivo, imperativo e condicional. Não existe uma correlação perfeita entre o modo, enquanto etiqueta morfológica, e os valores de modalidade de um enunciado.

Na frase "a construção da casa foi iniciada em 1978, mas só seria concluída em 2003", o uso do condicional não corresponde a um valor modal, mas a uma localização futura num tempo passado.

Número

Categoria morfossintáctica dos verbos, dos adjectivos, dos nomes e de alguns pronomes, que pode ter dois valores: singular e plural. A variação em número pode corresponder a uma distinção na quantidade das entidades denotadas (por exemplo: um copo, dois copos), na sua qualidade (por exemplo: água, águas). Algumas palavras são inerentemente plurais, não correspondendo o singular a uma variação em quantidade (por exemplo: óculo, óculos).

(uma) cadeira / (quarenta) cadeiras

(uma) água / (três) águas

(prato) limpo / (pratos) limpos

Palavra

Item lexical pertencente a uma determinada classe, com um significado identificável ou com uma função gramatical e com forma fonológica consistente, podendo admitir variação flexional.

Palavra complexa

Palavra formada por derivação ou por composição.

"caseiro" e "casa de banho" são palavras complexas.

Palavra invariável

São invariáveis as [palavras](#) que não são [flexionáveis](#).

As [preposições](#) e as [conjunções](#) são *palavras invariáveis*.

Palavra simples

[Palavra](#) formada por um único [radical](#), sem [afixos derivacionais](#), mas podendo exibir [afixos flexionais](#).

“casas” é uma palavra simples.

Palavra variável

São variáveis as [palavras](#) que admitem diversas especificações [flexionais](#), como, por exemplo, diversos valores de [gênero](#) e [número](#).

O [radical](#) nominal [*alun*] é variável em gênero e número, pelo que permite gerar quatro formas: um [nome masculino singular](#) (i.e. *aluno*); um nome masculino [plural](#) (i.e. *alunos*); um nome [feminino singular](#) (i.e. *aluna*); e um nome feminino [plural](#) (i.e. *alunas*).

Parassíntese

Processo morfológico de formação de [palavras](#) que consiste na associação simultânea de um [prefixo](#) e um [sufixo](#) a uma forma de [base](#).

a[padrinh]ar

a[podr]ecer

a[joelh]ar

en[gord]ar

Pessoa

Categoria morfossintática dos [verbos](#) e de alguns [pronomes](#), realizada por [afixação](#) na [flexão verbal](#). Em português, distinguem-se três formas: primeira, segunda e terceira pessoa, variando cada uma em [número](#). Na flexão verbal, esta categoria está relacionada com a representação morfológica do [sujeito](#) nas [formas finitas](#) do [verbo](#). O imperativo é defectivo na primeira e na terceira pessoas. Em alguns dialectos do [português contemporâneo](#), a segunda pessoa do plural está em desuso (cf. *vós cantais*), o que ilustra que, em vários casos, não há correspondência entre as categorias pessoa e [número](#) e a sua [referência](#).

[mos] é o [sufixo](#) de primeira pessoa do plural; a forma “se” em “diz-se” é um [pronome pessoal](#) de terceira pessoa.

Prefixação

Processo morfológico que consiste na associação de um [prefixo](#) a uma forma de [base](#).

Prefixo

Afixo que se associa à esquerda de uma forma de base.

O constituinte "des" em "desinteresse" é um prefixo.

Primeira conjugação

Paradigma de flexão verbal definido pela vogal temática [a], no infinitivo.

cant[a]r

Radical

Constituinte morfológico que contém o significado lexical e exclui os afixos flexionais. O radical pode conter afixos derivacionais. Os radicais pertencem a categorias sintáticas, sendo identificados por etiquetas como: radical adjectival, radical adverbial, radical nominal, radical verbal.

O radical da palavra [casa] é o constituinte [cas].

Segunda conjugação

Paradigma de flexão verbal definido pela vogal temática [e], no infinitivo.

beb[e]r

Sufixação

Processo morfológico que consiste na associação de um sufixo a uma forma de base.

Sufixo

Afixo que se associa à direita de uma forma de base.

O afixo de flexão "mos" em "cantamos" e o afixo derivacional "or" em "cantor" são sufixos.

Terceira conjugação

Paradigma de flexão verbal definido pela vogal temática [i], no infinitivo.

fug[i]r

Tempo verbal

Categoria morfossintáctica dos verbos, realizada por flexão. Em português, o tempo verbal permite distinguir os seguintes paradigmas: pretérito mais-que-perfeito, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, presente e futuro. Esta categoria permite identificar paradigmas de flexão verbal nas formas verbais, não havendo, todavia, uma correspondência perfeita com os valores semânticos associados a cada paradigma (por exemplo: na frase "eu amanhã faço anos", o verbo encontra-se no presente (do indicativo), embora denote uma situação futura).

-sse é o sufixo de pretérito imperfeito do conjuntivo.

Quando um tempo verbal é formado com recurso ao [verbo auxiliar](#) “ter”, é designado de tempo composto, incluindo-se, tradicionalmente, nos tempos compostos o pretérito perfeito composto (p.ex: tu tens tossido), o pretérito mais-que-perfeito composto (p.ex.: tu tinhas tossido), o futuro composto (ex: tu terás tossido) e o condicional composto (ex: tu terias tossido).

Verbo defectivo

[Verbo](#) cuja [conjugação](#) é incompleta, uma vez que não [flexiona](#) em todas as formas possíveis num [paradigma flexional regular](#).

florescer

banir

demolir

falir

Verbo impessoal

[Verbo](#) que [flexiona](#) exclusivamente no infinitivo e na [3.ª pessoa do singular](#).

chover

trovejar

Verbo irregular

[Verbo](#) cuja [flexão](#) se afasta da flexão do paradigma a que pertence. As irregularidades podem afectar o [radical](#) ou os [sufixos](#) de flexão. Algumas irregularidades são meramente [gráficas](#). Nos verbos irregulares há formas regulares.

posso / podes / podemos

medir / meço / medisse

ficar / fiquei

caçar / cacei

chegar / cheguei

Verbo regular

[Verbo](#) que respeita a [flexão](#) do paradigma a que pertence. Quase todos os verbos da [primeira conjugação](#) são verbos de flexão regular.

Verbo unipessoal

[Verbo](#) que [flexiona](#) apenas no infinitivo e na [3ª pessoa do singular e do plural](#).

miar

ganiu

ladraram

Vogal temática

Constituinte temático dos verbos, que identifica o paradigma de flexão verbal a que pertencem. Em português, há três vogais temáticas nas formas do infinitivo: -a, -e, -i, correspondentes às três conjugações.

cant[a]r

beb[e]r

fug[i]r

DOMÍNIO B.3: CLASSES DE PALAVRAS

Conjunto das palavras que, por partilharem características morfológicas, sintáticas e/ou semânticas, podem ser agrupadas numa mesma categoria.

As classes de palavras não podem ser estabelecidas apenas com base em critérios morfológicos, uma vez que há classes que não se distinguem morfológicamente, como por exemplo as preposições e as conjunções.

Termos por ordem alfabética:

Adjectivo

Palavra pertencente a uma classe aberta de palavras que, tipicamente, permite variação em género (i), em número (ii) e em grau (iii).

O adjectivo é o núcleo do grupo adjectival e pode ser precedido por advérbios de quantidade e grau (iv) e seleccionar grupos preposicionais (v) e orações como seus complementos (vi).

(i) *Belo / bela*

(ii) *Belo / belos / bela / belas*

(iii) *muito bela / belíssima*

(iv) *Isso é demasiado caro.*

(v) *Ele está contente com o seu trabalho.*

(vi) *Ele está cansado de trabalhar.*

Adjectivo numeral

Adjectivo que pertence à classe tradicional dos numerais ordinais, como (i), expressando ordem ou sucessão.

Os adjectivos numerais ocorrem geralmente em posição pré-nominal, antecidos por artigos ou demonstrativos (ii) e, eventualmente, por possessivos (iii).

(i) *Primeiro, segundo, terceiro, ...*

(ii) (a) *O [segundo] filho é sempre mais calmo.*

(b) **O filho [segundo] é sempre mais calmo.*

(iii) (a) *O meu [segundo] filho é mais calmo.*

(b) *Esse teu [segundo] filho é parecido com o avô.*

Adjectivo qualificativo

Adjectivo que exprime tipicamente a qualidade, i.e., um atributo do nome. Tipicamente, a posição dos adjectivos qualificativos é pós-nominal. Uma subclasse de adjectivos qualificativos ocorre à direita e à esquerda do nome, correspondendo esta ordem a interpretações diferentes, conforme (i) e (ii). Alguns adjectivos qualificativos têm uma posição pós-nominal obrigatória, como (iii).

(i) *Um falso presidente fez o discurso de inauguração (=uma pessoa que não era presidente fez o discurso de inauguração).*

(ii) *Um presidente falso fez o discurso de inauguração (=um presidente que não é honesto fez o discurso de inauguração).*

(iii) *Os olhos azuis são bonitos.* / **Os azuis olhos são bonitos.*

Adjectivo relacional

Adjectivo que deriva de uma base nominal e que, tipicamente, instancia uma relação de agente ou posse relativamente ao nome. Estes adjectivos não ocorrem em posição pré-nominal nem variam em grau.

Em "a invasão americana" ou "amor maternal", os adjectivos "americana" e "maternal" são relacionais.

Advérbio

Palavra invariável em género e número. A classe dos advérbios inclui elementos com características bastante heterogéneas do ponto de vista morfológico (i), sintáctico (ii) e semântico (iii). Não obstante, qualquer advérbio (à excepção do advérbio de negação "não") pode, geralmente, ser substituído por um outro advérbio formado com o sufixo "-mente".

Na maior parte dos casos, os advérbios desempenham a função sintáctica de modificadores de frase (iv), modificadores do grupo verbal (v) ou a função sintáctica de complemento oblíquo (vi) ou predicativo do sujeito (vii). Alguns advérbios podem, ainda, modificar grupos preposicionais (viii), grupos adjectivais (ix) ou grupos nominais (x).

(i) (a) *A Joana faz anos [hoje].*

(b) *A Joana faz [facilmente] essa prova.*

(b') *A Joana faz [facilmente] essa prova.*

(Em (i) (a), o advérbio é invariável, enquanto em (b) o advérbio pode ser sujeito a variação em grau, conforme (b')).

(ii) (a) *A Joana canta pessimamente.*

(a') **A Joana pessimamente canta.*

(b) *A Joana hoje canta.*

(b') *A Joana canta hoje.*

(Em (ii), observa-se que um advérbio como "hoje" tem uma posição menos fixa do que um advérbio como "pessimamente").

(iii) (a) *A Joana canta mal.*

(b) *A Joana, felizmente, cantou.*

(c) *A Joana antigamente cantava.*

(Os advérbios presentes nas frases listadas em (iii) têm significados bastante distintos).

(iv) *Provavelmente, vai chover.*

(v) *Choveu ontem.*

(vi) *A Joana portou-se mal.*

(vii) *A Ana está aqui.*

(viii) *A Joana deu presentes exclusivamente aos seus amigos.*

(ix) *A Joana é demasiado rápida.*

(x) *Somente a Joana teria paciência para aquilo.*

Advérbio conectivo

Advérbio cuja função é o estabelecimento de nexos entre frases (i) ou constituintes da frase (ii), como por exemplo relações de consequência (iii), de contraste (iv) ou ordenação (v). Tal como os advérbios de frase, os advérbios conectivos não são afectados pela negação frásica (vi) ou por estruturas interrogativas como as ilustradas em (vii). Os advérbios conectivos distinguem-se de conjunções com valor idêntico por poderem, por exemplo, ocorrer entre o sujeito e o predicado (viii).

- (i) O Pedro falou com a Maria. [Seguidamente], foi para casa.
- (ii) Alguns alunos desta turma, [designadamente] o Pedro e o João, estão de parabéns.
- (iii) O professor caiu. [Consequentemente], partiu uma perna.
- (iv) Está frio. O João, [contudo], vestiu uns calções.
- (v) [Primeiro] batem-se os ovos com o açúcar, [seguidamente] deita-se o leite e a farinha, [finalmente] leva-se tudo ao forno.
- (vi) Hoje há greve de funcionários. A escola dos teus filhos não está fechada, contudo. (a negação frásica não está a negar o advérbio "contudo")
- (vii) *Foi [consequentemente] que a escola dos teus filhos fechou?
- (viii) a. Está frio, mas o João fica na praia. /*Está frio. O João, mas, fica na praia. ("mas" é uma conjunção)
b. Está frio. Porém, o João fica na praia. /Está frio. O João, porém, fica na praia. ("porém" é um advérbio conectivo)

Advérbio de afirmação

Advérbio utilizado em respostas a interrogativas totais (i) ou como modificador de um constituinte (ii) cujo significado contribui para asserir ou reforçar o valor afirmativo de um enunciado.

- (i) Vais à praia?
Sim.
- (ii) A Ana não comprou livros, mas sim flores.

Advérbio de frase

Advérbio com diferentes valores semânticos (i), que modifica a frase, não sendo afectado pela negação frásica (ii) ou por estruturas interrogativas como as ilustradas em (iii).

Advérbios de frase:

- (i) a. Os rapazes dormem, provavelmente. - Valor modal
b. Os rapazes dormem, felizmente - Valor de orientação para o falante
c. Matematicamente, esse facto é impossível. - Valor de orientação para o domínio.
- (ii) a. A escola dos teus filhos não está fechada, provavelmente. (não se está a negar a probabilidade de a escola estar fechada)
b. Honestamente, tu às vezes não raciocinas. (não se está a negar "honestamente")
- (iii) a. *Foi [provavelmente] que a escola dos teus filhos fechou?
b. *Foi [infelizmente] que tu adoceste?

1. O mesmo item adverbial pode pertencer a duas subclasses diferentes. Em (i), "naturalmente" é um [advérbio de predicado](#), de acordo com (ii) e (iii), com uma interpretação de modo (iv), enquanto em (v) pertence à subclasse dos advérbios de frase, conforme (vi) e (vii), com valor afirmativo (viii).

(i) Ele começou a falar naturalmente.

(ii) Foi naturalmente que ele começou a falar?

(iii) Ele começou a falar não naturalmente, mas pouco à vontade.

(iv) Ele começou a falar de modo natural.

(v) Naturalmente, ele começou a falar.

(vi) *Foi naturalmente ou possivelmente que ele começou a falar?

(vii) *Não naturalmente, mas possivelmente, ele começou a falar.

(viii) Obviamente, ele começou a falar.

Advérbio de inclusão e exclusão

[Advérbio](#) que permite realçar o constituinte que modifica, contribuindo com informação sobre, por exemplo, o seu carácter exaustivo (i) ou a sua participação ou não num determinado conjunto (ii). Estes advérbios podem ocorrer internamente ao [predicado](#) (iii) ou como [modificadores](#) de [grupos adjectivais](#) (iv), [adverbiais](#) (v), [nominais](#) (vi) ou [preposicionais](#) (vii).

(i) a. [Só a Maria] faltou à aula.

b. Ele fala [apenas de assuntos estranhos].

(ii) a. [Até a Maria] faltou à aula.

b. Como tudo, [excepto endívias].

(iii) O João [riu mesmo].

(iv) Ele é [apenas aborrecido].

(v) [Só ontem] é que saí do hospital.

(vi) Vi [até aqueles filmes].

(vii) Gosto [até de bolachas].

Advérbio de negação

[Advérbio](#) cujo [significado](#) contribui para reverter o valor de verdade de uma [frase](#) afirmativa ou para negar um constituinte. Este advérbio pode ser um [modificador](#) do [grupo verbal](#) ou de um constituinte do grupo verbal. A tradição gramatical considera "não" o único advérbio de negação.

Em construções de negação frásica (i), a distribuição do advérbio é bastante restrita (ii). Neste caso, "não" ocorre sempre em posição de adjacência à esquerda do [verbo](#). Quando o advérbio nega um constituinte da frase, modifica apenas esse constituinte e ocorre à sua esquerda (iii)-(v).

Negação frásica:

(i) O João [não] comprou flores à Ana.

(ii) (a) *Não o João comprou flores à Ana.

(b) *O João comprou não flores à Ana.

(c) *O João comprou flores não à Ana.

(d) *O João comprou flores à Ana não.

Negação de constituinte:

(iii) O João [comprou à Ana ontem [não flores]], mas livros. (modifica o grupo nominal complemento directo)

(iv) O João [comprou flores ontem [não à Ana]], mas à Raquel. (modifica o grupo preposicional complemento indirecto)

(v) O João [comprou flores à Ana [não ontem]], mas hoje. (modifica o grupo adverbial modificador)

Os advérbios "nunca" e "jamais", apesar de serem palavras negativas, não são advérbios de negação, uma vez que, em frases como "Eu não estive lá nunca", "nunca" não é a palavra responsável pelo valor afirmativo ou negativo da frase. Comportam-se, assim, como palavras que, excepto em posição pré-verbal, precisam de co-ocorrer com um advérbio de negação.

Advérbio de predicado

Advérbio com diferentes valores semânticos (i), que ocorre internamente ao grupo verbal, quer com função de complemento oblíquo, quer como modificador do grupo verbal (e, mais raramente, como predicativo do sujeito), podendo ser afectado pela negação (ii) ou por estruturas interrogativas como as ilustradas em (iii).

Advérbios de predicado:

(i) a. Os rapazes dormem ali. - Valor locativo

b. Os rapazes chegaram recentemente. - Valor temporal

c. Os rapazes cantam agradavelmente. - Valor de modo

(ii) a. A escola dos teus filhos não fica [ali], fica na outra rua.

b. Os rapazes não dormem [ali], mas no outro quarto.

(iii) a. É [ali] que fica a escola dos teus filhos?

b. É [ali] que dormem os rapazes?

Advérbio de quantidade e grau

Advérbio que contribui com informação sobre grau ou quantidade, que pode ocorrer internamente ao predicado (i) ou como modificador de grupos adjectivais (ii) ou adverbiais (iii). Alguns destes advérbios são utilizados para a formação do grau dos adjectivos e advérbios (iv).

(i) Os rapazes comeram muito.

(ii) Tu estás [demasiado cansada].

(iii) Tu corres [excessivamente depressa].

(iv) Ele é mais alto do que tu.

Advérbio interrogativo

Advérbio que identifica o constituinte interrogado numa construção interrogativa e que é substituível por um grupo adverbial ou preposicional.

Em (i), as palavras "onde", "quando" e "porquê" são advérbios interrogativos:

(i) Onde moras?

Quando chegaste?

Fizeste isso porquê?

Advérbio relativo

Advérbio que identifica o constituinte relativizado numa oração relativa e que é substituível por um grupo adverbial ou preposicional.

Em (i), a palavra “onde” é um advérbio relativo:

(i) A rua onde moro é bonita.

Artigo

Determinante que é utilizado para indicar o grau de definitude ou especificidade do nome que precede.

(i) (a) São artigos definidos:

o / os

a / as

(b) São artigos indefinidos:

um / uns

uma / umas

Artigo definido

Artigo utilizado, tipicamente, em contextos em que se assume que o referente do nome que precede corresponde a informação partilhada pelos participantes do discurso.

(i) [O] rapaz comeu [o] bolo.

Artigo indefinido

Artigo utilizado, tipicamente, em contextos em que se assume que o referente do nome que precede não corresponde a informação dada ou previamente identificada.

(i) Ando à procura de [um] carro novo, mas ainda não decidi qual vou comprar.

Classe aberta de palavras

Classe de palavras que é constituída por um número potencialmente ilimitado de palavras e à qual a evolução da língua acrescenta constantemente novos membros. É praticamente impossível enumerar todos os membros de uma classe aberta de palavras num dado momento da evolução da língua.

São classes abertas de palavras a classe dos nomes e a classe dos verbos.

Como palavras recentemente acrescentadas à classe dos nomes, veja-se "telemóvel", "cromo".

Como palavras recentemente acrescentadas à classe dos verbos, veja-se "clicar", "surfar".

Classe fechada de palavras

Classe de palavras que é constituída por um número limitado (normalmente pequeno) de [palavras](#) e à qual a evolução da língua só muito raramente acrescenta novos membros. É normalmente fácil enumerar todos os membros de uma classe fechada de palavras.

São classes fechadas de palavras, por exemplo, a classe das [conjunções](#) e a classe das [preposições](#).

Conjunção

[Palavra invariável](#), pertencente a uma [classe fechada](#) de palavras, que introduz [orações](#) (i) e constituintes [coordenados](#) (ii) e [orações subordinadas completivas](#) e [adverbiais](#) (iii-iv).

(i) *Tu foste para casa [e] eu fiquei na escola.*

(ii) *O João [e] a Maria foram para casa.*

(iii) *O Pedro disse [que] foi para casa.*

(iv) *[Quando] chegaste, fui-me embora.*

Conjunção coordenativa

[Conjunção](#) que introduz um constituinte [coordenado](#) ou uma [oração coordenada](#). As subclasses de conjunção coordenativa estabelecem-se em função do tipo de [estrutura coordenada](#) ou oração coordenada que introduzem, sendo tradicionalmente listadas as conjunções coordenativas copulativas (i), disjuntivas (ii), conclusivas (iii), adversativas (iv) e explicativas (v).

(i) *O João saiu [e] eu fiquei em casa.*

(ii) *Vais sair [ou] vais ficar em casa?*

(iii) *Penso, [logo] existo.*

(iv) *É Natal, [mas] estou triste.*

(v) *O Zé tem febre, [pois] constipou-se.*

Algumas conjunções coordenativas são correlativas, podendo ocorrer precedendo cada um dos elementos coordenados. São exemplo de conjunções correlativas: "ou...ou", "nem...nem", "quer...quer".

Conjunção subordinativa

[Conjunção](#) que introduz uma [oração subordinada completiva](#) ou [adverbial](#). As subclasses de conjunção subordinativa estabelecem-se em função do tipo de [oração](#) que introduzem, sendo tradicionalmente listadas as conjunções subordinativas completivas (i), causais (ii), finais (iii), temporais (iv), concessivas (v), condicionais (vi), comparativas (vii) e consecutivas (viii). Muitas conjunções subordinativas que introduzem [orações subordinadas adverbiais](#) são [locuções](#) (ix).

(i) a. *Diz-se [que] vai chover.*

b. *Perguntei [se] estás contente.*

c. *Pedi [para] te calares.*

(ii) *O Zé tem febre, [porque] se constipou.*

- (iii) O Zé ficou em casa, [para] ver o jogo.
- (iv) O Zé constipou-se, [quando] apanhou chuva.
- (v) [Embora] esteja doente, vou trabalhar.
- (vi) [Se] chover, fico em casa.
- (vii) Falo mais [do que] trabalho.
- (viii) Ele é tão alto [que] bate com a cabeça na ombreira da porta.
- (ix) a. [Ainda que] não te cales, não desisto.
b. [Sempre que] chove, fico contente.

Determinante

Palavra pertencente a uma classe fechada que geralmente precede o nome, contribuindo para a construção do seu valor referencial. Os determinantes incluem as seguintes subclasses: artigos (i), determinantes demonstrativos (ii), determinantes possessivos (iii), determinantes indefinidos (iv), determinantes interrogativos (v) e determinantes relativos (vi).

- (i) (a) São artigos definidos: o / os / a / as
(b) São artigos indefinidos: um / uns / uma / umas
- (ii) São determinantes demonstrativos:
este / estes / esta / estas
esse / esses / essa / essas / aquele / aqueles / aquela / aquelas
- (iii) São determinantes possessivos:
Um possuidor:
- meu, minha, meus, minhas
- teu, tua, teus, tuas
- seu, sua, seus, suas
Vários possuidores:
- nosso, nossa, nossos, nossas
- vosso, vossa, vossos, vossas
- seu, sua, seus, suas
- (iv) São determinantes indefinidos:
- certo(s) / certa(s)
- outro(s) / outra(s)
- (v) São determinantes interrogativos:
- que, qual, quais
- (vi) São determinantes relativos:
- cujo, cuja, cujos, cujas

Determinante demonstrativo

Determinante variável em género e número que tem um valor deíctico ou anafórico, contribuindo para a construção da referência do nome que precede tendo em conta a sua relação de proximidade ou distância com, por exemplo, um participante do discurso ou um antecedente textual.

O determinante demonstrativo não pode co-ocorrer com o artigo, conforme (ii), e, em caso de co-ocorrência com o determinante possessivo, precede-o obrigatoriamente (iii). Os determinantes demonstrativos podem ser precedidos de certos quantificadores (iv).

(i) São determinantes demonstrativos:

este(s), estas(s)

esse(s), essa(s)

aquele(s), aquela(s)

(ii) (a) *Este carro é azul.*

(b) **O este carro é azul.*

(iii) (a) *Este meu aluno chega sempre atrasado.*

(b) **Meu este aluno chega sempre atrasado.*

(iv) *Todos estes alunos chegaram atrasados.*

Determinante indefinido

Determinante variável em género e número tipicamente utilizado em contextos em que se assume que o referente do nome que precede não corresponde a informação específica ou identificada. Distingue-se do artigo indefinido por poder co-ocorrer com este (ii).

(i) São determinantes indefinidos:

certo(s), certa(s) outro(s), outra(s)

(ii) (a) *Certos professores andam contentes.*

(b) *Uns certos professores andam contentes.*

Quando o determinante indefinido co-ocorre com artigos definidos ou indefinidos ou com determinantes demonstrativos, o valor definido ou indefinido da expressão nominal é o veiculado pelo artigo ou pelo determinante demonstrativo.

Determinante interrogativo

Determinante que ocorre com um nome em construções interrogativas, permitindo a identificação do constituinte interrogado.

Em (i), a palavra “que” é um determinante interrogativo:

(i) *Que livros compraste?*

Determinante possessivo

Determinante variável em peessoa, género e número e que tem um valor deíctico ou anafórico, contribuindo para a construção da referência do nome que precede através do estabelecimento de uma relação de posse entre o nome e, por exemplo, um participante do discurso (ii) ou um antecedente textual (iii).

Em contextos definidos, o determinante possessivo é obrigatoriamente precedido pelo artigo definido ou pelo demonstrativo (iv), excepto em contextos em que o grupo nominal em que se encontra tem a função de vocativo (v) ou de modificador apositivo (vi). Os determinantes possessivos podem ser precedidos de certos quantificadores (vii). Em contextos indefinidos, o determinante possessivo ocorre em posição pós-nominal (viii)-(ix).

(i) São determinantes possessivos:

Um possuidor:

- meu, minha, meus, minhas

- teu, tua, teus, tuas

- seu, sua, seus, suas

Vários possuidores:

- nosso, nossa, nossos, nossas

- vosso, vossa, vossos, vossas

- seu, sua, seus, suas

(ii) O [meu] carro é o melhor.

(iii) Todos os pais pegaram nos [seus] filhos e saíram.

(iv) (a) {Este / O} [meu] aluno chega sempre atrasado.

(b) *[Meu] {este / O} aluno chega sempre atrasado.

(v) [Meu] filho, vem comer a sopa.

(vi) ...a D. Afonso Henriques, D. Sancho I, [seu] filho primogénito, sucedeu-lhe.

(vii) Todos {estes / os } [meus] alunos chegaram atrasados.

(viii) Um amigo meu mora ali.

(ix) Alunos meus não fariam isso.

Nem sempre os determinantes possessivos expressam uma relação de posse. Por exemplo, num contexto como "a minha fotografia", há três interpretações possíveis: a) a fotografia que eu possuo (posse); b) a fotografia que eu tirei (agente); c) a fotografia que me tiraram (objecto).

Determinante relativo

Determinante que ocorre com um nome no início das orações relativas.

Em (i), a palavra "cujos" é um determinante relativo:

(i) Os alunos cujos textos foram premiados ganharam uma viagem.

Interjeição

Palavra invariável que pertence a uma classe aberta. Uma interjeição não estabelece relações sintáticas com outras palavras e tem uma função exclusivamente emotiva. O valor de cada interjeição depende do contexto de enunciação e corresponde a uma atitude do falante ou enunciador.

A tradição gramatical luso-brasileira classifica semanticamente as interjeições, conforme os exemplos (i) a (xi).

(i) De alegria: ah!, oh!, ...

(ii) De animação: eia!, vamos!, ...

(iii) De aplauso: bravo!, viva!, ...

(iv) De desejo: oh!, oxalá!, ...

(v) De dor: ai!, ui!, ...

(vi) De espanto ou surpresa: ah!, hi!, ...

(vii) De impaciência: irra!, hem!, ...

(viii) De invocação: ó!, pst!, ...

(ix) De silêncio: psiu!, silêncio!, ...

(x) De suspensão: alto!, basta!, ...

(xi) De terror: ui!, uh!, ...

Locução

Sequência de [palavras](#) que funciona, sintáctica e semanticamente, como uma só.

Locuções adverbiais: "em breve", "com certeza";

Locuções prepositivas: "em cima de", "debaixo de";

Locuções conjuncionais: "assim que", "logo que", "ainda que".

Nome

[Palavra](#) pertencente a uma [classe aberta](#) de palavras, que permite variação em [género](#) (i), em [número](#) (ii) e, em alguns casos, em [grau](#) aumentativo e diminutivo (iii). O nome é o núcleo do [grupo nominal](#), podendo co-ocorrer com [determinantes](#) ou [quantificadores](#), que o antecedem. À semelhança do que acontece com os verbos, alguns nomes podem seleccionar [complementos](#) (iv).

(i) menino / menina

(ii) menino / meninos

(iii) cão / cãozinho / cãozarrão

(iv) a invasão da Gália

O termo "substantivo" é sinónimo de "nome".

Nome colectivo

[Nome](#) que se aplica a um conjunto de objectos ou entidades do mesmo tipo (i). Há nomes colectivos [contáveis](#), como os exemplificados em (i), e nomes colectivos [não contáveis](#), que não aceitam [plural](#), como os exemplificados em (ii). Os nomes colectivos têm, em alguns contextos, um comportamento semelhante a plurais, como na combinação com predicados colectivos (iii), mas distinguem-se de plurais, não podendo, por exemplo, ser antecedente de alguns pronomes recíprocos.

(i) rebanho, alcateia, multidão

(ii) fauna, flora

(iii) A alcateia reuniu-se.

*(iv) *O par é parecido um com o outro.*

Nome comum

[Nome](#) que não designa necessariamente um referente único, pelo que não é completamente determinado (i-ii), admitindo [complementos](#) ou [modificadores restritivos](#) (iii-iv) e [pluralização](#) (v-vi).

(i) Aquela região é bonita.

(ii) O rapaz ganhou um prémio.

(iii) A região que visitámos é bonita.

(iv) O rapaz inteligente ganhou um prémio.

(v) Aquelas regiões são bonitas.

(vi) Os rapazes ganharam o prémio.

Nome contável

Nomes comuns que se aplicam a objectos ou referentes que podem ser diferenciados como partes singulares ou partes plurais de um conjunto (i). Assim, podem ocorrer em construções de enumeração (ii) e a forma de plural marca uma oposição quantitativa (iii).

- (i) *De entre os alunos da turma, o aluno nº 3 teve a melhor nota.*
- (ii) *Um [aluno] estudou muito, dois [alunos] faltaram e muitos quiseram mudar a data do teste.*
- (iii) *Um aluno / dois alunos / muitos alunos.*

Nome não-contável

Nomes comuns que se aplicam a conjuntos de objectos ou entidades em que não é possível distinguir partes singulares de partes plurais, conforme exemplos (i) a (iii). Por esta razão, estes nomes não ocorrem, tipicamente, em construções de enumeração (iv) nem co-ocorrem com alguns quantificadores e determinantes (v). As construções de plural dos nomes não-contáveis não designam uma oposição quantitativa, mas sim qualitativa (vi), excepto quando se faz uma contagem relativa a contadores não explícitos (vii).

- (i) *A [farinha] é um ingrediente essencial dos bolos.*
- (ii) *Essa peça de [bronze] devia estar no museu.*
- (iii) *A [educação] é essencial para a democracia.*
- (iv) **Uma educação, duas educações,*
- (v) **Certas / várias educações, ...*
- (vi) *Há várias farinhas no mercado. (= existem várias qualidades de farinha no mercado).*
- (vii) *Comprei dois sumos. (= comprei dois (pacotes de) sumo).*

Os nomes não contáveis que denotam entidades que podem ser medidas também são designados como "nomes massivos".

Nome próprio

Nome que designa um referente fixo e único num dado contexto discursivo, pelo que é completamente determinado (i-ii), não admitindo complementos ou modificadores restritivos (iii-iv) ou variação em número (v-vi).

- (i) *Portugal é bonito.*
- (ii) *O João ganhou um prémio.*
- (iii) **Portugal que visitámos é bonito.*
- (iv) **O João inteligente ganhou um prémio.*
- (v) **Portugais são bonitos.*
- (vi) **Os Joões ganharam um prémio.*

Em contextos discursivos específicos, os nomes próprios podem entrar em construções típicas dos nomes comuns:

- (i) *O Porto que eu conheci já não existe.*

Preposição

Palavra invariável, pertencente a uma classe fechada de palavras, que pode ter como complemento quer orações, quer grupos nominais, quer advérbios, obrigando qualquer pronome contido num grupo nominal que ocorra como seu complemento a apresentar caso oblíquo ((i), (ii)).

(i) *Ele quer jogar [contra mim].*

(ii) **Ele quer jogar [contra eu].*

O seguinte conjunto de palavras é normalmente listado como constituindo o conjunto das preposições em Português:

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, segundo, sem, sob, sobre, trás.

Pronome

Palavra pertencente a uma classe fechada de palavras que, em alguns casos, permite variação em género e número, noutros em pessoa, género e número e noutros permite variação em caso. Ao contrário do que acontece com o determinante, o pronome não pode preceder um nome (a menos que sejam separados por uma pausa).

(i) *ele - Ele vai a casa.*

(ii) *este - Este é o melhor.*

(iii) *meu - O meu é o melhor.*

Impossibilidade de co-ocorrência de nomes e pronomes:

(iv) **Ele Miguel é bonito.*

(v) *O meu carro é o melhor. (neste caso, a co-ocorrência só é possível porque "meu" é um determinante e não um pronome)*

Pronome demonstrativo

Pronome que admite variação em género e número e que tem um valor deíctico ou anafórico, estabelecendo a sua referência tendo em conta a sua relação de proximidade ou distância com, por exemplo, um participante do discurso ou um antecedente textual.

Pronomes demonstrativos:

a) Formas tónicas

- este(s), esta(s), isto

- esse(s), essa(s), isso

- aquele(s), aquela(s), aquilo

b) Forma átona

- o

(i) *[Isto] incomoda-me.*

(ii) *Ele disse-[o] (= ele disse isso / ele disse que ...)*

(iii) *Este rapaz é um palerma e [aquele] também...*

Pronome indefinido

Pronome que admite variação em género e número, correspondente ao uso pronominal de um quantificador ou de um determinante indefinido.

(i) [Alguém] bateu à porta.

Ele comeu [tudo].

[Ninguém] lhe telefonou.

(ii) [Todos] vieram à festa.

Tu compraste muitos livros, mas eu só comprei [alguns].

Pronome interrogativo

Pronome que identifica o constituinte interrogado em frases interrogativas parciais (i)-(iii).

São pronomes interrogativos:

- o que, o quê

- quem

- que

(i) Quem encontraste?

(ii) Fizeste o quê?

(iii) Quantas encontraste?

Nem todas as palavras que identificam o constituinte interrogado em frases interrogativas parciais são pronomes. Assim, quando uma palavra interrogativa precede um nome, trata-se de um determinante interrogativo, como "que" em "que livro leste?"; se precede um nome e tem valor quantificacional, trata-se de um quantificador interrogativo, como "quanto(s)/quanta(s)" em "quantos livros leste?"; se não é de natureza nominal, trata-se de um advérbio interrogativo, como "onde", "como" e "porque/porquê".

Pronome pessoal

Pronome que admite variação em caso, pessoa, género e número e que se refere, geralmente, aos participantes do discurso.

O pronome pessoal tem formas tónicas e formas átonas. São formas átonas as formas do pronome pessoal que ocorrem sistematicamente adjacentes ao verbo (à esquerda do verbo - em próclise - ou à direita - em ênclise -, ou ainda no interior das formas de futuro e futuro do pretérito - em mesóclise); são formas tónicas as restantes formas. As formas da variante átona do pronome pessoal cuja terceira pessoa é "se" podem assumir diferentes valores, funcionando como marcadores de reflexividade (i) e reciprocidade (ii). Podem ainda ocorrer como marcadores de indefinição do sujeito (valor impessoal – ocorrendo exclusivamente na terceira pessoa) (iii), de uma estratégia de passivização (valor passivo – ocorrendo exclusivamente na terceira pessoa) (iv) ou como parte integrante do verbo com que se combinam (valor inerente) (v).

Pronomes pessoais tónicos: eu, tu, você, ele / ela, nós, vós, vocês, eles / elas; mim, ti, si.

Pronomes pessoais átonos: me, te, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes, se.

- (i) O João viu-se no espelho.
- (ii) O João e a Maria encontraram-se na rua.
- (iii) Dorme-se bem neste colchão.
- (iv) Dizem-se coisas estranhas neste país.
- (v) A Maria porta-se mal.

1. São formas de contracção do pronome pessoal tónico com a preposição "com" as seguintes formas: *comigo, contigo, connosco, convosco, consigo*.
2. São formas de contracção de dois pronomes pessoais as formas "mo(s)"/"ma(s)" (contracção de "me" e "o(s)"/"a(s)"), "to(s)"/"ta(s)" (contracção de "te" e "o(s)"/"a(s)"), "lho(s)"/"lha(s)" (contracção de "lhe" e "o(s)"/"a(s)").

Pronome possessivo

Pronome que admite variação em pessoa, género e número e que tem um valor deíctico ou anáforico, referindo-se, tipicamente, a um participante do discurso ou a um antecedente tomado como possuidor. Os pronomes possessivos são geralmente precedidos de artigo definido.

Pronomes possessivos:

Um possuidor:

- *meu, minha, meus, minhas*
- *teu, tua, teus, tuas*
- *seu, sua, seus, suas*

Vários possuidores:

- *nosso, nossa, nossos, nossas*
- *vosso, vossa, vossos, vossas*
- *seu, sua, seus, suas*

Na frase seguinte, "teus" é um pronome possessivo:

- (i) *Os filhos da Maria estão óptimos! E os teus?*

Nem sempre os pronomes possessivos expressam uma relação de posse. Por exemplo, num contexto como "Esta é a minha fotografia, aquela é a tua", há três interpretações possíveis para o pronome "tua": a) a fotografia que tu possuis (posse); b) a fotografia que tu tiraste (agente); c) a fotografia que te tiraram (objecto).

Pronome relativo

Pronome que ocorre no início das orações relativas.

São pronomes relativos:

Variáveis:

- *o qual, os quais, a qual, as quais*

Invariáveis:

- *que*
- *quem*

- (i) *Encontrei o livro [de que me falaste].*

(ii) *Conheço [quem te pode ajudar].*

1. Note-se que o pronome relativo tem uma função dupla na oração adjetiva ou substantiva em que ocorre, na medida em que:

(i) sendo um pronome, desempenha uma função sintáctica;

(ii) serve de conector ou elemento de ligação entre a oração subordinada e o nome ou grupo nominal que modifica.

2. Como o exemplo (i) mostra, quando o pronome relativo faz parte de um grupo preposicional, todo o grupo preposicional ocorre em posição inicial da oração relativa.

3. Nem todas as palavras que introduzem orações relativas pertencem à classe dos pronomes, como é o caso dos advérbios relativos "onde", "como", dos quantificadores relativos "quanto(s)/quanta(s)" e do determinante relativo "cujo(s)/cuja(s)".

Quantificador

Palavra ou locução que contribui para a construção do valor referencial de um nome com que se combina e cujo significado expressa informação relacionada com número, quantidade ou parte do seu referente, independentemente da sua definitude (i). Os quantificadores podem ser ainda usados para expressar informação de natureza quantitativa sobre expressões que não denotam entidades, mas sim situações (ii)

(i) a. *Todos os livros foram vendidos. (o quantificador "todos" indica que, tomando como referente um conjunto de livros, a totalidade desse conjunto foi vendida)*

b. *A maioria dos livros foi vendida.*

c. *Comprei um litro de leite. (a expressão "um litro de" quantifica sobre o nome "leite", fazendo uma medição)*

(ii) *Fumo poucas vezes.*

Quantificador existencial

Quantificador utilizado para asserir a existência da entidade designada pelo nome com que se combina sem remeter para a totalidade dos elementos de um conjunto (i) ou para expressar uma quantidade não precisa (ii) ou relativa a um valor considerado como ponto de referência (iii).

São quantificadores existenciais:

algum / alguns

bastante(s)

pouco(s)

tanto(s)

vários / várias

(i) *Alguns alunos faltaram ao teste. (do conjunto de alunos considerados só uma parte faltou ao teste)*

(ii) *Vários alunos faltaram ao teste. (uma quantidade não precisa de alunos faltou ao teste)*

(iii) *Muitos alunos faltaram ao teste. (o número de alunos que faltou ao teste é superior à quantidade média)*

Quantificador interrogativo

Quantificador que, numa construção interrogativa, identifica o constituinte interrogado, sendo substituído na resposta por um quantificador.

Em (i), a palavra “quantos” é um quantificador interrogativo:

(i) Quantos livros leste?

R: Muitos./ Três. / Alguns.

Quantificador numeral

Quantificador que expressa uma quantidade numérica inteira precisa (numeral cardinal) (i), um múltiplo de uma quantidade (numeral multiplicativo) (ii), ou uma fracção precisa de uma quantidade (numeral fraccionário). Os quantificadores numerais fraccionários e multiplicativos são, muitas vezes, locuções (metade de, dobro de, etc).

(i) Comprei três livros.

(ii) Comprei o triplo dos livros.

(iii) Comprei metade dos livros.

Muitas outras expressões de quantidade e medida, como “uma porção de”, “um litro de”, etc. funcionam sintáctica e semanticamente de forma semelhante aos quantificadores numerais fraccionários, podendo ser designados de expressões partitivas.

Quantificador relativo

Quantificador que, numa oração relativa, identifica o constituinte relativizado e tem como antecedente um grupo nominal introduzido por quantificador.

Em (i), as palavras “quanto” e “quantas” são quantificadores relativos:

(i) a. Comi tudo quanto havia na festa.

b. Fiz tantas mudanças quantas pude fazer.

Quantificador universal

Quantificador que induz uma leitura do grupo nominal relativa a todos os elementos de um conjunto.

São quantificadores universais:

todo(s), toda(s), ambos, cada, qualquer e nenhum(a)/ nenhuns(mas).

(1) Todo o homem é mortal. (= Para todo o homem, verifica-se que ele é mortal.)

(2) Qualquer animal selvagem sabe procurar comida. (= Para todo o animal selvagem, verifica-se que ele sabe procurar comida.)

Verbo

Palavra pertencente a uma classe aberta de palavras que flexiona em tempo, modo, pessoa e número, e que constitui o elemento principal do grupo verbal.

comer, brincar, passear, viajar

Verbo auxiliar

Verbo que co-ocorre, precedendo-o, com um [verbo principal](#) e que não determina quais os [complementos](#) ou o [sujeito](#) que ocorrem na [frase](#). Os verbos auxiliares são usados para a formação de [tempos compostos](#) (i), para a formação de [frases passivas](#) (ii), ou para veicular informação [temporal](#) (iii), [aspectual](#) (iv) e [modal](#) (v). Numa mesma frase, pode haver mais do que um verbo auxiliar (vi)-(vii).

- (i) *A Eva tem brincado bastante.*
- (ii) *O bolo de aniversário foi encomendado.*
- (iii) *A Eva vai brincar no jardim.*
- (iv) *A Eva está a brincar no jardim.*
- (v) *A Joana devia ir ao médico.*
- (vi) *A Joana deve ir brincar no jardim.*
- (vii) *O problema podia ter sido explicado de outra forma.*

Verbo copulativo

[Verbo](#) que ocorre numa [frase](#) em que existe um constituinte com a função sintáctica de [sujeito](#) e outro com a função sintáctica de [predicativo do sujeito](#).

Costumam listar-se como verbos copulativos os seguintes: ser, estar, ficar, parecer (como em "parecer doente"), permanecer, continuar (como em "continuar calado"), tornar-se e revelar-se.

- (i) *A Teresa está doente.*
- (ii) *A Ana é veterinária.*
- (iii) *A Margarida ficou calada.*
- (iv) *A Margarida continua em Lisboa.*

Verbo intransitivo

[Verbo principal](#) que não selecciona [complementos](#).

- (i) *O Miguel desmaiou.*
- (ii) **O Miguel desmaiou a mãe.*
- (iii) *A Zé tossiu.*
- (iv) **A Zé tossiu o hospital.*

Verbo principal

Verbo que, numa [frase](#) ou [oração](#), determina:

- a ocorrência de um [sujeito](#) e de um ou vários [complementos](#);
- a categoria e interpretação do sujeito, dos complementos. Os verbos principais dividem-se em várias subclasses organizadas de acordo com a possibilidade de seleccionarem sujeito ou predicativos e com a natureza categorial dos seus complementos. Um mesmo verbo pode pertencer a diferentes subclasses em função do contexto de ocorrência.

A natureza [nominal](#) ou [preposicional](#) do complemento, nas frases "o Pedro gosta de bolos" ou "o Pedro adora bolos", depende da presença dos verbos principais "gostar" e "adorar". Pelo contrário, a presença de um [verbo auxiliar](#), como nas frases "o Pedro tinha gostado do bolo" ou

"o Pedro tinha adorado o bolo", não altera a natureza dos complementos. O facto de o sujeito das frases "o João adoeceu" e "o João cantou" ser interpretado de forma diferente depende, também, do verbo principal, na medida em que apenas na segunda frase o sujeito é um agente.

Verbo transitivo directo

Verbo principal que selecciona um sujeito e um complemento com a função sintáctica de complemento directo (i)-(iv).

- (i) A Ana fechou a porta.
- (ii) A Ana fechou-a.
- (iii) *A Ana fechou. (agramatical como frase isolada)
- (iv) A Ana afirmou [que tinham fechado a porta].
- (v) A Ana afirmou-o.
- (vi) *A Ana pediu. (agramatical como frase isolada)

Verbo transitivo directo e indirecto

Verbo principal que selecciona um sujeito e dois complementos: um com a função sintáctica de complemento directo e outro com a de complemento indirecto (i)-(iv) ou de complemento oblíquo (v)-(viii).

- (i) A Teresa deu o livro à professora.
- (ii) A Teresa deu-o à professora.
- (iii) A Teresa deu-lhe o livro.
- (iv) A Teresa deu-lho. (v) O Pedro pôs os livros na estante.
- (vi) O Pedro pô-los na estante.
- (vii) O Pedro pôs os livros aí.
- (viii) O Pedro pô-los aí.

Verbo transitivo indirecto

Verbo principal que selecciona um sujeito e um complemento indirecto (i)-(ii) ou oblíquo (iv)-(v).

- (i) A prenda agradou à Ana.
- (ii) A prenda agradou-lhe.
- (iii) *A prenda agradou.
- (iv) A Margarida vai a Paris.
- (v) A Margarida vai lá.
- (vi) *A Margarida vai.

Verbo transitivo-predicativo

Verbo principal que selecciona um sujeito, um complemento directo e um predicativo do complemento directo.

- (i) A Teresa acha o Pedro feio.
- (ii) A Teresa acha-o feio.

Os verbos transitivos-predicativos conseguem distinguir-se dos verbos transitivos directos através da substituição do complemento directo por um pronome. Assim, observa-se que, em frases como "o Pedro leu um livro horrível"/"o Pedro leu-o"/"o Pedro leu-o horrível", não há predicativo do complemento directo (não havendo, conseqüentemente, verbo transitivo-predicativo), enquanto em frases como "o Pedro considera o livro horrível"/"o Pedro considera-o horrível" a expressão "horrível" não faz parte do complemento directo, funcionando como predicativo do complemento directo.

DOMÍNIO B.4: SINTAXE

Disciplina da linguística que estuda a forma como as palavras se combinam para formar unidades maiores. A unidade máxima de análise sintáctica é a frase.

Termos por ordem alfabética:

Assindética

Construção de coordenação cujos membros não iniciais não são introduzidos por uma conjunção.

- frase complexa formada por coordenação em que nenhuma das orações coordenadas é introduzida por conjunção:

[O João foi à escola], [a Teresa ficou em casa].

- construção de coordenação não frásica em que os elementos coordenados não são introduzidos por uma conjunção:

A Eva partiu [um copo], [um prato]...

A tradição gramatical luso-brasileira aplica normalmente o termo "assindética" a estruturas de coordenação, não o aplicando a estruturas de subordinação.

Complemento

Função sintáctica, distinta da função de sujeito, desempenhada por um constituinte seleccionado por um verbo, nome, adjectivo, preposição ou advérbio.

Na frase (i), o grupo nominal "o bolo" é complemento do verbo "comeu". Sabe-se que este constituinte é um complemento do verbo, porque a sua presença na frase depende deste verbo, conforme se atesta em (ii):

(i) O João comeu o bolo.

(ii) *O João tossiu o bolo. (frase agramatical porque "o bolo" não é seleccionado por "tossiu")
O João tossiu.

Na frase (iii), a oração completiva "de comprarmos uma casa" é complemento do nome "ideia". Sabe-se que este constituinte é um complemento do nome, porque a sua presença na frase depende deste nome, conforme se atesta em (iv):

(iii) A ideia de comprarmos uma casa agrada-me.

(iv) *A camisola de comprarmos uma casa agrada-me.
A camisola agrada-me.

Na frase (v), o grupo preposicional "do filho" é complemento do adjectivo "orgulhoso". Sabe-se que este constituinte é um complemento do adjectivo, porque a sua presença na frase depende do adjectivo, conforme se atesta em (vi):

(v) O Pedro está orgulhoso do seu filho.

(vi) *O Pedro está louco do seu filho.
O Pedro está louco.

Na frase (vii), o grupo nominal "casa" é complemento da preposição "em":

(vii) O Pedro está em casa.

O complemento distingue-se do modificador, porque este não é seleccionado. Assim, a ausência de um complemento pode gerar uma frase anómala (i), o que não acontece com um modificador (ii).

(i) a. O João porta-se mal.

b. *O João porta-se.

(ii) a. O João cantou mal.

b. O João cantou.

Complemento agente da passiva

Função sintáctica desempenhada por um grupo preposicional presente numa frase passiva, que corresponde ao sujeito na frase activa com o mesmo significado.

(i) A baleia foi encontrada [por um pescador]. (activa correspondente: "Um pescador encontrou a baleia")

(ii) O cão está a ser tratado [pelo veterinário]. (activa correspondente: "O veterinário está a tratar o cão.")

Complemento directo

Complemento seleccionado pelo verbo, que pode ter uma das seguintes formas:

- grupo nominal substituível por um pronome pessoal acusativo ("o", "a", "os" ou "as");

- oração subordinada substantiva substituível pelo pronome demonstrativo átono "o".

Complementos directos nominais:

(i) O João comeu [o bolo].

O João comeu-[o].

(ii) A Margarida perdeu [a mala que a mãe lhe deu].

A Margarida perdeu-[a].

Complementos directos oracionais:

(iii) A Margarida disse [que o João comeu o bolo].

A Margarida disse-[o].

(iv) A Margarida também perguntou [se a tua mãe está melhor].

A Margarida também [o] perguntou.

Complemento do adjetivo

Complemento seleccionado por um adjectivo. O complemento do adjectivo pode ser um grupo preposicional (oracional (i) ou não oracional (ii)).

Os complementos do adjectivo são, muitas vezes, de preenchimento opcional.

(i) O João está [contente [por te ter convidado]] ([por te ter convidado] é complemento do adjectivo "contente" no grupo adjectival [contente por te ter convidado]).

(ii) O João está [contente [com a situação]] ([com a situação] é complemento do adjectivo "contente" no grupo adjectival [contente com a situação]).

Complemento do nome

Complemento seleccionado por um nome. O complemento do nome pode ser um grupo preposicional (oracional (i) ou não oracional (ii)) ou, menos frequentemente, um grupo adjectival (iii).

Um nome pode seleccionar mais de um complemento (iv). Os complementos do nome são sempre de preenchimento opcional.

(i) *[A ideia [de que o João aceitaria o lugar]] é absurda. ([de que o João aceitaria o lugar] é o complemento do nome "ideia" no grupo nominal [a ideia de que o João aceitaria o lugar])*

(ii) *[A construção [do edifício]] parece-me difícil. ([do edifício] é complemento do nome "construção" no grupo nominal [a construção do edifício])*

(iii) *[A pesca [baleeira]] tem vindo a aumentar. ([baleeira] é o complemento do nome "pesca" no grupo nominal [a pesca baleeira])*

(iv) *[A oferta [de livros] [às bibliotecas escolares]] é importante. ([de livros] e [às bibliotecas escolares] são complementos do nome "oferta" no grupo nominal [a oferta de livros às bibliotecas escolares])*

Complemento indirecto

Complemento seleccionado pelo verbo, que tem a forma de grupo preposicional e pode ser substituído pelo pronome pessoal na sua forma dativa ("lhe" / "lhes") (i-iii).

(i) *O Pedro deu uma prenda [aos pais].*

O Pedro deu-[lhes] uma prenda.

(ii) *O Pedro telefonou [ao médico de que lhe falei].*

O Pedro telefonou-[lhe].

(iii) *O Pedro telefonou [ao médico amigo da minha mãe].*

O Pedro telefonou-[lhe].

Complemento oblíquo

Complemento seleccionado pelo verbo, que pode ter uma das seguintes formas:

- grupo preposicional que não é substituível pelo pronome pessoal na sua forma dativa ("lhe" / "lhes") (i-ii).

- grupo adverbial (iii).

- a coordenação de qualquer uma destas formas (por exemplo (iv)).

(i) *O João foi [a Nova Iorque].*

**O João foi-lhe.*

(ii) *O João gosta [de bolos].*

**O João gosta-lhes.*

(iii) *O João mora [aqui].*

(iv) *O João vive [aqui ou em Lisboa]?*

Um complemento oblíquo pode ter diferentes valores semânticos, conforme exemplificado em (i) e (ii).

Complexo verbal

Sequência de um ou mais [verbos](#) em que apenas um deles é um [verbo principal](#) e os restantes verbos são verbos auxiliares.

(i) O João tem trabalhado muito. (complexo verbal: "tem trabalhado")

(ii) O João tem de começar a trabalhar muito. (complexo verbal: "tem de começar a trabalhar")

(iii) O João vai começar a poder trabalhar muito. (complexo verbal: "vai começar a poder trabalhar")

Concordância

Processo gramatical em que duas ou mais [palavras](#) partilham traços [flexionais](#) de [pessoa](#), [género](#) ou [número](#) por se encontrarem numa determinada configuração sintáctica. Existe concordância obrigatória nos seguintes contextos: entre [sujeito](#) e [verbo](#) flexionado no [predicado](#) (i); entre [determinante](#) e [nome](#) (ii); entre [quantificador](#) e nome (iii); entre nome e [adjectivo](#) (iv); entre sujeito e [predicativo do sujeito](#) ([adjectival](#) ou [nominal](#)) (v); entre [complemento directo](#) e [predicativo do complemento directo](#) ([adjectival](#)) (vi); entre sujeito e participio passado em construções [passivas](#) (vii).

(i) a. Nós chegámos.

b. Chegaram o Rei de Espanha e as suas filhas.

(ii) O menino

(iii) Alguns meninos

(iv) meninas simpáticas

(v) Os rapazes estão cansados.

(vi) Acho estes rapazes loucos.

(vii) Os bancos foram assaltados.

Coordenação

Processo sintáctico que consiste na junção de duas ou mais unidades linguísticas com a mesma categoria e/ou com a mesma função sintáctica. Os constituintes coordenados podem ser [frases](#) ou [orações](#), [grupos nominais](#), [grupos adjectivais](#), [grupos verbais](#), [grupos adverbiais](#) ou [grupos preposicionais](#).

Elementos coordenados:

- frases:

O João foi ao cinema e a Maria encontrou-o.

O João foi ao cinema, o Paulo foi ao teatro e a Maria ficou em casa.

- grupos nominais:

Comprei arroz e legumes.

Queres couve-flor, beterraba ou espinafres?

- grupos adjectivais:

Ela é baixa e gordinha.

Ela é irritante e aborrecida.

- grupos verbais:

Ele tem bebido o leite e comido a papa.

Ele tem bebido leite, comido a papa e tomado o xarope.

- grupos adverbiais:

Ele não trabalha nem bem nem depressa.

Queres ir ao cinema hoje, amanhã ou depois?

- grupos preposicionais:

Fiz a viagem de carro e de avião.

Fiz o percurso de carro, de bicicleta e a pé.

Elipse

Omissão não obrigatória de uma parte de uma [frase](#), que pode ser recuperada a partir do [contexto](#) linguístico (i) ou extralinguístico (ii).

(i) a) *O Miguel foi ao cinema e a Maria também foi.*

b) *O Miguel foi ao cinema e a Maria também.*

(Note-se que ambas as frases são parafraseáveis por "O Miguel foi ao cinema e a Maria também foi ao cinema").

(ii) (apontando para um copo de sumo): *Também quero.*

Frase

[Enunciado](#) em que se estabelece uma relação de [predicação](#), que contém, no mínimo, um [verbo principal](#), podendo ainda incluir elementos como o [sujeito](#), [complementos](#) seleccionados, predicativos e eventuais [modificadores](#).

Há frases que aparentam não ter verbo principal, como a resposta no exemplo (i):

(i) A: *Vais ver esse filme?*

B: *Vou.*

Na verdade, em contextos deste tipo, considera-se que o verbo principal foi apagado ou pode ser subentendido através de um processo de [elipse](#).

Frase activa

Construção em que participam alguns [verbos transitivos directos](#), [transitivos directos e indirectos](#) ou [transitivos predicativos](#), que se opõe às [frases passivas](#), na medida em que os constituintes interpretados como sujeito e complemento de uma relação de [predicação](#) são realizados como [sujeito](#) e [complemento directo](#).

"Os bandidos assaltaram dois bancos" é a frase activa correspondente à frase passiva "Foram assaltados dois bancos pelos bandidos".

Frase complexa

[Frase](#) em que existe mais do que um [verbo principal](#) ou [copulativo](#). As frases complexas são [frases](#) que contêm mais do que uma [oração](#).

Frases complexas:

(i) *O João disse que vai ao cinema.*

- (ii) O João quer ir ao cinema.
- (iii) O João fica feliz, se for ao cinema.
- (iv) Chegando a casa, falo contigo.
- (v) O João caiu e a Maria tropeçou.

Frase passiva

Construção em que participam alguns [verbos transitivos directos](#), [transitivos directos e indirectos](#) ou [transitivos predicativos](#), na qual o constituinte interpretado como complemento de uma relação de [predicação](#) é realizado como [sujeito](#), sendo o [verbo conjugado](#) numa forma composta, com o [auxiliar](#) "ser".

"Foram assaltados dois bancos" é uma frase passiva.

Frase simples

[Frase](#) em que existe um único [verbo principal](#) ou [copulativo](#).

Frases simples:

- (i) O João foi a casa.
- (ii) O João está doente.
- (iii) O João pode ficar em casa.
- (iv) O João vai ficar doente.

Grupo adjectival

Grupo de [palavras](#) cujo constituinte principal é um [adjectivo](#) e que funciona como uma unidade sintáctica. O grupo adjectival pode ser constituído exclusivamente por um adjectivo (i), ou por um adjectivo que co-ocorre com [complemento](#) (ii) e/ou [advérbios de quantidade e grau](#) (iii).

- (i) *Uma mulher [misteriosa] pediu a palavra.*
- (ii) a. *Os alunos estão [felizes [com a escola]].*
b. *Esta crise é [impossível [de aguentar]].*
- (iii) a. *A Rita é uma rapariga [muito [inteligente]].*
b. *[O mais [inteligente]] dos meus alunos vive em Lisboa.*

Grupo adverbial

Grupo de [palavras](#) cujo constituinte principal é um [advérbio](#) e que funciona como uma unidade sintáctica. Um grupo adverbial pode ser constituído exclusivamente por um advérbio (i), por um advérbio e pelo seu [complemento](#) (ii) e/ou por um advérbio e outro(s) advérbio(s) que o preceda(m) (iii).

- (i) *O João viu a Maria [ontem].*
- (ii) *[Independentemente da tua opinião], isto funciona.*
- (iii) *O João é o rapaz que corre [mais rapidamente].*

Grupo nominal

Grupo de palavras cujo constituinte principal é um nome ou um pronome e que funciona como uma unidade sintáctica.

Um grupo nominal pode ser constituído exclusivamente por um nome ou por um pronome (i) ou por um nome que co-ocorre com complemento(s) (ii), modificadores (iii) e determinantes e/ou quantificadores (iv).

(i) *[Lisboa] é a capital de Portugal.*

[Ela] chegou.

(ii) *[A [construção] da ponte] demorou vários anos.*

(iii) *[A [rapariga] que conheceste] vive nessa casa.*

(iv) *[Todos os meus [irmãos]] vivem em Lisboa.*

Grupo preposicional

Grupo de palavras cujo constituinte principal é uma preposição e que funciona como uma unidade sintáctica.

Todos os grupos preposicionais são formados pelo núcleo preposicional e pelo seu complemento.

O complemento exigido por uma preposição pode ser um grupo nominal, um advérbio ou uma oração, pelo que um grupo preposicional pode ser constituído por: uma preposição e um grupo nominal (i); uma preposição e um advérbio (ii); uma preposição e uma oração (iii).

(i) *uma preposição e um grupo nominal:*

Duvido [de pessoas demasiado simpáticas].

(ii) *uma preposição e um advérbio:*

Quero falar-te [desde ontem].

(iii) *uma preposição e uma oração:*

[Em [acabando o trabalho]], vou ao café.

Grupo verbal

Grupo de palavras cujo constituinte principal é um verbo e que funciona como uma unidade sintáctica. O grupo verbal pode ser constituído exclusivamente pelo verbo ou complexo verbal (i), ou por um verbo e pelos seus complementos (ii) e/ou modificadores (iii).

(i) a. *[Chove].*

b. *A Teresa [caiu].*

c. *A Teresa [tinha espirrado].*

(ii) *A Eva [encontrou o João].*

(iii) *O Rui [telefonou ao Miguel ontem].*

Modificador

Função sintáctica desempenhada por constituintes não seleccionados por nenhum elemento do grupo sintáctico de que fazem parte. Por não serem seleccionados, a sua omissão geralmente não afecta a gramaticalidade de uma frase (i). Os modificadores podem relacionar-se com frases ou orações (ii), constituintes verbais (iii) ou nominais (iv).

Os modificadores podem ter diferentes formas (v) e diferentes valores semânticos (vi).

(i) (a) O *camião* *explodiu* [*aqui*].

(b) O *camião* *explodiu*.

(ii) [*Felizmente*], *vou ficar em casa*.

[*Matematicamente*], *isso está errado*.

(iii) A *Ana* *cantou* [*ontem*].

A *Ana* *cantou* [*mal*].

(iv) O *rapaz* [*gordo*] *chegou*.

O *rapaz* [*que tu conheces*] *chegou*.

(v) Modificadores com diferentes formas ([grupo adverbial](#), [grupo preposicional](#) e oração) e com valor semântico idêntico (temporal):

A *Ana* *cantou* [*ontem*].

A *Ana* *cantou* [*naquele dia*].

A *Ana* *cantou* [*quando tu chegaste de França*].

(vi) Modificadores com forma idêntica e diferentes valores semânticos (locativo, [temporal](#) e de modo):

A *Ana* *cantou* [*naquela sala*].

A *Ana* *cantou* [*naquele dia*].

A *Ana* *cantou* [*daquela maneira*].

Modificador apositivo

[Modificador](#) do [nome](#) que não restringe a [referência](#) do nome que modifica (i).

Os elementos que podem funcionar como modificadores apositivos são, tipicamente, [grupos nominais](#) (ii) ou [orações relativas explicativas](#) (iii).

(i) (a) Os *escuteiros*, *que são simpáticos*, *brincaram com as crianças*.

(b) *Os *escuteiros*, *que são simpáticos*, *brincaram com as crianças*, os *antipáticos* não.

(a [relativa](#) "que são simpáticos" não restringe a referência do nome "escuteiros", isto é, não define o subconjunto dos escuteiros simpáticos num conjunto prévio de escuteiros. Note-se que, pelo facto de "simpáticos" não restringir a referência de "escuteiros", não é possível inferir que nem todos os escuteiros eram simpáticos - por isso mesmo, a [frase](#) (ib) não é aceitável).

(ii) [D. Afonso II [, o gordo,]] *tem um novo monumento*.

(iii) [Os lobos [,que são mamíferos,]] *são animais muito bonitos*.

Na [escrita](#), os modificadores apositivos são sempre separados por [vírgulas](#) dos nomes a que se referem (cf. exemplos).

Modificador restritivo

[Modificador](#) do [nome](#) que limita, i.e., restringe a [referência](#) do nome que modifica (i).

Os elementos que podem funcionar como modificadores restritivos do nome podem ser [grupos adjectivais](#) (ii), [grupos preposicionais](#) (iii) ou [orações subordinadas adjectivas](#) (iv).

(i) (a) Os *escuteiros que são simpáticos* *brincaram com as crianças*.

(b) Os *escuteiros que são simpáticos* *brincaram com as crianças*, os *antipáticos* não.

(a relativa "que são simpáticos" restringe a referência do nome "escuteiros", isto é, define o subconjunto dos escuteiros simpáticos num conjunto prévio de escuteiros. Note-se que, pelo facto de "que são simpáticos" restringir a referência de "escuteiros", é possível inferir que nem todos os escuteiros eram simpáticos - por isso mesmo, a frase (ib) é aceitável).

(ii) Adoro [flores [frescas e coloridas]].

(iii) [O rapaz [de barba]] é meu aluno.

(iv) [Os lobos [que vivem no Parque Peneda-Gerês]] estão em vias de extinção.

Na escrita, os modificadores restritivos não podem ser separados por vírgulas dos nomes a que se referem (cf. exemplos).

Oração

Designação tradicional para os constituintes frásicos coordenados e subordinados contidos em frases complexas.

A frase "Eu disse que vai chover" inclui a oração [que vai chover].

Oração coordenada

Oração contida numa frase complexa, que não mantém uma relação de subordinação sintáctica com a(s) frase(s) ou oração(ões) com que se combina, distinguindo-se, tipicamente, das orações subordinadas por não poder ser anteposta.

A oração coordenada adversativa em (i) distingue-se da oração subordinada adverbial concessiva em (ii) por, apesar de terem o mesmo significado, apenas a subordinada permitir anteposição:

(i) a. Os pinguins não voam, mas têm asas.

b. *Mas têm asas, os pinguins não voam.

(ii) a. Os pinguins não voam, embora tenham asas.

b. Embora tenham asas, os pinguins não voam.

Oração coordenada adversativa

Oração coordenada que transmite uma ideia de contraste face a um pressuposto expresso ou implícito na frase ou oração com que se combina.

Na frase "Estou constipado, mas vou trabalhar", a oração coordenada adversativa contribui para contrariar o pressuposto segundo o qual, quando se está constipado, não se vai trabalhar.

Oração coordenada conclusiva

Oração coordenada que transmite uma ideia de conclusão decorrente de uma premissa expressa ou implícita na frase ou oração com que se combina.

Na frase "Estou constipado, logo não vou trabalhar", a oração coordenada conclusiva expressa a conclusão decorrente do facto explicitado de estar constipado e da premissa implícita segundo a qual quem está constipado não vai trabalhar.

Oração coordenada copulativa

Oração coordenada através de conjunção coordenativa que transmite um valor básico de adição de informação à oração com que se combina.

Na frase "O João foi à praia e a Maria ficou em casa", é acrescentada a informação de que "a Maria ficou em casa" à oração "o João foi à praia".

Oração coordenada disjuntiva

Oração coordenada através de conjunção coordenativa que exprime um valor de alternativa face ao que é expresso pela oração com que se combina.

A frase "Ou o João foi à praia ou a Maria ficou em casa" só é verdadeira se, no caso de o João ter ido à praia, não for verdade que a Maria ficou em casa, ou vice-versa.

Oração coordenada explicativa

Oração coordenada em que se apresenta uma justificação ou explicação para que se torne legítimo o acto de fala expresso pela frase ou oração com que se combina.

Na frase "O João está com medo, que estou a vê-lo a tremer", o facto de o falante ver o João a tremer é apresentado como o factor que justifica a afirmação de que o João tem medo.

Oração subordinada

Oração, contida numa frase complexa, que desempenha uma função sintáctica na frase em que se encontra. As orações subordinadas podem desempenhar a função sintáctica de sujeito, complemento ou modificador (da frase, do grupo verbal ou do nome). Segundo o tipo de função sintáctica que desempenham, as subordinadas podem ser classificadas como substantivas (i), adjectivas (ii) ou adverbiais (iii).

(i) Disse-te [que não queria ir].

subordinada substantiva - [que não queria ir]

(ii) A rapariga [que conheci] trabalha muito bem.

subordinada adjectiva - [que conheci]

(iii) [Quando o conheci], apaixonei-me.

subordinada adverbial - [quando o conheci]

Oração subordinada adjectiva

Oração subordinada que desempenha uma função sintáctica própria de um adjectivo, conforme (i) e (ii). As orações subordinadas adjectivas apresentadas nos exemplos exercem a função sintáctica de modificadores restritivos (iii) e apositivos (iv).

As subordinadas adjectivas podem ser relativas ou gerundivas (ver nota 1).

(i) Os alunos [que estudam] têm bons resultados.

(ii) Os alunos [estudiosos] têm bons resultados.

(nas frases (i) e (ii), a relativa "que estudam" e o adjectivo "estudiosos" estão a modificar o nome "alunos")

(iii) Os homens [que assaltaram a minha casa] eram assustadores.

(iv) Os homens, que são mamíferos, têm semelhanças com os chimpanzés.

1. Algumas orações gerundivas são subordinadas adjectivas, uma vez que desempenham a função de modificadores do nome (v).

(v) Os livros [contendo erratas] devem ser postos fora do mercado.

(A gerundiva destacada em (v) está a modificar o nome "livros").

Oração subordinada adjectiva relativa

Oração subordinada adjectiva que é introduzida por um pronome relativo associado a um antecedente. (ver nota 1).

Os pronomes relativos não têm referência autónoma e é a relação com o antecedente que permite a identificação do seu referente (cf. (i) e (ii)).

(i) Os alunos [que são inteligentes] não precisam de estudar tanto.

("os alunos" é o antecedente do pronome relativo "que")

(ii) Os alunos [a quem negaram explicações] têm o direito de repetir os exames.

("os alunos" é o antecedente do pronome relativo "quem")

1. Antecedente é a expressão lexical a que o pronome relativo está associado e que é modificada pela oração relativa.

Oração subordinada adjectiva relativa explicativa

Oração subordinada adjectiva relativa, introduzida pelas palavras relativas em (i), que contribui com informação adicional sobre o antecedente. Nas frases com relativas explicativas, a denotação do antecedente do pronome relativo é a mesma, independentemente da presença da relativa, como a comparação entre (ii) e (iii) mostra. As relativas explicativas desempenham a função sintáctica de modificadores apositivos (iv).

Algumas relativas explicativas são introduzidas por um pronome relativo que retoma semanticamente o conteúdo de uma frase, desempenhando, nesses casos, a função de modificadores da frase (v).

(i) "que", "quem", "o qual" ("os quais", "a qual", "as quais"), "cujo" ("cujos", "cuja", "cujas"), "quanto" e "onde".

(ii) A literatura, [que é imortal], encanta os estudantes. (= o conjunto de todas as entidades denotadas como literatura é imortal e encanta os estudantes)

(iii) A literatura encanta os estudantes. (= o conjunto de todas as entidades denotadas como literatura encanta os estudantes)

(iv) O escritor, [que nasceu no Brasil], ganhou o prémio Nobel.

(a relativa está a modificar o nome "o escritor")

(v) O escritor ganhou o prémio Nobel, [o que envaideceu a sua família].

(a relativa está a modificar toda a frase que a antecede, exprimindo uma propriedade que qualifica o evento descrito pela frase subordinante, ou seja, a propriedade "envaidecer toda a família" modifica o evento "o escritor ter ganho o prémio Nobel")

1. As relativas explicativas podem ser parafraseadas por qualquer modificador apositivo, como se verifica em (vi) e (vii). Por essa razão, as explicativas são também denominadas apositivas.

Exemplos:

(vi) A literatura, [que é imortal], encanta os estudantes.

(vii) A literatura, [arte imortal], encanta os estudantes.

Oração subordinada adjectiva relativa restritiva

Oração subordinada adjectiva relativa, introduzida pelas palavras relativas em (i), que tem a função de restringir a informação dada sobre o antecedente, ou seja, de identificar a parte ou a entidade precisa do domínio denotado pelo antecedente (ii).

As relativas restritivas desempenham a função sintáctica de modificador restritivo (iii).

(i) "que", "quem", "o qual" ("os quais", "a qual", "as quais"), "cujo" ("cujos", "cuja", "cujas"), "quanto" ("quantos", "quantas") e "onde".

(ii) Os poemas [que foram escritos por Neruda] são património da humanidade

(= do conjunto de todos os poemas, o subconjunto constituído pelos da autoria de Neruda é património da humanidade)

(iii) Os meus alunos [que estudam] têm boas notas. (= do conjunto de todos os meus alunos, têm boa nota os que estudam)

Oração subordinada adverbial

Oração subordinada que desempenha a função sintáctica de modificador da frase ou do grupo verbal.

- Subordinadas adverbiais que modificam o grupo verbal:

(i) Usavas o cabelo comprido [quando te conheci].

(ii) Queria convidar-te a ir a minha casa [para te mostrar as fotografias].

- Subordinadas adverbiais que modificam a frase:

(iii) A Teresa perde outro ano, [se não estudar].

(iv) A Teresa consegue passar, [embora não estude].

Oração subordinada adverbial causal

Subordinada adverbial que exprime a razão, o motivo (a causa) do evento descrito na subordinante ou que apresenta uma justificação para o que é expresso na subordinante. As subordinadas causais podem ser finitas ou não finitas.

Subordinadas causais finitas:

(i) [Como a Maria estava doente], o João não quis sair.

(ii) Vem depressa para casa, [porque o jantar está na mesa].

Subordinadas causais não finitas:

- Infinitivas:

(iii) Eles não vêm à festa [visto estarem com sarampo].

(iv) [Por perder o comboio], chegou três horas atrasada.

(v) [À força de insistir], consegui a informação.

- Participial:

(vi) [Descoberta a epidemia de sarampo], a população foi posta de sobreaviso. (= a população foi posta de sobreaviso, visto ter sido descoberta a epidemia de sarampo)

- Gerundiva:

(vii) [Estando os miúdos com sarampo], é possível que os pais não venham à festa. (= é possível que os pais não venham à festa, visto que os miúdos estão com sarampo)

Oração subordinada adverbial comparativa

Subordinada adverbial que exprime o grau e que, por essa razão, é considerada uma construção de graduação (tal como acontece com as subordinadas consecutivas).

As subordinadas comparativas são frequentemente construções elípticas, isto é, construções em que algo está elidido, nomeadamente, a forma verbal ou o grupo verbal na oração subordinada.

(i) O meu bolo é mais doce [do que o teu]. (= do que o teu é doce)

(ii) Esta casa é mais bonita [do que a outra]. (= do que a outra é bonita)

(iii) Ela dança tão bem [como canta].

(iv) Ela está a envelhecer mais [do que a própria mãe].

(= do que a própria mãe está a envelhecer)

(v) A Rute comprou mais discos [do que livros]. (= do que comprou livros)

(vi) Ele nada mais [do que eu corro].

As subordinadas comparativas diferem claramente dos outros tipos de subordinadas adverbiais, já que:

(a) muitas vezes, parecem relacionar-se especificamente com um elemento da subordinante e não com toda a subordinante;

(b) não têm geralmente muita mobilidade na frase:

(vii) Comprei mais livros [do que tu].

(viii) *[Do que tu], comprei mais livros.

Oração subordinada adverbial concessiva

Subordinada adverbial que transmite uma ideia de contraste face a um pressuposto expresso ou implícito na subordinante. Estas subordinadas podem ter valores factuais ((i), (iii)) ou condicionais (ii).

Subordinadas concessivas finitas

(i) A Maria, [embora tenha fome], não é capaz de comer.

(ii) [Mesmo se tiver fome], não serei capaz de comer.

Subordinadas concessivas não finitas:

Infinitiva:

(iii) [Apesar de ter fome], a Maria não é capaz de comer.

Gerundiva:

(iv) [Mesmo gostando de feijoada], hoje não vou a tua casa.

Participial:

(vi) Mesmo arrumada, a casa parece um caos.

Oração subordinada adverbial condicional

Subordinada adverbial que exprime a condição em que se verifica o facto expresso pela proposição contida na subordinante.

Do ponto de vista semântico, as condicionais podem ser classificadas em três tipos: factuais ou reais; hipotéticas; contrafactuais ou irrealis.

Subordinadas condicionais finitas:

(i) [Se comeste chocolate], tinhas fome. (factual)

(ii) [Se comer chocolate], fico com alergia. (hipotética)

(iii) [Se comesse chocolate], ficaria com alergia. (contrafactual)

Subordinada condicional não finita:

- Infinitiva:

(iv) [A acreditar no que ele diz], ela mentiu. (hipotética)

- Participial:

(v) [Destruídos os moldes], não será possível reconstruir a peça. (hipotética)

- Gerundiva:

(vi) [Participando nessa exposição], estarás lançado como artista. (hipotética)

As condicionais podem ser utilizadas para veicular outros valores semânticos, como dúvida (i) ou alternativa (ii):

(i) Se és tão amigo dele, empresta-lhe o dinheiro.

(ii) Se havia de ficar em casa, fui antes para o cinema.

Oração subordinada adverbial consecutiva

Subordinada adverbial que exprime a consequência de um facto apresentado na subordinante; em alguns casos, exprime-se a consequência do grau em se verifica dado facto apresentado na subordinante. Na medida em que podem exprimir o grau, as consecutivas são, como as comparativas, consideradas construções de graduação.

Subordinadas consecutivas finitas:

(i) Ele é tão gordo [que partiu a cadeira].

(ii) A festa foi tal [que durou até de madrugada].

(iii) Correu tão depressa [que tropeçou].

(iv) Comi tanto ao almoço [que acho que não vou jantar].

Subordinada consecutiva não finita:

- Infinitiva:

(v) Ele foi estúpido [a ponto de deixar a escola].

As subordinadas consecutivas diferem claramente dos outros tipos de subordinadas adverbiais, já que:

(i) muitas vezes, modificam especificamente um elemento da subordinante e não toda a subordinante;

(ii) não têm geralmente muita mobilidade na [frase](#):

(vi) Ele é tão grande [que bate com a cabeça nas portas].

(vii) *[Que bate com a cabeça nas portas], ele é tão grande.

Oração subordinada adverbial final

[Subordinada adverbial](#) que exprime o propósito, a intenção (finalidade) da realização da situação descrita na [subordinante](#). As subordinadas finais podem ser [finitas](#) ou [não finitas](#).

Subordinada final finita:

(i) [Para que a minha filha ficasse contente], convidei o Pedro.

Subordinada final não finita:

- Infinitiva:

(ii) Vieram [para ver o filme].

Oração subordinada adverbial temporal

[Subordinada adverbial](#) que estabelece a [referência temporal](#) em relação à qual a [subordinante](#) é interpretada. As subordinadas temporais podem ser [finitas](#) ou [não finitas](#).

Subordinadas temporais finitas:

(i) [Quando acabar o trabalho], vou ao cinema.

(ii) A Teresa, [assim que acabou o trabalho], foi ao cinema.

Subordinadas temporais não finitas:

- Infinitiva:

(iii) [Até acabares o trabalho], a nossa vida vai ser complicada.

- Participiais:

(iv) [Uma vez conquistada a cidade], as tropas partiram.

(v) [Batidas as claras], deve juntar-se a baunilha.

- Gerundivas:

(vi) [Tendo devorado uma caixa de chocolates], acabei o trabalho.

(vii) [Chegando a casa], cruzei-me com a minha prima.

(viii) [Em chegando a casa], telefone-te.

Oração subordinada substantiva

[Oração subordinada](#) que é [sujeito](#) ou [complemento](#) de um [verbo](#) (i), [nome](#) (ii) ou [adjectivo](#) (iii).

(i) (a) O Manuel quer [comer bolo]. - a oração substantiva é [complemento directo](#) do verbo “querer”

(b) Surpreende-me [que esteja a chover]. - a oração substantiva é sujeito de “surpreender”

(ii) A decisão [de invadir aquele país] foi absurda. - a oração substantiva é complemento do nome "decisão"

(iii) Esta porta é fácil [de abrir] - a oração substantiva é complemento do adjectivo "fácil"

Oração subordinada substantiva completiva

Oração subordinada substantiva que é sujeito ou complemento de um verbo, nome ou adjectivo, podendo ser introduzida pelas conjunções subordinativas completivas "que" (i), "se" (ii) e "para" (iii). As subordinadas substantivas completivas podem ser finitas ou não finitas (iv), consoante o verbo se encontre numa forma verbal finita ou não finita.

(i) O Luís disse [que desejava cantar].

(ii) A mãe perguntou [se queremos jantar já].

(iii) A professora pediu [para sair mais tarde].

(iv) O Manuel afirmou [adorar música chilena].

Oração subordinada substantiva relativa

Oração subordinada substantiva que é introduzida por pronomes relativos como os listados em (i) e que pode ocorrer no mesmo contexto em que ocorrem constituintes que desempenham as funções sintácticas de sujeito (ii), de complemento directo (iii), de complemento indirecto (iv), de complemento oblíquo (v) e de modificador do grupo verbal (vi). As subordinadas substantivas relativas podem ser finitas ou não finitas, consoante o verbo se encontre numa forma verbal finita ou não finita.

(i) quem, o que, onde, quanto.

(ii) [Quem vai ao mar] perde o lugar.

(iii) O Luís procura [quem o ajude na escola].

(iv) O Pedro pede dinheiro a [quem tiver].

(v) O avô precisa de [quem cuide dele].

(vi) Ela compra roupa [onde calha].

Predicado

Função sintáctica desempenhada pelo grupo verbal.

(i) O João [pôs os livros na estante ontem].

(ii) [Surprende-me] que a Teresa tenha mentido.

(iii) O João [está doente], infelizmente.

(iv) [É óptimo] que possas vir à festa.

Predicativo do complemento directo

Função sintáctica desempenhada pelo constituinte seleccionado por um verbo transitivo predicativo (i) que predica algo acerca do complemento directo. Neste caso, complemento e predicativo do complemento directo formam o que se pode chamar uma predicação complexa, parafraseável por uma oração completiva finita (ii).

O predicativo do complemento directo pode ser um grupo nominal (ii) (a), um grupo adjectival (iii), ou um grupo preposicional (iv).

- (i) Achar, chamar, considerar, julgar, tratar, eleger, nomear...
- (ii) (a) O João considera a Maria [uma óptima professora].
(b) João considera que a Maria é uma óptima professora.
- (iii) O João acha a Maria [bonita].
- (iv) O João acha esse filme [sem interesse nenhum].

Predicativo do sujeito

Função sintáctica desempenhada pelo constituinte que ocorre em frases com verbos copulativos, que predica algo acerca do sujeito. O predicativo do sujeito pode ser um grupo nominal (i), um grupo adjectival (ii), um grupo preposicional (iii) ou um grupo adverbial (iv-v).

- (i) O João é [professor de Matemática].
- (ii) Os alunos estão [muito interessados].
- (iii) A Joana ficou [na escola].
- (iv) A minha casa é [aqui].
- (v) O teste é [amanhã].

O predicativo do sujeito contribui para a interpretação do sujeito, atribuindo-lhe uma propriedade, uma característica ou uma localização (temporal ou espacial). Neste sentido, diferencia-se dos complementos dos verbos transitivos (directos ou indirectos), cujo significado não contribui necessariamente para uma identificação de uma propriedade ou de uma localização atribuível ao sujeito.

É possível constatar que expressões com valor locativo seleccionadas por verbos copulativos desempenham a função de predicativo do sujeito, porque podem ser coordenadas com outros constituintes com a mesma função, independentemente do seu valor:

- (i) O João está [em Paris e muito doente].

Sindética

Construção de coordenação cujos membros não iniciais são introduzidos por uma conjunção.

- frase complexa formada por coordenação em que pelo menos uma das orações coordenadas é introduzida por conjunção:

- (i) O João foi à escola e a Teresa ficou em casa.

- construção de coordenação não envolvendo frases em que pelo menos um dos elementos coordenados é introduzido por uma conjunção:

- (ii) A Eva partiu um copo e um prato.

A tradição gramatical luso-brasileira aplica normalmente o termo "sindética" a estruturas de coordenação, não o aplicando a estruturas de subordinação.

Subordinante

Palavra, constituinte ou frase de que depende uma oração subordinada.

Na frase (i) o verbo "prometeu" é o elemento subordinante da oração subordinada "que me ia comprar um carro".

(i) O meu pai prometeu que me ia comprar o carro.

Na frase (ii), o nome "hipótese" é o elemento subordinante da oração subordinada "de te ires embora".

(ii) A hipótese de te ires embora agrada-me.

Na frase (iii), a frase "Eu compro um carro" é o elemento subordinante de que depende a oração subordinada "quando tu me deixares".

(iii) Eu compro um carro, quando tu me deixares.

Note-se que a subordinação é recursiva, podendo encontrar-se uma subordinada dentro de outra subordinada, desde que haja vários elementos subordinantes. Veja-se o seguinte caso:

O João disse [que a Maria contou [que o Miguel mentiu ao Pedro]].

Neste caso, "disse" será o verbo subordinante da subordinada [que a Maria contou que o Miguel mentiu ao Pedro]. Acontece que a subordinada, neste caso, também contém um verbo subordinante. Assim, "contou" será o verbo subordinante da subordinada [que o Miguel mentiu ao Pedro].

Conforme se explicita nos exemplos, nem sempre uma oração subordinada depende de uma frase completa. Em "o João disse que vai chover", a oração subordinada depende da existência do verbo "disse". O fragmento "o João disse" não constitui um domínio de predicação completo, pelo que não faz sentido falar-se de oração subordinante neste contexto. Já no caso de "Quando chegares, telefono-te", a frase "telefono-te" é uma frase completa, pelo que, neste caso, toda a frase é subordinante em relação à oração subordinada adverbial "quando chegares".

Sujeito

Função sintáctica desempenhada pelo constituinte da frase que controla a concordância verbal. Grupos nominais (i) e orações subordinadas substantivas (ii) podem desempenhar a função sintáctica de sujeito.

Quando o sujeito é um grupo nominal ou uma oração substantiva relativa, pode ser substituído pela forma nominativa do pronome pessoal (iii); quando o sujeito é uma oração completiva, pode ser substituído pelo pronome demonstrativo "isso" em posição pré-verbal (iv) e não pode ser substituído pelo pronome demonstrativo átono "o" (v).

(i) [Os meus primos] vivem em Santarém.

[Esse rapaz alto que tu conheces] estudou no Porto.

[O João] disse à Maria que viajou pelo Egipto.

[Lisboa] é uma cidade europeia.

Chegaram [os soldados do exército do rei].

(ii) [Quem vai ao mar] perde o lugar.

É verdade [que ele me mentiu].

É certo [que ele foi despedido].

Espanta-me [que ele tenha ganho o prémio].

[Ele ter ganho o prémio] espanta-me.

(iii)(a)[Os meus primos] vivem em Santarém.

- [Eles] vivem em Santarém.*
 (b) *[Quem vai ao mar] perde o lugar.*
[Ele] perde o lugar.
 (iv) *É verdade [que ele me mentiu].*
[Isso] é verdade.
 (v) *É verdade [que ele me mentiu].*
**É-o verdade.*

Apesar de o português ser uma língua SVO, é comum o sujeito encontrar-se em posição pós-verbal, como nas frases "Vendem-se casas", "Chegaram os meninos", "Espanta-me [que faça isso]".

Sujeito composto

Sujeito constituído por uma coordenação de grupos nominais (i), de orações (ii), de pronomes (iii) ou de combinações destas categorias (iv). A este contrapõe-se o sujeito simples.

- (i) *[O Manuel e a Maria] telefonaram pelas nove horas.*
 (ii) *[Quem arrisca e quem sabe o que quer] é bem sucedido.*
 (iii) *[Eu e tu] telefonámos pelas nove horas.*
 (iv) *[Ela e o Manuel] telefonaram pelas nove horas.*
[O Pedro e quem tu sabes] acabam de entrar na sala.

Sujeito nulo

Sujeito sem realização lexical.

Em contextos não finitos, o sujeito nulo é uma propriedade universal das línguas (i) e, em contextos finitos, é uma característica de línguas como o português (ii) ou o espanhol, por oposição ao francês ou ao inglês. O sujeito nulo pode não ter qualquer interpretação, como em (iii), sendo neste caso designado de expletivo; pode ser interpretado como tendo um referente específico que é recuperado através da flexão verbal, através de um processo anafórico ou contextualmente (iv), sendo neste caso designado de subentendido; pode ainda ter como referente uma entidade não específica, parafraseável por "alguém" (v), sendo neste caso designado de indeterminado.

- (i) *Eu quero [-] fumar.*
Yo quiero [-] fumar.
Je veux [-] fumer.
I want [-] to smoke.
 (ii) *[-] Chove muito hoje.*
** [Ele] chove muito hoje.*
[-] Diz-se que ela perdeu todo o seu dinheiro.
**[Ele] diz-se que ela perdeu todo o seu dinheiro.*
[-] Quero dormir.
[Eu] quero dormir.
 (iii) *[-] Choveu muito.*
[-] Há neve naquela montanha.

(iv) [-] *Vamos embora.*

O Pedro disse que [-] está cansado.

[-] Chegou. (apontando-se para alguém que entra numa sala)

(v) [-] *Dizem que vai chover.*

Sujeito simples

Sujeito constituído exclusivamente por um grupo nominal (i) ou por uma oração (ii). A este contrapõe-se o sujeito composto.

(i) *[O Manuel] telefonou pelas nove horas.*

(ii) *[Quem não arrisca] não petisca.*

(Tipo de) frase declarativa

Frase em que é feita uma asserção e que se pode caracterizar pela ausência dos traços específicos dos outros tipos de frase (ver frases interrogativas, exclamativas e imperativas).

As declarativas classificam-se também segundo a ordem dos seus constituintes, sendo (i) uma declarativa não marcada e (ii) uma declarativa marcada. A alteração de ordem é, frequentemente, utilizada em contextos discursivos específicos, como a ênfase num determinado constituinte.

(i) *O João comeu o bolo.*

(ii) *O bolo, o João comeu(-o).*

(Tipo de) frase exclamativa

Frase que corresponde à expressão de uma avaliação do falante face a determinado contexto.

As exclamativas caracterizam-se por processos sintácticos, como a inversão do sujeito (i), e/ou por marcas prosódicas, como o acento de intensidade a destacar um determinado constituinte (ii).

As frases exclamativas podem ser classificadas em função do escopo da exclamação. Assim, quando a exclamação recai sobre toda a frase, a exclamativa é total (iii); se a exclamação recai sobre um dos constituintes da frase, por exemplo, o grupo nominal sujeito (iv) ou o grupo verbal (v), a exclamativa é parcial.

(i) *Que fascinante é essa história!*

(ii) *Essa história é HORRÍVEL!*

(iii) *O bebé comeu a sopa!*

(iv) *Que delícia é esta sopa!*

(v) *Como comeste!*

(Tipo de) frase imperativa

Frase que corresponde à expressão de uma ordem ou pedido do falante e tem o verbo no modo imperativo (i), conjuntivo (ii), indicativo (iii) ou em formas do gerúndio (iv) ou infinitivo (v).

Um frase imperativa só pode ser enunciada na forma activa (vi), sendo impossível a formulação de uma imperativa passiva (vii).

- (i) *Fecha a porta!*
- (ii) *Fechem a porta!*
- (iii) *Calou!*
- (iv) *Andando!*
- (v) *Sentar!*
- (vi) *Come a sopa!*
- (vii) **É comida a sopa!*

(Tipo de) frase interrogativa

Frase que corresponde à formulação de uma pergunta, tendo funções pragmáticas distintas como um pedido de informação (i) ou de acção (ii).

As interrogativas directas (iii) podem ser frases simples, enquanto as interrogativas indirectas (iv) são subordinadas substantivas completivas.

As frases interrogativas podem ser classificadas segundo o tipo de resposta que se espera obter. Assim, são interrogativas totais as que são passíveis de obter uma resposta afirmativa ou negativa (v); e são interrogativas parciais as frases em que a interrogação recai sobre um dos constituintes, conforme (vi) e (vii). As interrogativas parciais caracterizam-se pela presença de um elemento interrogativo, o qual pode não se encontrar em posição inicial (viii).

- (i) *Que horas são?*
- (ii) *Fechas a janela?*
- (iii) *Comeste a sopa?*
- (iv) *O João perguntou [se comeste a sopa].*
- (v) - *O João viu a Maria ontem?*
- *Sim / Não.*
- (vi) *Quem é que o João viu ontem?*
- (vii) *Quando é que o João viu a Maria?*
- (viii) *O João viu quem?*

Vocativo

Função sintáctica desempenhada por um constituinte que não controla a concordância verbal e que é utilizada em contextos de chamamento ou interpelação do interlocutor. O vocativo ocorre muito frequentemente em frases imperativas, interrogativas e exclamativas.

- (i) *[Miguel], dá-me a bola?*
- (ii) *[Ó Miguel], não me digas que te enganaste outra vez!*

O vocativo distingue-se do sujeito por poderem co-ocorrer (i) e por não ser o vocativo a controlar a concordância verbal (ii):

- (i) *Amigos, comam a sopa.* ("amigos" é vocativo; o sujeito é nulo)
Amigos, comam vocês a sopa. ("amigos" é vocativo; o sujeito é "vocês")
- (ii) *Deuses, vinde a minha casa.* (Se "Deuses" fosse o sujeito, desencadearia concordância na terceira pessoa do plural).

DOMÍNIO B.5: LEXICOLOGIA

Disciplina da linguística que estuda o conjunto de palavras possíveis e de recursos disponíveis numa língua para a formação de palavras, bem como a forma como estas se relacionam.

Termos por ordem alfabética:

Acrónimo

Palavra formada através da junção de letras ou sílabas iniciais de um grupo de palavras, que se pronuncia como uma palavra só, respeitando, na generalidade, a estrutura silábica da língua.

Fundo de Apoio às Organizações Juvenis -> FAOJ

Liga dos Amigos da Terceira Idade -> LATI

FEderação Nacional de PROFessores -> FENPROF

Amálgama

1. Processo irregular de formação de palavras que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras.
2. Palavra resultante do processo de amálgama.

informática -> informação + automática;

cibernauta -> cibernética + astronauta.

Antonímia

Relação semântica entre duas ou mais palavras que, embora partilhando algumas propriedades semânticas que as relacionam, têm significados opostos.

Os seguintes pares são exemplos de antonímia: grande / pequeno; quente / frio; subir / descer; jovem / velho

Arcaísmo

Palavra ou construção cujo uso é considerado antiquado pela comunidade linguística.

Campo lexical

Conjunto de palavras associadas, pelo seu significado, a um determinado domínio conceptual.

O conjunto de palavras "jogador", "árbitro", "bola", "baliza", "equipa", "estádio" faz parte do campo lexical de "futebol".

Campo semântico

Conjunto dos significados que uma palavra pode ter nos diferentes contextos em que se encontra.

Campo semântico de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne", etc.

Conotação

Significado(s) secundário(s) associado(s) a uma palavra ou expressão que não corresponde(m) ao seu sentido literal.

Na frase "A minha camisa é vermelha", a palavra "vermelha" tem valor denotativo; na frase, "Ele é um sindicalista vermelho", a palavra "vermelho" tem valor conotativo evocando uma filiação partidária ou desportiva.

Conotação define-se por oposição a denotação.

Denotação

Significado literal e estável de uma palavra ou expressão.

Denotação define-se por oposição a conotação.

Empréstimo

Processo de transferência de uma palavra de uma língua para outra.

lingerie (palavra importada da língua francesa).

Expressão idiomática

Expressão constituída por mais do que uma palavra, cujo significado não pode ser inferido a partir do significado das partes que a constituem.

ir desta para melhor; tal pai tal filho; andar na lua; ter macaquinhos no sótão

O termo "fraseologia" é, por vezes, utilizado como sinónimo de expressão idiomática.

Extensão semântica

Processo através do qual uma palavra existente adquire um novo significado.

As palavras "salvar", "portal" e "janela" adquiriram significados novos, no uso em informática, por extensão semântica.

Família de palavras

Conjunto das palavras formadas por derivação ou composição a partir de um radical comum.

"mar", "maré", "marítimo", "marinheiro", "marina" são palavras da mesma família.

Hiperonímia

Relação de hierarquia semântica entre palavras, em que o significado de uma (designada por hiperónimo), por ser mais geral, inclui o de outras (designadas por hipónimos).

A palavra "animal" é um hiperónimo de "peixe". A palavra "peixe" é um hiperónimo de "sardinha".

As relações de hiperonímia/hiponímia distinguem-se das de [holonímia/meronímia](#) na medida em que naquelas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam nestas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.

Hiponímia

Relação de hierarquia semântica entre [palavras](#), em que o [significado](#) de uma (designada por hipónimo), por ser mais específico, se encontra incluído no de outra (designada por [hiperónimo](#)).

As palavras "peixe" e "ave" são hipónimos de "animal".

As relações de hiperonímia/hiponímia distinguem-se das de [holonímia/meronímia](#) na medida em que naquelas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam nestas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.

Holonímia

Relação de hierarquia semântica entre [palavras](#), em que o [significado](#) de uma (designada de holónimo) refere um todo do qual a outra (designada de [merónimo](#)) é parte integrante.

*carro / volante -> carro estabelece uma relação de holonímia com volante
corpo / braço;
barco / vela.*

As relações de holonímia/meronímia distinguem-se das [hiperonímia/hiponímia](#) de na medida em que nestas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam naquelas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.

Léxico

Conjunto de todas as [palavras](#) ou [constituintes morfológicos](#) portadores de [significado](#) possíveis numa língua, independentemente da sua actualização em registos específicos. O léxico de uma língua inclui não apenas o conjunto de [palavras](#) efectivamente atestada num determinado contexto (cf. [vocabulário](#)), mas também as que já não são usadas, as [neológicas](#) e todas as que os processos de de construção de palavras da língua permitem criar.

Meronímia

Relação de hierarquia semântica entre [palavras](#), em que o [significado](#) de uma (designada de merónimo) refere uma parte integrante da outra (designada de [holónimo](#)).

A palavra "dedo" é um merónimo da palavra "mão".

As relações de holonímia/meronímia distinguem-se das de hiperonímia/hiponímia na medida em que nestas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam naquelas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.

Monossemia

Propriedade semântica característica das palavras ou dos constituintes morfológicos que possuem um único significado.

A palavra "flebite" é monossémica, porque tem apenas um significado.

O conceito de monossemia opõe-se ao conceito de polissemia.

Neologismo

Palavra cujo significante ou cuja relação significante-significado era inexistente num estágio de língua anterior ao da sua atestação.

Onomatopeia

Palavra criada por imitação de um som natural.

trriim !! -> despertador; toc-toc -> bater na porta; miauuuu !! -> gato; ufa ! -> interjeição.

As onomatopeias diferem de língua para língua, conforme a percepção dos sons e suas respectivas transposições para o sistema fonológico das diversas línguas.

Polissemia

Propriedade semântica característica das palavras ou dos constituintes morfológicos que possuem mais do que um significado.

O verbo "partir" pode significar "ir-se embora" ou "quebrar", sendo, portanto, uma palavra polissémica.

O constituente morfológico "-s" pode significar "plural" ou "2ª pessoa do singular", sendo, portanto, um constituente morfológico polissémico.

O conceito de polissemia opõe-se ao conceito de monossemia.

Sigla

Palavra formada através da redução de um grupo de palavras às suas iniciais, as quais são pronunciadas de acordo com a designação de cada letra.

Partido Comunista Português -> PCP;

Partido Social Democrata -> PSD;

Sporting Clube de Portugal -> SCP.

Significante

Imagem acústica ou [gráfica](#) de uma [palavra](#). Tradicionalmente, estabelece-se a oposição entre significante e [significado](#).

Sinonímia

Relação semântica entre duas ou mais [palavras](#) que podem ser usadas no mesmo contexto, sem que se produza alteração de [significado](#) do [enunciado](#) em que ocorrem.

Nas [frases](#) "a minha mulher está doente" e "a minha esposa está doente", as palavras "mulher" e "esposa" são sinónimos. Por contraste, na frase "a mulher é o sexo forte", a palavra "esposa" não poderia ser considerada um sinónimo.

Considera-se que a sinonímia é quase sempre parcial, e não total, uma vez que não se atestam casos em que duas palavras possam ser utilizadas exactamente nos mesmos contextos em todos os registos.

Truncação

1. Processo irregular de formação de [palavras](#) que consiste na criação de uma palavra a partir do apagamento de parte da palavra de que deriva.
2. Palavra resultante do processo de truncação.

metropolitano -> metro

sociolinguística -> socio

José -> Zé

hipermercado -> hiper

Vocabulário

Conjunto exaustivo das [palavras](#) que ocorrem num determinado [contexto](#) de uso.

É possível estudar-se o vocabulário de um escritor, mas não o seu [léxico](#), uma vez que apenas aquele se traduz numa lista de palavras utilizadas de facto.

DOMÍNIO B.6: SEMÂNTICA

Disciplina da linguística que se ocupa do estudo da componente do significado de enunciados que é exclusivamente dependente do conhecimento lexical e gramatical.

Termos por ordem alfabética:

Aspecto

Categoria gramatical que exprime a estrutura temporal interna de uma situação. O valor aspectual de um enunciado é construído a partir de informação lexical e gramatical. A categoria aspecto, apesar de se relacionar com a categoria tempo, é independente desta.

Todas as situações expressas nas frases seguintes podem ser localizadas temporalmente como anteriores ao momento em que as frases são produzidas. No entanto, o seu valor aspectual é distinto: em (i), sabe-se que a leitura do livro está acabada (aspecto perfectivo); em (ii), não é dada informação sobre a culminação da leitura do livro (aspecto imperfectivo); a situação descrita em (iii) corresponde a um hábito (aspecto habitual):

- (i) A Maria já leu o livro.*
- (ii) A Maria estava a ler o livro, quando a vi.*
- (iii) Quando era nova, a Maria lia muitos livros.*

Aspecto gramatical

Valor aspectual construído através da combinação entre a informação dada pelo aspecto lexical e valor dos tempos verbais, de verbos auxiliares, de estruturas de quantificação, de tipos de nomes (contáveis/não-contáveis), ou de modificadores. Através da combinação de elementos deste tipo, é possível representar uma situação como culminada (valor perfectivo) (i), não culminada (valor imperfectivo) (ii), habitual (iii), genérica (iv), iterativa (v), ou estabelecer diferenças relativas à duração de diferentes situações (vi), (vii).

- (i) Já li o livro.*
- (ii) Estou a ler o livro.*
- (iii) Habitualmente, eu fumo no fim das refeições.*
- (iv) As crianças que se deitam cedo lêem mais.*
- (v) A Ana tem tossido nos últimos dias.*
- (vi) a. Estive a ler durante duas horas.*
 - b. *Estive a ler naquele instante.*
 - c. Acabei de ler o livro naquele instante.*
 - d. *Acabei de ler o livro durante duas horas.*
- (vii) a. A Ana caiu do alto do monte (às duas horas/*durante duas horas).*
 - b. A água caiu do alto do monte (?às duas horas/durante duas horas).*

Aspecto lexical

Valor aspectual expresso pelo significado de uma palavra ou conjuntos de palavras independentemente de elementos com que co-ocorrem como modificadores, quantificadores ou verbos auxiliares. O aspecto lexical pode ser alterado em função do contexto gramatical em que a palavra ocorre (ver Aspecto gramatical). O aspecto lexical permite distinguir situações

[estativas](#) (i) de [eventos](#) (ii). Através do aspecto lexical, é ainda possível estabelecer diferenças relativas à duração interna de um [evento](#), distinguindo-se eventos não durativos de eventos durativos (iii).

(i) O João sabe francês.

(ii) O João abriu a porta.

(iii) O João espirrou.

O João escreveu um livro.

Especificidade

Propriedade associada a expressões definidas ou indefinidas, através da qual é possível determinar se a expressão em causa [refere](#) uma entidade identificável num determinado [contexto](#) discursivo.

Nas [frases](#) em (i), os [grupos nominais](#) [o livro] e [um livro que tem fotografias bonitas] são interpretados como referindo objectos específicos. Na frase (ii), o grupo nominal [um livro que tenha fotografias bonitas] tem valor não específico. Esta diferença pode ser confirmada pela possibilidade de continuar a frase com uma estrutura de [elipse](#) como a apresentada:

(i) Quero comprar o livro, (*mas não sei qual).

Quero comprar um livro que tem fotografias bonitas, (*mas não sei qual).

(ii) Quero comprar um livro que tenha fotografias bonitas, (mas não sei qual).

Evento

Uma das principais classes [aspectuais](#), que se caracteriza por uma situação dinâmica, ou seja, que leva a uma mudança de estado (i) e não necessariamente durativa, ou seja sem extensão temporal e sem um ponto final intrínseco.

As frases em (i) contêm [predicados](#) que correspondem a eventos:

(i) O Pedro atirou a bola para a baliza.

Eu li o livro.

A vítima morreu.

Nos três casos, o que é descrito pelas frases conduz a uma mudança de estado dos participantes (que são afectados pelo que é descrito em cada uma das predicções). Os eventos distinguem-se de [situações estativas](#) por não serem intrinsecamente durativos (a estrutura temporal interna de cada evento varia nas três frases, tendo, por exemplo, o evento “morreu” uma extensão temporal menor do que “li o livro”).

Genericidade

Propriedade dos [enunciados](#) em que se estabelece uma relação de [predicação](#) relativa a uma classe de entidades (i-iii) ou de situações (iv-v) e não a entidades ou situações [específicas](#) ou situações localizadas num tempo específico. O valor genérico de uma [frase](#) pode ser construído através da interacção entre elementos como os tipos de [nomes](#) ou [verbos](#) usados (quando denotam ou se combinam com classes ou espécies), os [determinantes](#) usados, [advérbios](#) ou o [tempo verbal](#).

As seguintes frases são interpretadas genericamente, o que pode ser comprovado pelas paráfrases dadas:

(i) Os cães gostam de carne crua. (esta frase é verdadeira, porque remete para a classe dos cães. É verdadeira, mesmo que haja um cão específico que não gosta de carne crua)

(ii) Os professores trabalham muito. (esta frase é verdadeira, porque remete para a classe dos professores. É verdadeira, mesmo que haja um professor específico que não trabalha muito)

(iii) O gato é um animal simpático. (esta frase é verdadeira, mesmo que haja um gato antipático)

Contribuem para valor genérico das frases o uso do artigo definido, do presente do indicativo ou a presença de advérbios como “geralmente”.

Modalidade

Categoria gramatical que exprime a atitude do locutor face a um enunciado ou aos participantes do discurso. A modalidade permite expressar apreciações sobre o conteúdo de um enunciado (i) ou representar valores de probabilidade ou certeza (modalidade epistémica) (ii), ou de permissão ou obrigação (valor deôntico) (iii). A modalidade pode ser expressa de muitas formas diferentes: através da entoação, da variação no modo verbal, através de advérbios, de verbos modais (auxiliares como “dever”, “poder”... ou principais com valor modal como “crer”, “pensar”, “obrigar”,...), etc.

(i) a. Felizmente, está a chover.

b. Lamento que tenhas reprovado.

c. Francamente, esta situação não é clara.

(ii) a. Talvez esteja a chover.

b. A Maria, certamente, não sabe do que está a falar.

c. Duvido que chova.

(iii) a. Tens de trabalhar mais!

b. Podes sair esta noite.

c. Não entres!

Polaridade

Valor afirmativo ou negativo de um enunciado. A polaridade negativa pode ser expressa através do advérbio de negação (i) ou de outras palavras ou expressões com valor negativo (ii-v).

(i) O João não voltou.

(ii) Ninguém veio.

(iii) Nada se decidiu.

(iv) Eles nunca foram ao teatro.

(v) Cansado como estou, eu quero lá ir ao cinema hoje!

Predicação

Atribuição de uma propriedade a uma entidade (i) ou estabelecimento de uma relação entre entidades (ii).

(i) o João é alto. (atribui-se ao João a propriedade de "ser alto", i.e., faz-se uma predicação sobre "o João")

(ii) a Ana viu o cometa. (estabelece-se uma relação entre "a Ana" e "o cometa", i.e., estabelece-se uma relação predicativa entre estas duas expressões).

Referência

Relação que une uma expressão linguística a uma entidade ou a uma localização temporal ou espacial reconhecíveis num determinado [contexto](#) discursivo. A referência de uma expressão pode ser constante (por exemplo "D. Afonso Henriques" e com a maior parte dos usos de [nomes próprios](#)) ou variável (por exemplo "eu", "hoje", "isso"), sendo, neste caso, fixada através de processos de [deixis](#) ou [anáfora](#).

Numa [frase](#) como "O João comeu a maçã", os [grupos nominais](#) "o João" e "a maçã" podem ter valor referencial, uma vez que designam entidades reconhecíveis num determinado contexto discursivo.

Significado

Sentido ou conteúdo semântico veiculado por uma expressão linguística. Os constituintes morfológicos são as unidades mínimas portadoras de significado; os textos são as unidades máximas portadoras de significado.

Situação estativa

Uma das principais classes [aspectuais](#), que se caracteriza por uma situação não dinâmica, ou seja, que não leva a uma mudança de estado (i), durativa, ou seja com extensão temporal e sem um ponto final intrínseco.

As frases em (i) contêm [predicados](#) que correspondem a situações estativas:

- (i) O Pedro mora no Porto.
Eu gosto de poesia.
Ele fala espanhol.

Nos três casos, o que é descrito pelas frases não conduz a uma mudança de estado e há uma duração intrínseca às situações descritas, distinguindo-se estas de eventos.

Tempo

Categoria gramatical que localiza temporalmente o que é expresso numa [predicação](#). A categoria tempo pode ser expressa de diferentes formas, muitas vezes associadas: através da [flexão verbal](#) (i), de [verbos auxiliares](#) (ii), de [grupos adverbiais](#) ou [preposicionais](#) (iii), de [orações temporais](#) (iv), da ordem relativa entre [orações coordenadas copulativas](#) (v), etc. A localização temporal pode ser estabelecida em função do momento em que um [enunciado](#) é produzido (vi) (funcionando [deicticamente](#)), ou em função de um valor temporal expresso que é tomado como ponto de [referência](#) ou perspectiva (vii) (funcionando anaforicamente). Através desta categoria, é possível estabelecer relações de ordem cronológica de simultaneidade (viii), anterioridade (ix) ou posterioridade (x) face ao tempo que é tomado como referência.

(i) *Localização temporal (oposição presente/passado) expressa através da morfologia verbal:*

A Maria está em casa.

A Maria esteve em casa.

(ii) *Localização temporal (oposição presente/futuro) expressa através de verbo auxiliar:*

A Maria está em casa.

A Maria vai estar em casa.

(iii) *Localização temporal (oposição presente/futuro) expressa através de grupos preposicionais e adverbiais:*

A Maria está em casa [agora/neste momento].

A Maria está em casa [amanhã à tarde/na próxima sexta].

(iv) *Localização temporal expressa através de oração temporal:*

A Maria nasceu [quando os alemães entraram em Paris].

A Maria nasceu [antes de os alemães entrarem em Paris].

(v) *Localização temporal (ordenação entre situações) expressa através da ordenação de [orações](#):*

O Pedro chamou-me e eu olhei.

Eu olhei e o Pedro chamou-me.

(vi) *Localização temporal expressa [deicticamente](#):*

Amanhã não há aula. (a referência de "amanhã" só é identificável se se conhecer o momento em que o enunciado é produzido)

A Maria está em casa.

(vii) *Localização temporal expressa anaforicamente:*

Em 2004, deu-se uma revolução. Mas não foi apenas isso o que aconteceu nesse ano. (a referência de "nesse ano" é determinada pela ocorrência da expressão "em 2004")

(viii) *Relação de simultaneidade (parcial ou total) entre duas situações ou face ao momento em que o enunciado é produzido:*

Tu entraste na sala, quando eu estava a falar.

A Maria está em casa agora.

(ix) *Relação de anterioridade entre uma situação e outra:*

Eu discurssei antes de o Pedro chegar ao jantar.

Relação de anterioridade face ao tempo em que o enunciado é produzido:

A Maria esteve em casa.

Em 1974, dá-se uma revolução em Portugal.

(x): *Relação de posterioridade entre uma situação e outra:*

Vou sair depois de te ires embora.

Relação de posterioridade face ao tempo em que o enunciado é produzido:

A Ana casa-se na próxima semana.

Amanhã, não vai chover.

DOMÍNIO C: ANÁLISE DO DISCURSO, RETÓRICA, PRAGMÁTICA E LINGUÍSTICA TEXTUAL

Análise do discurso: a definição desta disciplina recente é bastante variável, segundo as orientações teóricas e os autores e, como é evidente, conforme se definem os termos [discurso](#) e [texto](#). Para alguns autores, a análise do discurso funda-se no estudo das relações entre o discurso e o seu [contexto](#) extraverbal, distanciando-se por isso daqueles estudos de [pragmática](#) que se ocupam de [enunciados](#) descontextualizados. Para outros autores (Van Dijk, por ex.) , consiste no estudo do “uso real da língua, com [locutores](#) reais, em situações reais”. Este conceito está muito próximo do conceito predominante na área anglo-norte-americana, na qual se entende por análise do discurso o estudo da actividade interaccional que é a conversação (*conversation analysis*) e mantendo estreitas relações com a *etnometodologia*, isto é, com uma abordagem dinâmica e construtivista da ordem social. Estas orientações privilegiam o estudo dos discursos [orais](#).

Uma orientação relevante e muito influente da análise do discurso, que tem uma matriz marxista mediada por pensadores como Bakhtine, Althusser e Foucault, estuda as relações dos dispositivos da [enunciação](#) e das práticas discursivas com as instâncias do poder social, político e ideológico. Nesta perspectiva, que aqui se adopta, a [linguística textual](#) é considerada como um subdomínio do campo mais vasto da análise do discurso, que tanto se ocupa do discurso oral como do discurso [escrito](#).

Retórica: arte, no sentido da palavra grega *techne* – conjunto sistematizado de preceitos para, através da sua aplicação, alcançar a consecução de um determinado fim –, que estuda, organiza e ensina a aplicar os princípios e as regras da elaboração do [discurso](#) correcto e elegante (*ars recte et bene dicendi*) que tem como finalidade fundamental persuadir o auditório, mediante a [argumentação](#), a utilização adequada dos sentimentos e das emoções. A retórica, como disciplina que ensina a construir o discurso e a ordenar o debate argumentativo numa particular situação comunicativa, tendo em consideração o [contexto](#) extraverbal, o [interlocutor](#) e a matéria em causa, é uma arte eminentemente pragmática que, ao longo de séculos, foi precursora das actuais [análise do discurso](#) e [linguística textual](#).

Pragmática: termo muito antigo nos discursos jurídico e filosófico, mas que foi introduzido, com nova acepção, no estudo dos fenómenos significativos e comunicacionais, em 1938, pelo filósofo norte-americano Charles Morris, que com ele designou a subdisciplina da semiótica que analisa as relações dos signos com os seus usuários ou intérpretes. Esta acepção muito alargada do termo restringiu-se, ao longo das últimas quatro décadas, ao estudo da linguagem verbal, podendo definir-se a pragmática como a análise das relações existentes entre as formas linguísticas, por um lado, e os participantes no processo comunicativo e o [contexto](#) de comunicação, por outra parte, ou seja, aqueles factores que condicionam e determinam o uso da linguagem e que não são analisáveis em termos puramente gramaticais.

A pragmática não constitui uma nova componente da linguística da língua como sistema, acrescentada à [fonologia](#), à [morfologia](#), à [sintaxe](#) e à [semântica](#), mas sim uma perspectiva de análise cognitiva, social e cultural dos fenómenos pertencentes a cada uma daquelas áreas da linguística. A pragmática analisa portanto o funcionamento significativo e comunicativo da linguagem no seu uso real em [discursos](#) e [textos](#) e a intencionalidade comunicativa de quem nestes fala ou escreve.

Linguística textual: nas últimas décadas do século XX, desenvolveu-se uma orientação da linguística que, do ponto de vista etimológico, metodológico e analítico, deixou de considerar a [frase](#) como a unidade máxima da análise linguística, porque existem fenómenos linguísticos insusceptíveis de serem analisados e explicados no âmbito da frase, e que considera o [texto](#), [escrito](#) e [falado](#), como a unidade fundamental da análise linguística. No início, teve alguma fortuna a designação de *gramática textual*, que foi sendo abandonada por demasiado restritiva. À medida que se foi tornando evidente que a dimensão linguística é apenas uma das dimensões do texto e que há fenómenos, como a [coerência textual](#) e a interpretação textual que dependem também de factores extralinguísticos, foi ganhando aceitação a designação de *teoria do texto*.

Termos por ordem alfabética:

Acção

A acção (*actio* ou *pronuntiatio*) é a última das operações da [retórica](#) e consiste em pronunciar o [discurso](#) com a [prosódia](#), a [entoação](#) e a gestualidade adequadas.

Acto de fala

Produção de um [enunciado](#) num determinado [contexto](#) de interacção comunicativa, através do qual o [emissor](#) realiza ou intenta realizar uma acção, isto é, fazer algo com o enunciado produzido, sendo certo que determinadas acções – por exemplo, condenar ou absolver judicialmente, baptizar, casar, etc. – só se realizam mediante a proferição de enunciados estipulados, por quem de direito, num quadro institucional adequado.

Acto de fala directo

Os [actos de fala](#) directos prototípicos são aqueles em que se empregam de modo explícito verbos performativos ou realizativos (pedir, exigir, ordenar, renunciar, etc.), realizando portanto o locutor o acto ilocutório designado pelo verbo performativo, o qual orienta com clareza – muitas vezes sem qualquer margem de dúvida – a interpretação da força ilocutória do acto de fala.

Há actos de fala directos cuja força ilocutória não depende da presença de um verbo performativo, mas sim da utilização do modo indicativo ou do modo imperativo do verbo que exprime o propósito ilocutório. Nestes casos, porém, muitos enunciados podem ser interpretados como actos de fala directos ou como actos de fala indirectos, dependendo a sua interpretação de factores contextuais e paralinguísticos. “Fecha a porta”, por exemplo, pode ser interpretado como um acto de fala directo ou como um acto de fala indirecto.

Acto de fala indirecto

Os [actos de fala](#) indirectos são aqueles em que um [enunciado](#), na sua estrutura gramatical, na sua literalidade, veicula, segundo a terminologia de John Searle, um acto ilocutório *secundário*, identificado com um enunciado literal, e através deste, à luz de factores contextuais, por dedução, por inferência, pela interpretação de normas pragmáticas codificadas cultural e socialmente, pela aplicação do [princípio de cooperação](#) de Grice, veicula um acto ilocutório *primário* – um pedido, uma promessa, uma ameaça, etc. – que exprime a verdadeira intenção do locutor. O enunciado constativo “Já é muito tarde” – o acto ilocutório secundário – pode ser

dito e interpretado como um acto de fala indirecto – o acto locutório primário – para pedir ou ordenar às crianças que se retirem para dormir.

Afigura-se mais adequada a terminologia por autores como François Récanati que distinguem o significado *primário*, que é o significado literal de um enunciado, do qual deriva um significado *secundário*, que pressupõe aquele e que caracteriza um acto de fala indirecto.

Acto ilocutório

Acto que consiste em realizar, ou pretender realizar, determinado objectivo (promessa, conselho, pedido, agradecimento, etc.) mediante a produção de um [enunciado](#) cujo conteúdo proposicional está marcado pela força ilocutória expressa por verbos performativos, pelo [modo](#) do verbo, pela ordem de palavras, pela [entoação](#), por [sinais de pontuação](#), por [advérbios](#), por [interjeições](#), etc., em conformidade com a intenção do [emissor](#) e num quadro contextual apropriado.

O filósofo norte-americano John Searle formulou a seguinte taxinomia dos actos ilocutórios, que tem merecido grande aceitação:

- a) *actos assertivos*, nos quais o [locutor](#) compromete a sua responsabilidade sobre a existência de um estado de coisas e sobre a verdade da proposição enunciada (asserções, descrições, constatações, explicações, etc.);
- b) *actos directivos*, cuja finalidade consiste em levar o [interlocutor](#) a agir de acordo com o conteúdo proposicional do acto de fala (ordens, pedidos, convites, sugestões, etc.);
- c) *actos compromissivos*, nos quais o locutor se obriga a adoptar um determinado comportamento futuro (promessas, juramentos, ameaças, etc.);
- d) *actos expressivos*, nos quais o locutor exprime o seu estado psicológico em relação ao estado de coisas especificado no conteúdo proposicional (agradecimentos, congratulações, condolências, desculpas, etc.);
- e) *actos declarativos*, nos quais o locutor, mediante a realização com êxito de um acto de fala, modifica o estado de coisas do mundo ou cria um novo estado de coisas (baptismos, casamentos, nomeações, demissões, condenações, etc.).

Acto locutório

Produção de um [enunciado](#) formado de acordo com as regras gramaticais de uma determinada língua – nos planos [fonético](#), [morfológico](#), [sintáctico](#) e [semântico](#) – e que transmite um conteúdo proposicional.

Acto perlocutório

[Acto de fala](#) que, em virtude da sua força ilocutória, produz no(s) [receptor\(es\)](#), num determinado [contexto](#), o efeito pretendido pelo [emissor](#) (intimidar, persuadir, seduzir, etc.).

Alegoria

No seu significado etimológico, *alegoria* significa dizer uma coisa por outra, representando figurativamente um conceito ou uma abstracção (e, sob este ponto de vista, aproxima-se da [personificação](#)). Assim, a justiça é representada alegoricamente por uma mulher de olhos vendados que segura uma balança nas mãos, a paz é figurada por uma pomba, a crueldade por um tigre, etc.

A alegoria apresenta um significado literal e um significado figurado, que são indissociáveis na interpretação, prolongando-se muitas vezes a alegoria como uma [metáfora](#) continuada que pode ocupar ou percorrer a totalidade de um texto mais ou menos extenso. O funcionamento da alegoria é fundamental na interpretação dos textos que representam e comunicam significados ocultos ou translatos de ordem religiosa, moral, política, etc.

Aliteração

Repetição da mesma [consoante](#), muitas vezes na [sílabas](#) inicial de [palavras](#) contíguas, tanto no verso como na prosa. A aliteração contribui poderosamente para a musicalidade e para o [ritmo](#) do verso e da prosa, em particular da prosa poética, gerando efeitos de harmonia imitativa.

Exemplo: “Soidões lacustres... / Lemes e mastros.../ E os alabastros / dos balaústres” (Camilo Pessanha).

Alusão

[Figura](#) retórica de pensamento que evoca, de modo velado, indirecto ou oblíquo, quem ou o que não se quer, ou não se pode, nomear explicitamente, devendo o ouvinte ou o [leitor](#), através da análise do [contexto](#) e fazendo apelo à sua [enciclopédia](#) e à sua memória literária e cultural, descobrir ou desvelar o não dito.

Anacoluto

Ruptura da continuidade lógico-sintáctica do [discurso](#), como efeito da manifestação do pensamento e da corrente de consciência do [autor](#), do narrador ou de uma personagem, daí advindo uma construção sintáctica desligada da precedente. À luz de uma gramática prescritiva, o anacoluto é considerado uma incorrecção. É frequente na linguagem coloquial e emotiva e é um procedimento retórico-estilístico explorado intencionalmente em textos literários que procuram captar e representar a expressividade da linguagem [oral](#) e a afectividade, a emocionalidade e a vida interior das personagens.

Exemplo: “E o desgração tremiam-lhe as pernas, e sufocava-o a tosse” (Almeida Garrett).

Anáfora (1)

Expressão linguística (termo anafórico) cuja interpretação depende da relação de co-referência ou da relação [sinedóquica](#) ou [meronímica](#) que mantém com outra expressão (o antecedente) que figura anteriormente na linearidade do texto. A anáfora pode ser nominal, pronominal, verbal, preposicional e adverbial. A relação entre o termo anafórico e o antecedente é uma relação textual cuja interpretação necessita da memória discursiva, da informação sobre o [contexto](#) situacional e da [enciclopédia](#) partilhada pelo [emissor](#) e pelo [receptor](#).

Anáfora (2)

[Figura](#) retórica que consiste na repetição da mesma ou das mesmas [palavras](#) ou de expressões análogas no início de [frases](#) sucessivas ou de membros de uma frase, como processo de sublinhar e intensificar a expressão de um sentimento ou de uma ideia.

Exemplo: "Sabeis o que é esse despertar de poeta? // É o ter entrado na existência com um coração que trasborda de amor sincero e puro (...). // É o ter dado às palavras – virtude, amor pátrio e glória – uma significação profunda (...). // É o perceber à custa de amarguras que o existir é padecer, o pensar descrer, o experimentar desenganar-se (...)" (Alexandre Herculano)

Antítese

Figura retórica de pensamento pela qual se exprime uma oposição de natureza lógico-semântica com base lexical e/ou sintáctica.

Exemplo: "O tempo o claro dia torna escuro, / e o mais ledo prazer em choro triste; / o tempo a tempestade em grã bonança" (Camões).

Antonómásia

Figura retórica de pensamento que consiste em empregar um **nome próprio** como um **nome comum**, em virtude da generalização de um predicado que pertence por excelência ao nome próprio, ou, inversamente, em utilizar um nome comum para designar um nome próprio. Assim, "Tartufo" designa um "hipócrita" e "Messalina" uma "mulher devassa"; inversamente, "o cartaginês" designa "Aníbal". A antonomásia é uma manifestação especial da **sinédoque** e apresenta-se com frequência sob a forma de **perífrase** ("a águia do Marão" designa o célebre orador António Cândido).

Apóstrofe

Figura retórica de pensamento que consiste em o **autor** se dirigir exclamativamente a um **destinatário** antropomórfico ou inanimado, vivo ou morto, presente ou ausente, real ou fictício.

Exemplo: "Alma minha gentil que te partiste" (Camões).

Argumentação

Parte(s) do **discurso** em que o **locutor**, utilizando **estratégias discursivas** adequadas, tanto a nível macro-estrutural como a nível microestrutural, apresenta, encadeia e desenvolve coerentemente as premissas, as provas, os raciocínios e os elementos probativos e refutativos que têm como finalidade persuadir o auditório e alcançar a conclusão pretendida. Todas as partes do discurso, desde o **exórdio** à **peroração**, contribuem para a argumentação. Na argumentação, há uma vertente dialéctica, uma vertente lógica, uma vertente ética e uma vertente pragmática. Na chamada "literatura de tese", em especial nos géneros narrativos e dramáticos, a argumentação a favor ou contra uma causa religiosa, social, política, ideológica, etc., impregna todo o texto, desde a acção às personagens e ao **estilo**, multiplicando-se os **actos ilocutórios** que têm como finalidade produzir **actos perlocutórios**, ou seja, convencer os **leitores**.

Autor

Termo que designa o produtor de um **texto**, **oral** ou **escrito**, literário ou não literário. O autor é geralmente um indivíduo singular, mas há casos em que a instância autoral é dual e até mesmo plural. Há textos de autor *anónimo* – a anonímia é frequente na literatura oral e na literatura popular, bem como na literatura sujeita a regimes de censura severa –, há textos de

autores que se ocultam sob *pseudónimos* – nomes falsos, inventados por razões de vária ordem –, há textos de autores que se abrigam sob *criptónimos* – nomes disfarçados, construídos com elementos gráficos do nome verdadeiro – e há textos de autores *heterónimos*, isto é, como no caso de Fernando Pessoa, autores que se denominam com nomes diferentes do nome verdadeiro, aos quais correspondem máscaras (*personæ*) poéticas múltiplas, com biografias próprias e com concepções estético-literárias e com [estilos](#) distintos.

O autor, singular, dual ou plural, tem uma existência real, num tempo, numa sociedade, numa altura e num lugar determinados. É o chamado autor real ou empírico, que existe fora do texto. Mas o autor tem também uma existência no âmbito do texto, é também uma instância intratextual, que só é possível conhecer através do texto. É o chamado autor textual ou autor implícito ou implicado. Entre o autor real e o autor textual podem existir relações de similitude ou de dissemelhança – a voz da persona poética das cantigas de amigo é uma voz feminina, mas o autor real é um homem –, se bem que entre os dois existam sempre, manifestas ou rasuradas, relações de [implicação](#).

Catáfora

Na linearidade textual, expressão colocada ulteriormente em relação a uma expressão anterior de que é co-referencial ou da qual desenvolve ou especifica o [significado](#) (por isso alguns linguistas afirmam que a catáfora é *dextrogira*, porque se situa à direita na linearidade textual, ao passo que a [anáfora](#) é *levogira*, porque se situa à esquerda na mesma linearidade).

Citação

Reprodução de um [texto](#) ou de um [fragmento](#) de texto noutra texto, assinalada com referência ao [autor](#) e/ou à obra aos quais pertencem e graficamente demarcada com [aspas](#) ou com um [tipo de letra](#) diferente. A citação pode ter uma função de argumento de autoridade, uma função argumentativa ou contra-argumentativa, uma finalidade didáctica, uma natureza irónica ou paródica, pode inscrever-se numa poética de imitação ou ser uma das manifestações gerais da [intertextualidade](#).

Coerência textual

A coerência textual é um fenómeno que resulta da interacção entre factores macroestruturais e microestruturais existentes no [texto](#), graças à criatividade, ao trabalho oficial e à intencionalidade do [autor](#) – factores que envolvem modelos genológicos, [tipos de texto](#), relações de [intertextualidade](#), núcleos temáticos, campos lexicais e semânticos, [isotopias](#) e mecanismos sintácticos – e a capacidade interpretativa do [receptor/leitor](#), que tem de cooperar na construção da coerência do texto com a sua [competência linguística](#), a sua [enciclopédia](#), a sua memória literária e cultural e a sua visão hermenêutica. É estreita a interligação entre a coerência textual e a [coesão textual](#), mas com uma diferença relevante: esta última é exclusivamente de âmbito intratextual e não depende da capacidade e das estratégias interpretativas do leitor/receptor.

A continuidade de [sentido](#) que caracteriza a coerência textual – a nível das macroestruturas e das microestruturas textuais, no âmbito das relações entre a totalidade e as partes do texto – constrói-se de modo diverso conforme os géneros e os tipos de textos: nos textos científicos,

técnicos, directivos, didáticos e similares, a liberdade interpretativa do receptor/leitor é limitada e mesmo exígua; nos textos argumentativos, nos textos jurídicos, nos textos políticos, nos textos religiosos e sobretudo nos textos literários, a liberdade interpretativa do receptor/leitor, sempre indissociável das estruturas textuais, é mais alargada e mais produtiva.

Coesão textual

Termo que designa os mecanismos linguísticos que na linearidade do texto instituem a continuidade do [sentido](#) entre os diversos elementos da estrutura de superfície textual. Esses mecanismos compreendem processos léxico-gramaticais, de entre os quais se destacam as cadeias de [referência](#), as reiteraões e substituições lexicais (coesão lexical), os [conectores](#) interfrásicos (coesão interfrásica) e a ordenação correlativa dos tempos verbais. A unidade semântica do texto é assim assegurada por uma organização formal que permite articular e interligar sequencialmente diversos componentes.

Comparação

[Figura](#) retórica de pensamento que estabelece explicitamente uma relação de analogia entre dois termos, o comparante e o comparado, que figuram nomeados no texto, correlacionados gramaticalmente por uma [conjunção](#), um [advérbio](#) ou uma [locução](#) nominal apropriados. A comparação, que se manifesta muitas vezes com uma função semântico-pragmática estereotipada, pode em outros casos contribuir para a progressividade da informação discursiva e para a revelação de relações novas e surpreendentes entre os seres, os objectos, os sentimentos, etc.

Exemplo: “vai como um cão de caça o meu olfacto” (David Mourão-Ferreira).

Competência discursiva

O conceito de [competência linguística](#), formulado por Chomsky, não explica os fenómenos da produção e da interpretação do [discurso](#) e do [texto](#), porque se limita ao âmbito da [frase](#) e porque ignora os factores comunicativos e retórico-pragmáticos, bem como as estratégias de [invenção](#), de [disposição](#) e de [elocução](#) que possibilitam construir o discurso e o texto, tanto no plano macroestrutural como no plano microestrutural. A competência discursiva e a competência textual consistem no domínio dos saberes linguístico e retórico-pragmáticos que permitem configurar as estruturas discursivas e textuais.

Conectores discursivos

São uma classe de [marcadores discursivos](#), que ligam um [enunciado](#) a outro enunciado ou uma sequência de enunciados a outra sequência, estabelecendo uma relação semântica e pragmática entre os membros da cadeia discursiva, tanto na sua realização [oral](#) como na sua realização [escrita](#). Morfológicamente, são unidades linguísticas invariáveis, pertencem a heterogêneas categorias gramaticais – como [interjeições](#), [advérbios](#) ou [conjunções](#) –, têm a mesma distribuição da [classe de palavras](#) a que pertencem e contribuem de modo relevante para a [coerência textual](#), orientando o [receptor](#) na interpretação dos enunciados, na construção das inferências, no desenvolvimento dos argumentos e dos contra-argumentos.

Conectores aditivos ou sumativos: *além disso, ainda por cima, do mesmo modo, igualmente*, etc; conectores conclusivos e explicativos: *por consequência, logo, portanto, de modo que, donde se segue*, etc; conectores contrastivos ou contra-argumentativos: *sem embargo, não obstante, todavia, contudo, de qualquer modo, em todo o caso*, etc.

Configuração

O acto de *configuração* do texto é um acto realizado tanto pela instância produtora e estruturadora do texto como pela instância da leitura e da interpretação – que realiza, nas palavras de Ricœur, um acto de *refiguração* –, de modo que o texto não seja uma série de enunciados justapostos ou sucessivos que possam ser interpretados separada e avulsamente, mas uma totalidade coesiva e coerente em que cada parte contribui para a unidade do sentido global.

Contexto

Conjunto de elementos linguísticos e não-linguísticos que rodeiam uma unidade linguística, seja qual for a sua extensão.

O contexto verbal, também designado por co-texto, é o conjunto de elementos da linearidade textual no qual se insere uma unidade linguística (palavra, frase, etc.). O contexto verbal pode ser *imediate*, se se tratar de unidades linguísticas contíguas, ou *largo* ou *acumulado*, se for necessário retroceder ou avançar para além da contiguidade na cadeia textual, a fim de alcançar uma interpretação verosímil, fundamentada e convalidada.

O contexto extraverbal ou extralinguístico é o conjunto de factores comunicativo-situacionais que condicionam e orientam o acto de enunciação, a invenção e a disposição do texto, a argumentação, os actos ilocutórios, os fenómenos da implicação e, no plano da interpretação, as inferências e as conclusões. O contexto extraverbal possibilita atribuir a interpretação apropriada aos enunciados que dela careceriam se fossem analisados apenas no plano da língua, isto é, da gramática. O contexto extraverbal compreende o *contexto situacional*, que diz respeito ao locutor e ao interlocutor e ao tempo e ao espaço em que o enunciado se insere, com especial relevância para o funcionamento dos elementos deícticos e dos actos ilocutórios; o contexto *sociocultural*, que condiciona histórica, social, cultural e simbolicamente a produção e a interpretação textuais; e o universo de discurso.

Cooperação (princípio de)

O princípio de cooperação, formulado pelo filósofo da linguagem H.P. Grice, ganhou apreciável fortuna nos estudos de pragmática, de análise do discurso e de linguística textual das últimas décadas. Fundado na racionalidade que deve caracterizar a interacção convencional, de acordo com os seus objectivos e de modo a assegurar a eficácia dos seus procedimentos, o princípio da cooperação baseia-se nas seguintes máximas que os interlocutores deverão observar:

- a) *máxima de quantidade* (o discurso produzido deve conter a informação necessária);
- b) *máxima de qualidade* (o discurso não deve afirmar o que o locutor crê ser falso, nem o que carece de provas);
- c) *máxima de relação* (o discurso deve ser pertinente ou relevante);
- d) *máxima de modo* ou *de modalidade* (o discurso deve ser claro, breve e ordenado).

Co-referência não anafórica

Relação existente entre unidades linguísticas de um [enunciado](#) (grupos nominais, preposicionais ou adverbiais) que remetem para um referente idêntico, não sendo indispensável que entre as unidades linguísticas co-referenciais exista uma relação [anafórica stricto sensu](#). A existência de uma relação co-referencial entre duas unidades discursivas funda-se em bases pragmáticas, ou seja, na [enciclopédia](#) dos [interlocutores](#) e no [contexto](#) extralinguístico do(s) enunciado(s).

Cortesia (princípio de)

Princípio pragmático fortemente regulador da interação discursiva entre os [interlocutores](#). Este princípio, correlacionado com o [contexto](#) situacional e o contexto sociocultural dos interlocutores, concretiza-se nas [estratégias discursivas](#) adoptadas pelos mesmos a fim de evitar ou reduzir os conflitos, as ofensas ou as ameaças entre qualquer dos intervenientes na interação comunicativa verbal, devendo para tal observar-se [máximas](#) como não interromper o interlocutor, não manifestar falta de atenção, evitar o silêncio ostensivo, não proferir insultos, injúrias ou acusações gratuitas, etc. Outros procedimentos retórico-estilísticos contribuem para levar à prática o princípio de cortesia: os [actos de fala indirectos](#), o [eufemismo](#), a [lítotes](#), a [preterição](#), a [perífrase](#), etc.

Co-texto

Na linearidade textual, conjunto de sequências linguísticas que precedem (co-texto anterior) ou que se seguem (co-texto posterior) a um [enunciado](#).

Deixis

Fenómeno de referenciação dependente e constitutiva de [enunciação](#). Os deícticos remetem verbalmente para referentes específicos do acto enunciativo. Ao contrário dos signos com um conteúdo semântico-referencial estável e permanente, os deícticos, de cada vez que são actualizados no [discurso](#), referenciam de novo e variavelmente, em função da situação de enunciação, única e irrepetível.

Estes signos assinalam o sujeito [enunciador](#), o sujeito a quem se dirige o acto enunciativo, o [tempo](#) e o espaço da enunciação; apontam para objectos, entidades e processos constitutivos do [contexto](#) situacional; contribuem ainda para a referenciação exofórica de outros signos actualizados no discurso.

A rede de referenciação instituída pelos deícticos tem como ponto primordial de cálculo o sujeito que fala, no momento em que fala. “Eu” é aquele que diz “eu” no momento em que o diz. É esta a coordenada enunciativa que gera todas as outras. “Tu” é aquele a quem o “eu” se dirige; “agora” é o momento em que o “eu” fala; “aqui” é o espaço em que o “eu” fala; “ontem”, “hoje”, “amanhã” são formas adverbiais que remetem para um tempo anterior, simultâneo ou posterior ao tempo em que o “eu” fala. Têm portanto referenciação deíctica: [pronomes pessoais](#), [pronomes](#) e [determinantes possessivos](#), [pronomes](#) e [determinantes demonstrativos](#), [artigos](#), [advérbios](#) com valor locativo e temporal, os [tempos verbais](#) e ainda algumas [preposições](#) e [locuções](#) prepositivas, alguns [adjectivos](#) (*actual*, *contemporâneo*, *futuro*, etc.) e alguns [nomes](#) (*véspera*). Merece particular menção a deixis textual, que demarca e organiza anafórica e cataforicamente o tempo e o espaço do próprio [texto](#), tanto [escrito](#) como [oral](#): a

tese antes exposta, como ficou dito no capítulo anterior, como se demonstrou acima, veremos seguidamente, etc.

Destinatário

Pessoa ou entidade às quais se dirige um [discurso](#) ou um [texto](#). O destinatário é portanto o [receptor](#), em muitos casos o receptor modelo, escolhido pelo [emissor](#) ou pelo [locutor](#), ao contrário do [ouvinte](#) ou do [interlocutor](#), embora, em certos casos, possa nunca vir a receber o discurso ou o texto que lhe são dirigidos. O destinatário, pela sua condição social, pelo seu género, pela sua [enciclopédia](#), pela sua idade, etc., condiciona pragmaticamente a actividade discursiva do emissor.

Dialogismo

A actividade discursiva caracteriza-se basicamente por colocar em relação/acção dois sujeitos falantes que, alternando papéis de [locutor](#) e de [interlocutor](#), são ambos responsáveis pela gestão da actividade discursiva. Todo o acto de produção verbal é dirigido a um alocutário (real, imaginário, individual, colectivo) e encerra uma solicitação de resposta/reacção não necessariamente verbal nem imediata. Por conseguinte, toda a actividade discursiva institui, sob formas diversas de realização, uma relação de [diálogo](#).

A interação dialógica que se manifesta no [discurso](#) não é um efeito contingente ou superveniente a um acto de efectiva produção enunciativa, mas está inscrita no próprio sistema linguístico. A língua está marcada, na sua organização interna, pela finalidade de comunicação e, portanto, por uma estrutura dialogal. Encontramos estas marcas na organização de paradigmas pronominais, nos mecanismos de modalização, nos marcadores de forças ilocutórias, nos [conectores](#) argumentativos, nos instrumentos de reprodução do discurso no discurso, por exemplo.

Mesmo no caso do [monólogo](#), produção verbal que se realiza na ausência de qualquer interlocutor, aparentando envolver a presença de apenas um sujeito falante, está representada, como em qualquer outro acto enunciativo, a existência de um ou outros sujeitos virtualmente [destinatários](#).

Diálogo

1. Modalidade discursiva, própria da actividade linguística normal, que consiste no intercâmbio de informação realizado por um [locutor](#) e um [interlocutor](#), cujo papel é alternante. Nesta acepção, é sinónimo de conversação. Etimologicamente, diálogo não significa interacção verbal com dois interlocutores, mas circulação da palavra (o [prefixo](#) grego *dia-* significa *através de*). Por isso, alguns autores utilizam os vocábulos *dílogo* para designar o diálogo com dois interlocutores, *trílogo* para denominar o diálogo com três participantes e *polílogo* para designar o diálogo com múltiplos interlocutores.

2. Género literário e filosófico-literário que representa diversos interlocutores, com orientações espirituais, filosóficas, morais, ideológicas, estético-literárias, etc., diferentes, que debatem entre si, sob a regulação de um [autor](#) textual ou de um narrador, problemas de natureza diversa, com finalidades filosóficas, políticas, morais, pedagógicas ou outras. O modelo por excelência do diálogo assim entendido é o chamado diálogo socrático de Platão.

3. O diálogo é uma unidade formal estruturante dos textos dramáticos – excluindo o [monólogo](#) dramático – e dos textos narrativos, nos quais alterna normalmente com as sequências

narrativas e com as descrições a cargo do narrador. Ocorre também em textos líricos com uma dimensão narrativa relevante, como a égloga e os poemas lírico-narrativos românticos.

Digressão

Parte do [discurso](#) ou do [texto](#) que constitui um afastamento e uma interrupção temporários do fio temático, das sequências argumentativas, descritivas, narrativas, etc., que vinham a desenvolver-se. A digressão pode ter uma função retórica relevante, quando capta a atenção e a benevolência dos [ouvintes](#) e [leitores](#); pode contribuir para esclarecer um argumento; pode documentar e tornar mais verosímil um evento narrado; pode dar ensejo ao [autor](#) ou ao narrador para expor e comentar a sua visão do mundo e a sua ideologia; pode ser uma manifestação de liberdade imaginativa, de engenhosidade dialéctica, de espírito crítico e de [ironia](#) (como nas *Viagens na minha terra* de Garrett).

Quando a digressão é muito extensa ou não se articula adequadamente com a *matéria* do discurso ou do texto, prejudica a [coerência textual](#) e desvia a atenção dos [interlocutores](#) e leitores.

Discurso

O discurso distingue-se, tal como o [texto](#), por ser uma identidade de âmbito e funcionamento transfrásicos. O discurso e o texto são o produto da concatenação [coesiva](#) e [coerente](#) de [frases](#) e de [enunciados](#).

Apesar de algumas flutuações e até divergências de entendimento, há muitos pontos de acordo e de coincidência que nos permitem, com François Rastier, formular definições relativamente estabilizadas: discurso é “o conjunto de usos linguísticos codificados ligado a um tipo de prática social”; texto é uma “sequência linguística autónoma ([oral](#) ou [escrita](#)), constituindo uma unidade empírica, e produzida por um ou diversos [enunciadores](#) em prática social atestada. Os textos são o objecto da linguística”.

É importante sublinhar que tanto o discurso como o texto podem ser orais ou escritos.

Discurso directo

Modalidade de reprodução ou de [citação](#) do [discurso](#) de um [emissor](#) no discurso do mesmo ou de outro emissor (emissor-relator, emissor-narrador). O discurso directo mantém inalteradas as formas [deícticas](#) da produção discursiva postulada como original: os indicadores de [pessoa](#) ([pronomes](#) e morfologia [flexional verbal](#) de [pessoa](#) e [número](#)), de [tempo](#) (grupos adverbiais, preposicionais e [tempos](#) e [modos verbais](#)) e de lugar (grupos adverbiais e preposicionais e determinados verbos) são idênticos no discurso citado e no discurso original. Por isso, sendo o discurso directo uma reprodução literal deste último, no discurso directo [escrito](#), a reprodução, além de assinalada frequentemente por verbos *dicendi*, isto é, verbos como *dizer*, *responder*, *contar*, *afirmar*, etc., que significam a realização por um sujeito de um acto de comunicação verbal, é marcada em geral por indicadores gráficos ou por operadores situacionais que delimitam e identificam os segmentos reproduzidos: [aspas](#), [itálicos](#), [travessões](#), [parágrafos](#). A ausência destes indicadores gráficos, como acontece nalguns textos narrativos contemporâneos, pode dificultar a leitura e a interpretação. Na realização [oral](#), o discurso directo pode ser marcado pelo locutor-relator por efeitos de mimese fónica, por modulações tonais ou por elementos paralinguísticos como os gestos e as expressões faciais.

A citação no discurso directo do discurso postulado como original não é, porém, em estrito rigor, uma reprodução perfeitamente literal, porque envolve sempre uma transferência de contexto – nesta perspectiva, a iteração da citação altera sempre o [significado](#) – , porque pode ser o produto de uma interpretação prévia por parte do emissor-relator, com as correlativas operações de selecção, de rasura e silenciamento, o que comporta efeitos relevantes, por ex., em termos de [argumentação](#), justificação e prova, em especial no discurso judiciário.

Discurso directo livre

Tipo de [discurso](#), característico do texto narrativo contemporâneo, embora também possa ocorrer em textos dramáticos e líricos, no qual as palavras ou os pensamentos de uma personagem são reproduzidos como que imersos no discurso do narrador tal como aquela os formulou, sem que o narrador assinale com marcas formais – etiquetas nominais, verbos introdutórios ou indicadores tipográficos como [aspas](#) e [travessões](#) – a sua mediação.

Exemplo: “A mulher do médico desviou os olhos, mas era tarde de mais, o vômito subiu-lhe irresistível das entranhas, duas vezes, três vezes, como se o seu próprio corpo, ainda vivo, estivesse a ser sacudido por outros cães, a matilha da desesperação absoluta, aqui cheguei, quero morrer aqui”. (José Saramago)

Discurso indirecto

Modalidade de reprodução do [discurso](#) de um [locutor](#) no discurso do mesmo ou de outro locutor, não se mantendo no discurso reproduzido a forma do discurso original.

Com efeito, o discurso indirecto, ao contrário do [discurso directo](#), é enunciativamente homogéneo, isto é, o sistema das coordenadas enunciativas, o centro [deíctico](#), é sempre o do emissor-relator, o [sujeito](#) da [frase](#) de que depende o segmento do discurso reproduzido (e daí a mudança da primeira para a terceira pessoa nas citações indirectas dos [enunciados](#) produzidos por [emissores](#) diferentes do emissor-relator).

O emissor-relator dispõe de uma considerável margem de liberdade na reformulação interpretativa dos enunciados relatados, podendo afirmar-se que, em muitos casos, o discurso indirecto se constitui como uma [paráfrase](#) do discurso original, sendo por isso impossível recuperar, a partir do discurso indirecto, a forma exacta do discurso original.

Exemplo: “Quando a prelada lhe disse que podia deitar-se, querendo, perguntou-lhe a menina se poderia escrever a seu pai. A freira respondeu que no dia seguinte o faria, posto que o senhor Albuquerque ordenasse que a sua filha não escrevesse: assim mesmo, ajuntou ela, que lho não proibiria, se tivesse tinteiro e papel na cela”. (Camilo Castelo Branco)

Discurso indirecto livre

A designação “discurso indirecto livre” coloca este fenómeno discursivo em relação de classificação com o [discurso directo](#) e o [discurso indirecto](#): em primeiro lugar, porque é geralmente assumido como forma de relato de [discurso](#); em segundo lugar, porque, ao contrário do discurso indirecto, e em aproximação ao discurso directo, é um discurso livre de subordinação. Esta ausência dos constrangimentos sintácticos da subordinação e, na maioria

das vezes, de verbo de comunicação está implicada na caracterização e no funcionamento enunciativo do discurso indirecto livre.

Neste modo de relato de discurso, a [enunção](#) do emissor-relator funde-se com a enunção do primeiro [emissor](#); as fronteiras entre a voz de um e a voz de outro são dificilmente delimitáveis, ao contrário do que se verifica no discurso directo e no discurso indirecto (pelo recurso a marcações gráficas, morfossintáticas e [deícticas](#), por exemplo), e daí que detectemos: a) activação da terceira pessoa gramatical (da enunção do emissor-relator) na referenciação de estados de coisas perspectivados por uma primeira e segunda pessoa (da enunção reportada); b) activação do imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito (da enunção do emissor-relator) em contiguidade com o “aqui” e “agora”, coordenadas espaço-temporais daqui derivadas, e presente, pretérito perfeito e futuro (da enunção do primeiro emissor); c) construção de frase e léxico atribuíveis ao [enunciador](#) primeiro: exclamações; [interjeições](#); [marcadores discursivos](#) (*bem, ora, pois*); deslocação dos constituintes de [frase](#); fraseologia e expressões feitas; adjectivação valorativa; nomes qualitativos; intensificadores; advérbios de dúvida; [locuções](#) imprecisas, modalizadas; traços idiolectais, sociolectais; etc.

Estas características enunciativas e discursivas, consideradas discriminadamente, não são exclusivas do discurso indirecto livre, mas, tomadas em simultaneidade, constituem um critério formal e operacional capaz de descrever a ambiguidade, a hibridez e a dualidade constitutivas desta forma de relato de discurso.

A interpretação do segmento que realiza o discurso indirecto livre carece, como o discurso directo e indirecto, da consideração da unidade textual em que se insere. Sendo uma forma difusa de [citação](#), e patenteando uma exploração criativa dos recursos da língua, essa exigência é mais notória: o sentido da frase ou do [período](#) que actualiza o discurso indirecto livre determina e é determinado por: a) intenções comunicativas do emissor-relator; b) atitudes do emissor-relator ([ironia](#), [sarcasmo](#), empatia, etc.); c) possibilidades de continuação textual; d) caracterização de personagem; e) quebra de [ritmo](#) narrativo; f) efeito de presentificação, etc.

Não é consensual a ideia de que o discurso indirecto livre seja um fenómeno exclusivo do texto literário. Aceitar que ele é activado também no discurso corrente ou oral convoca uma definição mais lata do que aquela que damos aqui, abrangendo todo o tipo de citação livre ou de simples importação para a enunção relatora de marcas de registo da enunção inicial. Integrá-lo no seio da literatura passa também por notar que o discurso indirecto livre serve a transmissão de pensamentos de uma personagem (já não um sujeito de enunção, mas um sujeito de consciência) que não o emissor/narrador, dado que só pela ficção narrativa podemos ter acesso à consciência de uma terceira pessoa.

Disposição

A disposição (*dispositio*) constitui a segunda das cinco operações em que se subdivide a [retórica](#) e consiste na realização em macroestruturas textuais – o [exórdio](#), a narração, a [argumentação](#) e o [epílogo](#) – da matéria, da *res*, proporcionada pela [invenção](#) (*inventio*). Se, por um lado, a disposição se articula assim com a invenção, por outro lado articula-se com a [elocução](#), com as microestruturas textuais. A *dispositio* regula a planificação e a arquitectura do texto, conduzindo à escolha das [estratégias discursivas](#) mais adequadas para a consecução das funções e dos objectivos pragmáticos ou estéticos visados.

Elocução

A elocução (*elocutio*) é a terceira operação da [retórica](#) e trata da expressão linguística e estilística dos pensamentos e dos argumentos proporcionados pela [invenção](#) (*inventio*) e ordenados na sintagmática textual em macroestruturas pela [disposição](#) (*dispositio*). A elocução regula a escolha e o emprego das microestruturas textuais, desde as palavras isoladas (*verba singula*), ou seja, as unidades lexicais disponíveis e apropriadas, até às palavras relacionadas no [enunciado](#) (*verba coiuncta*), às [figuras](#) e aos [tropos](#).

As qualidades fundamentais da elocução, em que confluem os princípios retórico-textuais da *ars recte dicendi* e da *ars bene dicendi*, são os seguintes: a) a correcção (*puritas*) da expressão, fundada na regularidade gramatical da língua; b) a clareza (*perspicuitas*), alicerçada na propriedade e na diafanidade lógica das expressões, que evita a obscuridade e a complicação; c) a elegância (*urbanitas, venustas*), que confere graça e beleza ao texto.

Emissor

Designa a pessoa que, num determinado contexto espaço-temporal, realiza intencionalmente um acto de comunicação verbal e produz o [enunciado](#), o [discurso](#) e o [texto](#), [orais](#) ou [escritos](#), daí resultantes. O emissor, para além da sua [competência linguística](#), possui um determinado conhecimento do mundo, crenças, convicções e posições sociais e ideológicas que marcam a sua actividade discursiva sob o ponto de vista pragmático.

Enciclopédia

Não basta ter o domínio da gramática e do dicionário para produzir e interpretar textos. Com efeito, a [competência discursiva](#) e textual, além de exigir o conhecimento de estratégias e regras atinentes às macroestruturas e às microestruturas textuais e dos factores pragmáticos relativos ao [contexto](#) situacional, pressupõe a existência da *enciclopédia*, na acepção semiótica do termo: conjunto dos conhecimentos e das crenças sobre o mundo, partilhado, num determinado tempo e numa determinada comunidade social, pelos [interlocutores](#) e pelos [autores](#) e [leitores](#) que intervêm na produção e na interpretação de actos discursivos e de textos.

Enumeração

[Figura](#) retórica de adição que consiste na nomeação acumulativa das partes de um todo e de elementos que mantêm entre si uma correlação lógica ou semântica: “mas agora fica exarado/num palimpsesto de inverno, por entre temporais,/inundações, ventos ciclónicos, neve e granizo,/temperaturas negativas, gente que ficou rasurada, ou/sem haveres e sem casa” (Vasco Graça Moura).

Enunciação

O acto individual mediante o qual um [emissor](#) utiliza e actualiza um sistema linguístico para produzir [enunciados](#) numa determinada situação comunicativa.

Enunciado

Produto de um acto de [enunciação](#), é uma sequência comunicativa de extensão variável, semanticamente auto-suficiente e sintacticamente independente, que forma parte da cadeia de

um texto, [oral](#) ou [escrito](#), na qual os enunciados se concatenam em conformidade com os critérios de [coesão](#) e de [coerência](#) textuais e com o princípio da [progressão temática](#).

Enunciador

Sendo a [enunciação](#) a actualização, num contexto determinado de comunicação, das possibilidades e dos recursos da língua, o indivíduo que, ao apropriar-se do aparelho formal da língua, produz [enunciados](#) e [textos](#) dirigidos a um [interlocutor](#), denomina-se *enunciador* (por congruência terminológica, o seu interlocutor denomina-se *enunciatário*). O enunciador é portanto um sujeito linguístico, com uma determinada identidade psicossocial, que inscreve no [discurso](#) a sua subjectividade, a sua perspectiva intelectual, emocional e axiológica do mundo, e que, no quadro do [dialogismo](#) discursivo da interlocução, inscreve também no seu texto o *outro*, a segunda pessoa do singular ou do plural.

Epígrafe

[Citação](#) de um excerto textual, em particular de um texto literário, colocada no exergo do texto ou a encimar os seus capítulos ou unidades constituintes equivalentes. A epígrafe é em geral retirada de um [autor](#) e de uma obra célebres e modelares e faz parte do [paratexto](#). As epígrafes são importantes para a interpretação do texto, porque são indicadores das relações de [intertextualidade](#) com a obra citada.

Epílogo

Na [retórica](#), parte final de um [discurso](#), também chamada peroração, em que o [autor](#) recapitula os factos e os argumentos e, sobretudo, se esforça por influir nos afectos e nas emoções, de modo a obter a simpatia do auditório e de quem deve tomar a deliberação, política ou judicial. Por [extensão](#), o termo designa a parte final de um texto literário, sobretudo do género narrativo e do género dramático.

Escrita

As línguas verbais podem ser realizadas através de dois modos que constituem a sua substância da expressão: a [oralidade](#) e a escrita.

A escrita, podendo embora ser apenas a transcodificação de um texto oralmente realizado, como quando se transcreve o registo gravado de uma conversa, de um depoimento judicial, etc., origina na produção dos [enunciados](#) e [textos](#) múltiplas e relevantes características distintivas. A escrita, que possibilita uma comunicação diferida no tempo e no espaço e a elaboração de um pensamento fortemente descontextualizado, abstracto e analítico, produz textos cuidadosamente planificados e elaborados – embora haja textos escritos debilmente elaborados e apressadamente produzidos e haja outros textos, por vezes de grande complexidade, produzidos de um jacto, sem interrupções nem correcções (o que não significa que não tenham subjacente um longo processo de planeamento e amadurecimento) –, susceptíveis de um processo de reescrita, de reformulação e correcções sucessivas.

No texto escrito predomina a hipotaxe, avultam os elementos [coesivos](#) e as palavras de tipo linguístico-gramatical dedicadas à planificação discursiva do texto. O [léxico](#) do texto escrito é mais rico, variado e cuidado do que o léxico do texto oral, podendo alcançar um elevado grau de especialização (por exemplo, nos textos científicos, filosóficos, jurídicos, etc.).

O texto escrito pode conter elementos importantes de natureza não-verbal, como o [tipo de letra](#), a disposição iconográfica das palavras no espaço da página, a interação entre os elementos verbais e elementos pertencentes a outros códigos semióticos – o desenho, as ilustrações, as fotografias, etc, – ou a interação com esquemas, diagramas ou tábuas estatísticas, característica de muitos textos escritos de natureza científica e tecnológica.

A escrita pode incorporar marcas peculiares da oralidade para obter determinados efeitos estilísticos e para tornar mais dúctil, plástica e moderna uma língua escrita demasiado conservadora e rígida no seu [léxico](#), na sua [sintaxe](#), na sua [semântica](#) e na sua [pragmática](#). Um magnífico exemplo na literatura portuguesa desta vivificação da língua escrita literária pela língua oral encontra-se nas *Viagens na minha terra* de Almeida Garrett.

A escrita pressupõe uma longa e complexa aprendizagem de processos linguísticos, cognitivos, socioculturais e pragmáticos, que proporcione o conhecimento dos recursos e das [normas](#) da língua, dos registos adequados a cada tipo de texto e as propriedades [elocutivas](#) e discursivas fundamentais como a correcção, desde a [ortografia](#) à sintaxe, a clareza, a [coesão](#) e a [coerência](#). Esta longa e complexa aprendizagem tem na leitura como processo compreensivo e na leitura como processo criativo – na leitura de textos de diversa e plural tipologia – a sua trave mestra.

Estilo

Conjunto dos traços formais, dos recursos expressivos, que caracteriza um [texto](#) ou a escrita de um [autor](#), na totalidade ou em diversas fases da sua obra. Conjunto dos traços formais, dos recursos expressivos, que caracteriza um *corpus* textual configurado genologicamente ou representativo de um movimento ou de um período literários.

Estratégia discursiva

Conjunto de escolhas que realiza um [emissor](#) no quadro das regularidades e das constricções que lhe impõem a gramática da língua e os condicionalismos retórico-pragmáticos, isto é, o [contexto](#) situacional e o auditório ao qual se dirige, a fim de produzir um [discurso](#) apropriado à sua intenção comunicativa e à consecução das finalidades pretendidas.

Eufemismo

[Figura](#) retórica de pensamento que consiste em evitar palavras próprias (*verba propria*) sobre as quais recai um interdito linguístico de origem religiosa, moral ou social e em atenuar ou suavizar o [significado](#) de palavras cruéis, molestas, grosseiras ou desagradáveis. O eufemismo é uma [estratégia discursiva](#) que recorre ao uso de outras [figuras](#) como a [alusão](#), a [metáfora](#), a [perífrase](#) e a [lítotes](#).

Exemplo: dizer “passou a melhor vida” em vez de “morreu”.

Exórdio

O exórdio (ou prómio) é a parte inicial de um [discurso](#) ou de um [texto](#) e tem como funções dar a conhecer ao [receptor](#) a matéria que vai ser tratada, estabelecendo assim um nexa com a narração (*narratio*), isto é, com a exposição dos acontecimentos, e sobretudo atrair a atenção e obter a benevolência do auditório (termo que abarca tanto os [ouvintes](#) como os [leitores](#)).

Figura

Dispositivo retórico que opera, na linearidade do texto, in *verbis coniunctis*, isto é, em palavras reunidas em frases, que gera, para além do sentido literal e muitas vezes contra o sentido literal, [enunciados](#) com [significados](#) novos que funcionam como ornatos e como meios de expressividade estilística e densificação semântica. Há figuras de dicção, que dizem respeito sobretudo à [elocução](#), de natureza fonológica e morfológica – a [aliteração](#) por ex. – e de natureza sintáctica – a [anáfora](#), a [enumeração](#), o [hipérbato](#), etc. Por outro lado, existem figuras de pensamento, que se correlacionam sobretudo com a [invenção](#) (*inventio*) e que dizem respeito à semântica de um enunciado, nas suas dimensões imaginativa e criativa – por ex., a [apóstrofe](#), a [antítese](#), a [hipérbole](#), o [oxímoro](#), etc.

Formas de tratamento

Um recurso da língua, entre outros, de natureza formal, com a função discursiva de regular eficazmente a interacção do [locutor](#) com o [interlocutor](#), com vista a obviar obstáculos ou rupturas na comunicação-interacção. Mecanismos como este marcam o exercício verbal e situam-se no estudo que cruza as relações entre as acções discursivas, que perseguem determinados objectivos sociocomunicativos, e princípios conversacionais como o da [cortesia](#) e ainda um “código de boas maneiras” vigente numa sociedade. A opção por uma forma de tratamento em detrimento de outra é determinada por um sentido de familiaridade/proximidade – distância psicossocial e quer o locutor, quer o interlocutor contam com a activação de formas adequadas à situação interactiva, ritualizados que estão estes procedimentos.

Tipos de formas de tratamento: familiar (tu, amigo), honorífico (senhor Presidente, senhor Ministro), nobiliárquico (Sua Majestade, Sua Alteza), eclesiástico (Monsenhor, Sua Eminência), académico (senhor Doutor, Professor Doutor), etc.

Fragmento

1. Parte de um texto inacabado ou inconcluso, por vicissitudes da sua transmissão manuscrita ou impressa, pela morte do [autor](#) ou por abandono do seu projecto de escrita.
2. Desde o Romantismo alemão, o fragmento é um tipo específico de texto que, por motivos de ordem filosófica e estética, recusa a totalidade e a coerência global de um texto perfeito, no sentido etimológico do termo, isto é, acabado, conclusivo, e que no fragmentarismo espelha a finitude, a incompletude e o sentimento de dissipação ontológica do próprio homem e da vida humana, como se a escrita fragmentarística espelhasse a pulverização do sujeito da [enunciação](#) e o caos do mundo.

Gradação

[Figura](#) retórica de adição que consiste numa sucessão de palavras ou de grupos de palavras que, pela sua expressividade e intensidade semântico-pragmática, amplificam ou diminuem o [significado](#) e, se for caso disso, a força ilocutória do elemento textual anterior, podendo esta relação ter uma direcção ascendente, até culminar num clímax, ou uma direcção descendente, encaminhando-se para um anticlímax.

Exemplo: “Aqui me achei gastando uns tristes dias,/ tristes, forçados, maus e solitários, / trabalhosos, de dor e d’ira cheios” (Camões).

Hipálage

Figura retórica de natureza sintáctica, mas também de natureza léxico-semântica, que consiste em deslocar uma **palavra**, em geral um epíteto, para a associar a outra palavra, em geral um **nome**, à qual não convém semanticamente. Em regra, a hipálage associa a um nome de objecto ou de coisa um epíteto que convém a pessoas.

Exemplo: “Como unhas de mercúrio fulgente/ crescem-me dos olhos e dos dedos / nunca sonhados medos, nunca tanto / fulgor de lágrimas doentes” (Carlos de Oliveira).

Hipérbato

Figura retórica sintáctica que consiste na alteração da ordem normal das palavras na **frase**, pela separação do **nome** e do **adjectivo**, pela colocação do **sujeito** ou do **verbo** no fim da frase, pelo deslocamento dos **pronomes**, etc. O deslocamento, ao modificar a ordem natural das palavras num grupo sintáctico, contribui para conferir àquelas expressividade estilística, mas, se for violento e de longa amplitude na frase, pode obscurecer e tornar difícil a interpretação.

Exemplo: “Também movem da guerra as negras fúrias” (Camões).

Hipérbole

Figura retórica de pensamento que consiste no aumento ou na dimensão excessivos da força semântico-pragmática de um **enunciado**, com finalidades encomiásticas ou satíricas em relação aos referentes em causa.

Exemplo: “E julgareis qual é mais excelente, / se ser do mundo rei, se de tal gente” (Camões).

Hipertexto

1. Termo que designa, nas teorias da **intertextualidade**, um **texto** que é produzido a partir de outros textos e sobre outros textos, designados *hipotextos* ou *subtextos*.
2. No âmbito das contemporâneas tecnologias da informação e da comunicação, o termo designa um *corpus* textual com suporte electrónico, não linear, mas sim multilinear, cuja sequencialidade é variável ao longo da leitura conforme os enlaces (*links*) que o **leitor** pode activar e que dão acesso a múltiplos blocos textuais constitutivos desse *corpus*.

Imagem

Termo que, na **retórica**, é equivalente a **tropo**, abrangendo aquelas figuras de significação como a **comparação**, a **metáfora** e a **metonímia** que conferem uma forma sensível à representação das ideias, dos sentimentos e das acções, desempenhando no texto um relevante efeito estilístico.

Implicação

1. Relação lógica que, mediante um processo inferencial dedutivo, permite formular uma conclusão a partir das proposições contidas nas premissas.

Exemplo: Os beirões são obstinados; o Francisco é um genuíno beirão; o Francisco é obstinado.

2. Relação lógica nos termos da qual a afirmação (ou a negação) de um [enunciado](#) supõe necessariamente a afirmação (ou a negação) do que se afirma noutro enunciado antecedente ou subsequente. O [emissor](#) não pode afirmar num enunciado o que nega no outro, sob pena de contradição.

Exemplo: o enunciado *O Meneses comprou um BMW* implica o enunciado *O Meneses comprou um automóvel*.

Implicaturas conversacionais

Termo introduzido pelo filósofo H.P. Grice para designar a informação obtida por inferência a partir do conteúdo do [enunciado](#) e do saber compartilhado pelos [interlocutores](#), graças à assunção de que o [princípio de cooperação](#) está a ser observado ao nível daquilo que o falante quer dizer. Esta informação implicada pelo [locutor](#) e calculada interpretativamente pelo interlocutor é condicionada pela especificidade dos [contextos](#) em que emerge.

Informação

A interacção discursiva pressupõe que os [interlocutores](#) partilhem, para além do conhecimento da língua que utilizam, um conjunto suficientemente alargado de informação pragmática: conhecimento do mundo, de crenças, de opiniões, de *topoi* relacionados com o meio social e cultural em que se inserem ([enciclopédia](#)); conhecimento mútuo dos interlocutores e conhecimento da situação de interlocução; conhecimento do [contexto](#) verbal de que são actores. Esta informação pragmática é constituída, por um lado, por significados proposicionais transmitidos pelos [enunciados](#) e, por outro lado, por significados implícitos ou implicados que só são apreensíveis e interpretáveis com recurso às [máximas](#) e às [implicaturas conversacionais](#).

Como em qualquer acto comunicativo, a informação pragmática possuída pelos interlocutores nunca é exactamente coincidente, sendo a sua área de intersecção o factor que possibilita a interacção discursiva. Quanto mais alargada for essa área, tanto mais fluida e bem sucedida será a interacção; quanto mais exígua e parcelar ela for, tanto mais difícil e até conflitual será a interacção.

Interdiscurso/interdiscursividade

1. Conjunto de [discursos](#) inseridos num ou em vários campos discursivos, que mantêm relações dialógicas uns com os outros. Conjunto dos campos discursivos e das formações discursivas com os quais um [texto](#) ou um [discurso](#) concretos mantêm relações implícitas ou explícitas.

2. Numa sociedade e numa cultura determinadas, existe um universo discursivo, isto é, o conjunto das formações discursivas. Neste conjunto, há campos discursivos diferenciados – o político, o literário, o científico, o filosófico, etc. –, entre os quais se podem instituir relações de solidariedade, de cooperação e de interfluência, mas também relações de dissídio, de conflito e de afrontamento mútuos. Nenhum campo discursivo se caracteriza pela insularidade, mas funciona sempre, de modo velado ou explícito, em relação dialógica com outro(s) campo(s) discursivo(s). É às relações dialógicas, de interinfluência, de cooperação ou de antagonismo, entre os vários campos discursivos e às relações que um texto pode manter com um ou vários

campos discursivos que se dá a designação de interdiscursividade.

Interlocutor

Termo que designa o participante num acto discursivo na posição de [receptor](#) e que pode, no intercâmbio da interacção discursiva que se configura como um [diálogo](#), assumir o papel de [locutor](#). Por isso, no plural, designam-se como interlocutores os intervenientes numa situação de comunicação [oral](#). O [ouvinte](#), diferentemente do interlocutor, não tem em geral o direito de se tornar locutor, a não ser em situações específicas de debate.

Intertexto/intertextualidade

1. [Texto](#) ou conjunto de textos com os quais, quer na sua produção, quer na sua interpretação, um texto concreto mantém relações de ordem retórico-estilística e de ordem semântica.

2. Conjunto das relações que um texto concreto contrai, desde a esfera da sua produção até à esfera da sua leitura e da sua interpretação, com outro(s) texto(s). Nenhum texto é uma entidade fechada sobre si própria e dependente apenas da actualização de um sistema linguístico. A transtextualidade, isto é, a abertura a outros textos, a interacção e o [diálogo](#) com outros textos, é uma dimensão constitutiva de todo o texto, seja ele literário ou não, embora a intertextualidade desempenhe na produção e na interpretação do texto literário uma função particularmente relevante, visto que a memória dos textos é fundamental na cultura literária (lembramos que as Musas, mitos tutelares da poesia e de outras artes, são filhas de Mnemósina, a deusa da memória).

A intertextualidade, que relaciona um [hipertexto](#) com um ou diversos hipotextos, pode assumir várias modalidades, desde a [alusão](#) e a [citação](#) até à imitação criativa, à [paráfrase](#), à paródia e ao plágio.

O hipotexto de um texto literário pode ser um texto, na acepção semiótica do termo, não literário, nem sequer verbal (por ex., um texto pictórico, um texto musical). Nestes casos, ocorre a manifestação de uma intertextualidade interartística.

Invenção

Termo que designa a primeira operação da [retórica](#) e que consiste, *stricto sensu*, na busca e no encontro dos assuntos (*res*) verdadeiros ou verosímeis, das provas e dos argumentos apropriados que serão expostos no [discurso](#) com o objectivo de defender uma causa e de persuadir o auditório. Em sentido mais amplo, a invenção consiste no encontro do tema, das ideias, dos conteúdos, da *res* semântico-extensional, das macroestruturas semânticas que, mediante as operações da [disposição](#) (*dispositio*) e da [elocução](#) (*elocutio*), hão-de ser objecto dos processos de textualização.

Ironia

[Figura](#) retórica de pensamento que consiste na produção de um [enunciado](#) – ou de um [texto](#) – com um significado literal que diverge ou é mesmo contraposto ao significado que corresponde à intenção do [emissor](#) e que o [receptor](#) pode e deve interpretar mediante a análise do [co-texto](#) e sobretudo do [contexto](#), isto é, sobretudo mediante razões de ordem pragmática em que a [enciclopédia](#) desempenha uma função central. Sem a [cooperação](#), a cumplicidade e a sagacidade do [interlocutor](#) ou do [leitor](#), o sentido irónico de um enunciado ou de um texto esvai-se ou perde-se, sobretudo quando a ironia é subtil ou velada.

No [discurso oral](#), ou oralizado, a [entoação](#) e vários elementos de natureza cinésica podem assinalar e tornar óbvia a ironia.

Exemplo: “Se acha que a vida não é boa / utilize gás da Companhia / o combustível de Lisboa” (Alexandre O’Neill).

Isotopia

Iteração ou recorrência, na cadeia sintagmática do [enunciado](#) ou do [texto](#), de palavras que formam uma rede de [sentido](#) que contribui para a [coerência textual](#) e para a legibilidade e a interpretação do texto. A isotopia é um fenómeno semântico que se inscreve no plano do conteúdo, mas alguns autores alargam o conceito ao plano da expressão. A interrupção de uma rede isotópica, introduzindo no [discurso](#) ou no texto a heterogeneidade semântica, designa-se *alotopia*.

Fala-se de *pluri-isotopia* quando, num enunciado ou num texto, ocorrem sequências isotópicas que originam múltiplos sentidos e que possibilitam portanto interpretações plurais.

Exemplo de isotopia: “Na velha casa passou um rio / passou a cheia, o tempo um arrepio. / Quem eu chamo já não vem. / Tanto quarto vazio/ tanta sala sem ninguém. / E frio” (Manuel Alegre).

Leitor

Pessoa existente na realidade, historicamente determinada, que lê um [texto](#) e que constitui uma das suas instâncias interpretativas. Este é o *leitor real* ou *leitor empírico*, que é uma entidade extratextual. O leitor pode existir, porém, no próprio texto, ter uma existência intratextual, como o leitor – ou a leitora – ao qual se dirigem e com o qual dialogam o [autor](#) e o narrador. O *leitor implícito*, na estética da recepção, é uma função existente no próprio texto, que orienta no processo de leitura e de interpretação o leitor real. O *leitor modelo* é o leitor que o próprio texto, nas suas [estratégias discursivas](#) e na sua intencionalidade, prevê e convoca como o [interlocutor](#) adequado para cooperar na construção do [sentido](#) textual, actualizando as potencialidades inscritas no próprio texto. O *leitor ideal* é o leitor com uma [enciclopédia](#) e dotado de um conjunto de competências de leitura e de interpretação que o autor elege como o [destinatário](#) apropriado e exemplar do seu texto.

Lítotes

[Figura](#) retórica de pensamento que consiste numa atenuação ou mitigação do [significado](#) que se afirma, com o fim de o reforçar ou fazer sobressair, ou seja, formalmente existe uma atenuação, mas funcionalmente produz-se um reforço do significado. Frequentemente, a lítotes nega o contrário do que se quer afirmar.

Exemplo: “Não é feia” para afirmar que uma mulher é bonita.

Locutor

Designa a pessoa que fala e que produz portanto um acto discursivo no âmbito de uma situação de comunicação [oral](#) (o espectro semântico do termo é assim menos amplo do que o do termo [emissor](#), pois que não se utiliza *locutor* para designar o [autor](#) de [discursos](#) ou [textos](#)

[escritos](#)).

Macroestruturas textuais

Representações globais que configuram, a nível semântico e cognitivo, o [sentido](#) de um [texto](#), isto é, que proporcionam a um [ouvinte](#) ou a um [leitor](#) a informação temática essencial de um texto. São as proposições constitutivas das macroestruturas textuais que possibilitam o resumo do texto e que alicerçam a [coerência](#) global deste último. As macroestruturas textuais são construídas nas operações que a retórica denomina [invenção](#) (*inventio*) e [disposição](#) (*dispositio*), indissociáveis processualmente, e por isso as macroestruturas, primordialmente de ordem semântico-cognitiva, têm uma relação importante com a organização formal do texto, com as suas grandes partes ou secções, variáveis conforme as convenções dos diversos tipos ou géneros textuais.

Marcadores discursivos

Unidades linguísticas invariáveis, com alto grau de [gramaticalização](#), que não desempenham uma função sintáctica no âmbito da [frase](#), nem contribuem para o sentido proposicional do [discurso](#), mas que têm uma função relevante na produção dos actos pragmático-discursivos, estabelecendo conexões entre os [enunciados](#), organizando-os em blocos, indicando o seu sentido argumentativo, introduzindo novos temas, mantendo e orientando o contacto do [locutor](#) com o [interlocutor](#). Os marcadores discursivos podem subdividir-se em *estruturadores da informação*, sobretudo com a função de ordenação (“em primeiro lugar”, “por outro lado”, “por último”, etc.), de [conectores](#) (v.), de *reformuladores*, sobretudo com a função de explicação e de rectificação (“ou seja”, “por outras palavras”, “dizendo melhor”, “ou antes”, etc.), *operadores discursivos*, sobretudo com a função de reforço argumentativo e de concretização (“de facto”, “na realidade”, “por exemplo”, “mais concretamente”, etc.) e *marcadores conversacionais* ou *fáticos* (“ouve”, “olha”, “presta atenção”, “homem”, etc.).

Microestruturas textuais

Conjunto dos elementos verbais que constituem a linearidade dos enunciados de um [texto](#), portadores de funções e de valores sintácticos, semânticos, retóricos, estilísticos e pragmáticos que asseguram e orientam a [coerência](#) textual de âmbito tópico ou de curto raio de acção. A [elocução](#) (elocutio), indissociável da [disposição](#) (dispositio), é a operação retórica de que depende a produção das microestruturas textuais.

Máximas conversacionais

Veja-se [Cooperação \(princípio de\)](#)

Memorização

A *memoria* é a penúltima operação da [retórica](#) e foi definida por Cícero como “a captação firme do pensamento das coisas e das palavras”, isto é, como a capacidade de conservar na faculdade da memória as estruturas discursivas construídas graças às anteriores operações da [retórica](#), a fim de poder comunicar esta espécie de escrita mental, com destreza e eficácia, ao auditório, segundo os preceitos da [actio ou pronuntiatio](#). A faculdade da memória é natural, mas, como sublinham os tratadistas clássicos da retórica, existe uma memória artificial, que se cultiva e desenvolve pela prática e de acordo com as regras e as fórmulas mnemotécnicas

expostas nas chamadas artes da memória. Os [discursos](#) produzidos [oralmente](#) são prejudicados na sua [coesão](#) e na sua [coerência](#) por uma memorização deficiente.

Metáfora

O mais importante [tropo](#), consiste na substituição de uma palavra própria (*verbum proprium*) por uma palavra com a qual aquela possui elementos sémiicos em comum, com supressão daquela, ao contrário do que acontece na [comparação](#), [figura](#) em que comparece o termo comparado (além da partícula comparativa). A translação ou a transposição do [significado](#) baseia-se numa analogia manifesta ou oculta, que a metáfora desvela e dá a conhecer (daí a dimensão cognitiva da metáfora, para além da sua dimensão de ornato estilístico). Quando a distância semântica entre o termo próprio e o termo metafórico é muito grande, a metáfora torna-se surpreendente, audaciosa e por vezes de inteligibilidade difícil (por ex., “na tua voz lampejos de navalha / a pôr em sangue a minha solidão”, V. Graça Moura). A metáfora contribui de modo relevante para a [plurissignificação](#) dos textos literários.

A metáfora pode exprimir-se sob várias formas gramaticais:

- a) metáforas nominais (“A vida / é o bago de uva / macerado / nos lagares do mundo”, Carlos de Oliveira);
- b) metáforas verbais (“Que fruta rude aveludou a minha noite?”, Vitorino Nemésio);
- c) metáforas adjectivais (“hã-de nos dar enfim uma sangrenta rosa”, David Mourão-Ferreira).

Metatexto

1. [Texto](#) que tem como objecto de reflexão, de análise e por vezes de reescrita, outro texto, denominado *prototexto*, com a finalidade de elaborar um ensaio hermenêutico, um comentário, uma apreciação crítica, uma tradução, uma paródia, etc.
2. O metatexto é um texto, algumas vezes literário, que, com objectivos teóricos, normativos e didácticos, expõe uma doutrina estético-literária e retórica – por ex., a *Arte Poética* de Horácio – ou que, de modo indirecto e [metafórico](#), reflecte sobre os princípios, os ideais e os valores da literatura e da poesia e sobre os processos da respectiva escrita.

Metonímia

[Tropo](#) pelo qual uma [palavra](#) ou expressão remete para um referente diverso daquele que designa normalmente, em virtude de uma relação de contiguidade entre ambos (continente/conteúdo, espaço/instituição, [autor](#)/obra, parte/todo, causa/efeito). A metonímia permite fazer referência a um objecto, perspectivando-o de forma relevante (pelo destaque de uma característica pragmática ou cognitivamente mais saliente) através de uma formulação linguística simultaneamente rica em informação, precisa e concisa. No [enunciado](#) “Os *capacetes azuis* já chegaram ao local do conflito”, a expressão sublinhada refere por metonímia os soldados da ONU. No enunciado “Pessoa e Garrett estão na primeira prateleira”, os nomes dos escritores designam por metonímia as respectivas obras. No enunciado “*Belém* vetou a lei”, a palavra sublinhada designa metonimicamente o Presidente da República. Na tradição retórica, a metonímia foi em geral relacionada com a [sinédoque](#).

Monólogo

1. Discurso dirigido pelo locutor a si próprio, desdobrando-se o sujeito da enunciação em destinatário, ou dirigido a um destinatário ausente ou fictício, com quem se estabelece um diálogo *in absentia*. Diferentemente dos casos dos monólogos, ou solilóquios, que ocorrem representados em textos dramáticos, narrativos e líricos, as convenções sociais levam a considerar o monólogo produzido na vida quotidiana como uma manifestação de comportamento patológico.
2. Discurso, em geral longo, dirigido por um locutor a interlocutores reais, que não admite o princípio da alternância discursiva.

Oralidade

As línguas verbais podem ser realizadas através de dois modos que constituem a sua substância de expressão: a oralidade e a escrita.

A oralidade é o modo primário, natural e universal da realização da língua. No modo oral, o aparelho fonador produz os enunciados que, transmitidos pelo ar, são percebidos auditivamente pelo(s) receptor(es). A realização fónico-acústica ou vocal-auditiva dos enunciados e dos textos determina que a comunicação oral seja de tipo próximo e instantâneo, com o emissor e o(s) receptor(es) *in praesentia*, isto é, situados no mesmo contexto situacional, e possua uma duração efémera (os modernos meios tecnológicos de registo e reprodução do som e da imagem alteraram pontualmente esta problemática, mas a comunicação oral quotidiana, espontânea e prototípica, é de tipo próximo e instantâneo).

Formalmente, o discurso oral caracteriza-se pela parataxe, por um modelo acumulativo ou agregativo da organização da informação, pela utilização simultânea de importantes recursos supra-segmentais, paralinguísticos, cinésicos e proxémicos, que lhe podem conferir uma grande força emocional e persuasiva, por uma dependência forte dos contextos extraverbais, representada pelo uso de numerosos elementos deícticos, por um vocabulário menos rico e apurado em relação ao discurso escrito e pelo emprego de marcadores discursivos tópicos e estereotipados que funcionam como bordões.

O discurso oral prototípico tem uma sintaxe pouco estruturada – com predomínio, como ficou dito, da parataxe, com orações incompletas, com repetição de estruturas, com elipses, etc. – e, em geral, apresenta uma formalidade mais débil e descuidada do que o texto escrito. Todavia, o discurso oral pode apresentar-se formalmente bem planificado e estruturado, como acontece nos discursos políticos e judiciais e nos sermões construídos em conformidade com as normas da retórica clássica, em certas conferências não lidas, mas que têm na origem um texto escrito ocultado, em certos debates cuidadosamente preparados, etc. No teatro, como é sabido, as *falas* das personagens são a realização oral de textos escritos, muitas vezes de elevada complexidade retórico-estilística (como nas tragédias de Racine).

Ouvinte

Aquele que recebe/compreende os actos enunciativos produzidos pelo locutor, sem participar directamente na interacção discursiva. O ouvinte condiciona, no entanto, a gestão de movimentos discursivos empreendidos, no sentido em que é lugar de tomada de posição avaliativa quer no que respeita à verdade das situações referenciadas, quer no que toca à validação das intenções comunicativas que presidem ao discurso.

Oxímoro

Figura retórica de pensamento que associa duas palavras com **significados** logicamente opostos ou incompatíveis. Tem afinidades com o paradoxo e com a antítese, mas, enquanto esta figura encerra uma oposição lógico-semântica, o oxímoro é uma associação de palavras contrária à lógica.

Exemplo: “Aquele triste e leda madrugada” (Camões).

Pacto de leitura

O pacto (ou contrato) de leitura é um acordo prévio ao acto de leitura que se estabelece entre o **autor**, o **texto** e o **leitor** e que orienta este no percurso da sua viagem textual, criando-lhe determinadas expectativas e levando-o a aceitar determinadas convenções. O pacto de leitura pode fundar-se em propostas explícitas ou em sinais indirectos, em sugestões e solicitações implícitas que o leitor deve saber interpretar. O **paratexto** é fundamental para a construção do pacto de leitura. Igualmente relevante é a pertença de um texto a um determinado **género** ou **tipo**, com as suas convenções e as suas **estratégias discursivas** peculiares.

Paradoxo

Figura retórica de pensamento que consiste em associar construções semânticas que aparentemente são contraditórias, irreconciliáveis e absurdas, mas que podem iluminar, de modo inédito e surpreendente, o **significado** do real e da vida.

Exemplo: “Muito estranho é ver as pontes / por sob os rios correr / mais ainda ouvir as fontes / sua própria água sorver” (Manuel Alegre).

Paráfrase

Enunciado ou **texto** que reformulam e reescrevem outro enunciado ou outro texto, conservando, na medida do possível, uma equivalência semântica e formal. Os objectivos da paráfrase são a explicação, a compreensão e a interpretação do enunciado e do texto paráfraseados ou a sua recriação e imitação criativa.

Paratexto

Conjunto dos elementos verbais e gráficos que enquadram o **texto** propriamente dito e que o apresentam ao **leitor** e ao público em geral como livro, fornecendo informações de natureza pragmática, semântica e estético-literária que orientam e regulam de modo relevante a leitura: nome do **autor**, do editor e eventualmente da colecção, **título** e subtítulo, desenho da capa, dedicatória(s), **prefácio**, escritos preambulares e **posfácio**, da autoria do autor do texto ou de outros autores, **epígrafes**, notas marginais, infrapaginais e finais, bibliografia, índices, informações expostas nas badanas e na contracapa do livro, ilustrações, etc. O paratexto é sobretudo da responsabilidade do autor, mas pode conter elementos importantes da responsabilidade do editor.

Perífrase

Figura retórica, também conhecida por circunlóquio ou circunlocução, que consiste em dizer com várias **palavras** o que se poderia dizer com uma única palavra. A perífrase pode ser de

natureza irónica, eufemística e alusiva, funcionando como um dispositivo discursivo de cortesia, de censura e de atenuação semântica – “doença prolongada” ou “mal incurável” em vez de “cancro”, por ex. – ou pode ser um ornato de [estilo](#), que distancia o discurso poético do discurso comum ou vulgar, como nas perífrases mitológicas, tão frequentes desde o Renascimento até ao Neoclassicismo. A perífrase transforma-se facilmente num estereótipo.

Exemplo: “Era no tempo alegre, quando entrava / no roubador de Europa a luz febeia, / quando um e o outro corno lhe aqueitava, / e Flora derramava o de Amalteia” (Camões) (perífrase mitológica para designar a Primavera).

Personificação

[Tropo](#) que consiste, por meio da [metáfora](#), da [metonímia](#) e da [sinédoque](#), em atribuir propriedades humanas a uma coisa, a um ser inanimado ou a um ente abstracto.

Exemplo: “Enquanto nesta manhã tão calma tão horizontal tão lisa / que me apetece passar-lhe a mão pelo dorso certamente dócil / manhã sem nenhuma ruga na testa” (Ruy Belo).

Pertinência (princípio de)

Este princípio, também conhecido como princípio de relevância, foi formulado por D. Sperber e D. Wilson para explicar como se processa a interpretação dos [enunciados](#) num acto de comunicação: “Qualquer acto de comunicação ostensiva comunica a presunção da sua própria pertinência óptima”. A pertinência é uma propriedade que não existe intrinsecamente nos enunciados, mas que deriva da interacção entre um enunciado e um [receptor](#) dotado de uma determinada [enciclopédia](#) e inserido numa concreta situação comunicativa. O receptor, graças aos seus mecanismos cognitivos, partindo da presunção de que o enunciado que lhe foi comunicado é pertinente e tendo em conta os factores pragmático-contextuais, escolhe, com o menor custo possível, a interpretação que lhe parece mais adequada, “filtrando” os elementos não pertinentes e deixando por conseguinte de lado outras possíveis interpretações. O princípio de pertinência orienta de modo similar um [emissor](#) na produção de enunciados. A formulação deste princípio é claramente pós-griceana, pois resulta do aprofundamento dos pressupostos e das consequências da máxima de relação elaborada por H.P. Grice no âmbito do seu [princípio de cooperação](#).

Plano do texto

Sendo o [texto](#) uma sequência ordenada e hierarquizada de [enunciados](#), é necessário construir e organizar as suas macroestruturas semânticas e formais e, correlativamente, as suas microestruturas semânticas e estilístico-formais, em conformidade com uma determinada intenção informativa, comunicativa e poético- representativa e em conformidade com um certo número de códigos, de regras, de convenções e de [estratégias discursivas](#) que, na sua globalidade, contribuem para configurar o plano do texto.

Em primeiro lugar, é indispensável ter ideias bem definidas sobre o conteúdo, sobre as macroestruturas semânticas do texto, de acordo com a operação retórica da *inventio*, que legitimamente abarca, na sua articulação contemporânea com a poética, a imaginação criadora.

Depois, é necessário saber como organizar e distribuir as macroestruturas textuais. A

[disposição](#) (*dispositio*) é a operação retórica que se ocupa desta matéria em relação aos três [géneros](#) analisados e regulados por aquela arte – o género deliberativo, o género judicial e o género epidíctico –, mas, para além da legítima aplicação de preceitos da *dispositio* a outros géneros textuais, a poética, a estilística, a [linguística do texto](#) e a [análise do discurso](#) estenderam a outros géneros e tipos de produção discursiva o exame dos planos textuais formulados pela [retórica](#). Todo o texto se integra num tipo ou num género textuais – relatório, crónica, notícia, artigo científico, discurso político, conto, poema épico, tragédia, etc. – e cada género possui as suas regras e convenções próprias sobre a composição e a distribuição das macroestruturas textuais, prestando-se especial atenção ao início e ao final dos textos – duas áreas fundamentais da topografia textual. Um aspecto importante da organização das macroestruturas textuais tem a ver com a distribuição criteriosa e hábil da informação já conhecida e da informação nova (aspecto crucial, por ex., no discurso judiciário e no romance policial).

Finalmente, é imprescindível saber como proceder à textualização *stricto sensu*, como construir as microestruturas semânticas e estilístico-formais do texto, de acordo com os ensinamentos da *elocutio*. É preciso saber escolher o registo adequado e o léxico apropriado à matéria (*res*) tratada e aos [destinatários](#) do texto e é necessário observar os seguintes princípios: *correção*, que se funda na regularidade gramatical dos enunciados, desde o plano da [ortografia](#) ao plano da [sintaxe](#); *clareza*, que deriva da propriedade semântica e da colocação lógica das palavras utilizadas; *elegância*, que resulta do uso criterioso dos recursos retórico-estilísticos.

Pleonasm

[Figura](#) retórica de dicção, segundo uns, de pensamento, segundo outros, que consiste em empregar num [enunciado palavras](#) e expressões repetitivas, redundantes e supérfluas, o que é considerado inútil e tautológico (“subir para cima”, “hemorragia de sangue”, etc.). Todavia, o pleonasm pode ser intencionalmente expressivo e informativo, como no célebre verso d’ *Os Lusíadas*: “Vi claramente visto o lume vivo”.

Plurissignificação

Termo que designa a pluralidade de [sentidos](#) que um texto, em especial o texto literário, pode proporcionar, não só produzida pelos elementos semânticos, formais e pragmáticos imanentes à própria [textualidade](#) – os mecanismos [retóricos](#), em especial os [tropológicos](#), desempenham neste domínio uma função nuclear –, mas também gerada pelas estratégias heurísticas e hermenêuticas dos [leitores](#) (ler um texto à luz da fenomenologia de Bachelard conduz a significados diferentes de uma leitura orientada pela psicanálise freudiana ou pela poética da desconstrução).

Polifonia

Termo, metaforicamente derivado do campo musical, que foi utilizado pelo pensador e teorizador literário Mikhaïl Bakhtine (1895-1975), ao lado de outros termos como *heteroglossia*, *heterofonia* e [dialogismo](#), para designar e caracterizar a pluralidade e a diversidade de vozes que se fazem ouvir em certas classes de textos, como os romances de Rabelais e de Dostoievski, opondo a este dialogismo o monologismo do romance tradicional representado por uma obra como *Guerra e Paz* de Tolstoi.

Posfácio

Elemento do [paratexto](#) que figura numa obra após o fim do texto, podendo ou não ser escrito pelo [autor](#), com funções semelhantes às do [prefácio](#).

Prefácio

Elemento do [paratexto](#) que figura numa obra antes do início do texto, podendo ser escrito pelo [autor](#) do texto ou por alguém convidado pelo autor ou pelo editor, pelo director de uma colecção, etc.

O prefácio escrito pelo próprio autor pode desempenhar múltiplas funções paratextuais: narrar e comentar a génese do texto, a sua intenção e os seus objectivos; expor e debater problemas estético-literários relacionados com o texto, algumas vezes de modo polémico; despertar o interesse e a simpatia dos [leitores](#). O prefácio escrito por alguém que não o autor – alguém que é solicitado para escrever tal paratexto pelo seu conhecimento da obra e do autor, pela sua competência crítica e pela sua autoridade no campo literário e/ou no campo académico – tem sobretudo como função a análise, o comentário, a explicação, a interpretação do texto, podendo configurar-se como um ensaio ou um estudo altamente especializados.

Pressuposição

Processo inferencial atinente a toda a troca verbal que consiste na dedução, a partir do [enunciado](#), de informação não explicitada, sendo que a relação entre o que se explicita e o que se pressupõe é sempre de natureza semântico-pragmática. Assim, subjacente ao enunciado “O marido da Ana está desempregado”, há a indicação de que “A Ana é casada”, que o [interlocutor](#) reconhece a partir do significado de “marido de “ (uma outra pressuposição possível é “o marido da Ana perdeu o emprego”). O conteúdo pressuposto é facilmente testado: mantém-se inalterado quando se procede à transformação da afirmativa numa construção negativa, interrogativa ou condicional.

Também se utiliza o termo “pressuposição” para designar as condições que devem ser preenchidas para que o [acto ilocutório](#) seja eficazmente realizado.

Preterição

[Figura](#) retórica de pensamento que consiste em fingir não dizer o que efectivamente se está a dizer. Em geral, utiliza-se uma negação que incide sobre os chamados verbos *dicendi* – “eu não vou dizer”, “não mencionarei”, etc. - , ao passo que o [complemento](#) do verbo diz o que se finge querer omitir.

Exemplo: “Nem tão - pouco direi que tome tanto / em grosso a consciência limpa e certa, / que se enleve num pobre e humilde manto / onde a ambição acaso ande encoberta” (Camões).

Progressão temática

Denomina-se progressão temática a introdução de informação nova que ocorre constantemente no [discurso](#) e no [texto](#), mediante as relações instituídas entre o [tema](#) e o [rema](#) (tema constante e novas informações remáticas, conversão do rema em tema do [enunciado](#) seguinte e assim sucessivamente; subdivisão do rema; salto temático).

Prosopopeia

Figura retórica de pensamento que tem muitas semelhanças com a [personificação](#), mas que desta se diferencia por introduzir num [enunciado](#) a falar personagens mortas ou ausentes, seres sobrenaturais e seres inanimados.

Exemplo: “Eu sou aquele oculto e grande Cabo / a quem chamais vós outro Tormentório” (Camões).

Quiasmo

Figura retórica de organização sintáctica que consiste na colocação cruzada de dois grupos de [palavras](#).

Exemplo: “Entreabertas deusas, deuses penetrantes” (Jorge de Sena).

Receptor

Pessoa que recebe e interpreta um [discurso](#) ou um [texto](#). Pode ser uma pessoa real, como um [interlocutor](#), um [ouvinte](#) e um [leitor](#) empírico e concreto; pode ser um ente fictício, como o leitor textual e como o narratário num romance; pode ser um [destinatário](#) directo ou indirecto; pode estar presente, ou não, na situação comunicativa concreta; pode ser individual ou colectivo (o auditório de uma conferência, o conjunto de ouvintes de um texto da literatura oral, etc.).

Registo formal/informal

Dimensão da variação da língua, determinada pela situação de interlocução: diferentes tipos de [contexto](#) situacional requerem diferentes tipos de de activação linguística relativos ao [léxico](#), à [sintaxe](#), à [fonologia](#) e à [prosódia](#), passando pela gestão da [pressuposição](#), de [implicaturas](#), dos actos ilocutórios indirectos, das [formas de tratamento](#), da modalização, dos princípios conversacionais, etc. As escolhas linguísticas efectuadas são determinadas pelo tipo de relação social e institucional existente entre [interlocutores](#) (matizadas por diferentes factores: grau de instrução, idade, sexo, entre outros). É o “a quem se vai dizer” que condiciona o “o quê/como se vai dizer”.

Ritmo

O ritmo, no [texto oral](#) ou [escrito](#), é um movimento recorrente que resulta da duração recíproca e da disposição das unidades textuais, da sucessão ordenada dos elementos prosódicos, como a [entoação](#), os [acentos](#), as [pausas](#), a melodia dos [significantes](#) e das sequências fónicas, etc. O ritmo está estreitamente ligado à materialidade dos elementos textuais, mas a sua matriz profunda é de ordem semântico-pragmática e é por isso que o ritmo de um texto elegíaco, por exemplo, é muito diferente do ritmo de um texto épico ou de um texto satírico.

Sarcasmo

Figura retórica de pensamento próxima da [ironia](#), mas com uma agressividade e uma intencionalidade disfórica, em relação ao [destinatário](#), que a ironia não possui.

Exemplo: “No sumapau seboso da terceira, / contigo viajei, ó país [Portugal] por lavar,/aturei-te o arrotto, o pivete, a coceira,/a conversa pancrácia e o jeito alvar” (Alexandre O’Neill).

Sentido

Alguns linguistas utilizam os termos [significado](#) e *sentido* como [sinónimos](#). Outros linguistas, porém, estabelecem uma distinção, que se afigura pertinente e que aqui se adopta, entre os dois termos: o significado pertence à língua (*langue*), ao sistema linguístico, e conhece-se mediante o dicionário e a gramática da língua; o sentido pertence ao plano do [discurso](#), do [enunciado](#) e do [texto](#) e portanto pressupõe necessariamente o significado, mas congloba os factores pragmáticos que condicionam e orientam o uso da língua.

Sequência textual

No quadro teórico da [linguística textual](#) elaborado por Jean-Michel Adam, unidade textual relativamente autónoma e dotada de uma organização interna própria, tanto de ordem semântica como formal, hierarquicamente situada entre o nível inferior dos [períodos](#) e o nível superior e englobante do [texto](#). Estas unidades de textualização podem ser narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais.

Símbolo

Termo que designa a relação indirecta que associa uma coisa, um objecto, um ser animado, etc., a uma ideia, a um conceito, a um sentimento ou a um estado de alma. Os símbolos são convenções elaboradas, em geral através de [metonímias](#) e de [metáforas](#), no âmbito de uma sociedade e de uma cultura, embora existam muitos símbolos de âmbito intercultural e até universal (por ex., o sono como símbolo da morte ou o círculo como símbolo da perfeição).

Exemplo: “A minha casa é concha. Como os bichos, / segreguei-a de mim com paciência” (Vitorino Nemésio).

Sinédoque

[Tropo](#) que consiste na translação do [significado](#) de uma [palavra](#) para outra, fundando-se na relação entre a parte e o todo ou entre o todo e a parte.

Exemplo: “Vistes aquela insana fantasia / de tentarem o mar com vela e remo” (Camões).

Sinestesia

Tipo de [metáfora](#) que consiste na associação, no mesmo [enunciado](#), de elementos semânticos provenientes de domínios sensoriais ou de esferas de percepção diferentes.

Exemplo: “E o escuro ruído da chuva / é constante em meu pensamento” (Fernando Pessoa).

Tema/rema

Em termos simples, o tema é aquilo de que se fala, a informação fornecida como ponto de partida por um [enunciado](#) ou uma curta sequência de enunciados, com base na qual o [leitor](#) leva a cabo, auxiliado por outros organizadores textuais, a operação chamada *tematização* do texto. Esta operação consiste em seleccionar, desde o início, o [campo semântico](#) pertinente à interpretação do texto.

O rema é o enunciado ou o segmento do enunciado em que se predica o tema e que

normalmente introduzem no texto informação nova.

Texto/textualidade

O texto é prototipicamente uma sequência autónoma de [enunciados](#), [orais](#) ou [escritos](#), de extensão variável – um texto pode ser constituído por um único e curto enunciado ou por um número elevadíssimo de enunciados –, com um princípio e um fim bem delimitados, produzido por um ou por vários [autores](#), no âmbito de uma de uma determinada memória textual e de um determinado sistema semiótico, isto é, em conformidade, em tensão criadora ou em ruptura com as regras e as convenções desse sistema, e cuja concretização ou actualização de [sentido](#) é realizada por um [leitor](#) / intérprete ou por um [ouvinte](#) / intérprete. A [coesão](#), a [coerência](#), a [progressão temática](#), a [metatextualidade](#), a relação tipológica, a [intertextualidade](#) e a [polifonia](#) são as principais propriedades configuradoras da textualidade.

A produção e a interpretação de textos – de textos genológica ou tipologicamente diversos – constituem a realização plena das virtualidades das línguas e são o *thesaurus* por excelência do conhecimento humano em todos os domínios, desde a poesia e a religião até ao direito, à filosofia e à ciência.

A primeira disciplina a ocupar-se da análise da produção dos textos – e, correlativamente, proporcionando elementos relevantes para a sua interpretação –, estudando a sua génese, a sua organização ou construção, os seus condicionalismos de ordem pragmática e a sua intencionalidade comunicativa, foi a [retórica](#), legítima predecessora das actuais [análise do discurso](#) e [linguística textual](#).

Numa perspectiva semiótica, existem textos pictóricos, textos musicais, textos fílmicos, etc. O termo “texto” apresenta nestas expressões uma translação de sentido perfeitamente justificada por analogia com a textualidade verbalmente realizada.

Tipologia textual

Os [textos](#), para além das propriedades fundamentais da [textualidade](#), apresentam estruturas verbais peculiares, semânticas e formais, e marcas pragmáticas que possibilitam a sua classificação em tipos ou géneros. As características dos tipos ou géneros constituem indicadores importantes para a produção e para a interpretação dos textos.

A [retórica](#) clássica distinguiu três géneros de [discursos](#): a) o *género deliberativo* ou *político*, que compreende os discursos proferidos perante a assembleia que representa uma comunidade política e que têm como objectivo conduzir a uma deliberação quanto aos problemas políticos em debate; b) o *género judicial* ou *forense*, que compreende os discursos proferidos no tribunal, onde se julga alguém por actos cometidos, havendo um orador que acusa e outro que defende o réu, procurando um e outro, com a sua argumentação, persuadirem o juiz a tomar uma decisão que seja justa; c) o *género epidíctico* ou *demonstrativo*, que compreende os discursos de encómio ou de acusação relativamente a alguém ou a algo.

No plano literário, a poética clássica, desde Platão a Aristóteles, estabeleceu os fundamentos semânticos (mundo representado), enunciativos, estilístico-formais e pragmáticos para construir a famosa tripartição de géneros que ainda hoje perdura na sua essencialidade, com as alterações e as inovações resultantes da evolução histórica da própria literatura: o *género lírico*, o *género épico* ou *narrativo* e o *género dramático*. Cada um destes géneros compreende diversos subgéneros, resultantes nalguns casos da sua mescla ou do seu hibridismo. Na época contemporânea, foi acrescentado aos três géneros tradicionais um quarto género – o *género*

didáctico-ensaístico – , no qual cabem subgêneros como o diálogo de ideias, o ensaio propriamente dito, o livro de viagens, o sermão, a biografia, as memórias, etc.

Nas últimas décadas, [análise do discurso](#) e a [linguística textual](#) têm proposto diversas classificações dos tipos de textos, com base em critérios de vária ordem. Um princípio fundamental subjacente a estas classificações tipológicas é o de que “um gênero é o que liga um texto a um discurso”, ou seja, a afirmação de que um texto, sempre singular, está ligado pelo gênero a uma família de textos.

Uma classificação tipológica suficientemente compreensiva é a seguinte: a) *textos conversacionais*, que abarcam a conversa usual, a entrevista, a tertúlia, etc., com funções lúdicas, de intercâmbio de ideias, de comentário de acontecimentos, de agradecimento, etc.; b) *textos narrativos*, nos quais se relata um evento ou uma cadeia de eventos, com predominância de verbos que indicam acções e de [tempos verbais](#) como o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito e com abundância de [advérbios](#) com valor temporal ou locativo; c) *textos descritivos*, nos quais se informa como é alguém ou algum estado de coisas, com sequências predominantemente construídas com o verbo *ser* e outros verbos caracterizadores de propriedades, de qualidades e de aspectos de seres e de coisas, com os tempos verbais dominantes do presente e do pretérito imperfeito, com abundância de adjectivos qualificativos e de advérbios com valor locativo; d) *textos expositivos*, nos quais o referente é a análise ou síntese de ideias, conceitos e teorias, com uma estrutura verbal em que figuram predominantemente o verbo *ser* com um [predicativo do sujeito](#) nominal ou o verbo *ter* com [complemento directo](#), e apresentando como tempo peculiar o presente; e) *textos argumentativos*, que têm como funções persuadir, refutar, comprovar, debater uma causa, etc., estabelecendo relações entre factos, hipóteses, provas e refutações, com abundância de marcadores e conectores discursivos que articulam com rigor as partes do texto, e apresentando como tempo dominante o presente; f) *textos instrucionais* ou *directivos*, que têm como função ensinar ou indicar como fazer algo, enumerando e caracterizando as sucessivas operações, tendo como estrutura verbal dominante o imperativo; g) *textos preditivos*, que têm como função informar sobre o futuro, antecipando ou prevendo eventos que irão ou poderão acontecer, tendo como estrutura verbal dominante o futuro; h) *textos literários*, com uma semântica fundada na representação de mundos imaginários, com a utilização estética, retórica e não raro lúdica dos recursos da linguagem verbal, e com uma pragmática específica.

Cada tipo de texto pode configurar-se prototipicamente, no sentido do termo *protótipo* na linguística cognitiva – isto é, o exemplar mais característico, o modelo idealizado, de uma categoria –, ou pode apresentar uma prototipicidade atenuada ou difusa, sobretudo através da sua combinação ou mescla com outros tipos.

Jean-Michel Adam, um linguista que se tem ocupado detidamente dos problemas da tipologia textual, defende que um texto é uma entidade demasiado complexa e heterogénea para se poder afirmar que pertence prototipicamente, na sua totalidade, a um tipo, devendo antes a análise tipológica processar-se a um nível menos elevado, através da identificação, delimitação e caracterização das sequências textuais prototipicamente narrativas, descritivas, argumentativas, etc., que permitem classificar, quando dominantes, um texto como narrativo, descritivo, argumentativo, etc. Este enquadramento flexibiliza a classificação tipológica dos textos e permite uma análise mais compreensiva e matizada das suas componentes tipológicas constitutivas.

Título

[Palavra](#) ou grupo de palavras que identificam um texto manuscrito ou impresso, em geral pospostos ao nome do [autor](#), mas que em certas épocas figuram antepostos (por ex., *Os Lusíadas* de Luís de Camões, como se lê na primeira edição do poema).

O título tem importância no plano da comunicação, porque estabelece liminarmente o contacto com o [leitor](#), e no plano da interpretação, porque é o primeiro organizador textual a contribuir para a tematização do texto.

Tropo

Figura de significação que se distingue das [figuras](#) retóricas de dicção e das figuras retóricas de pensamento, porque resulta da organização dos seus elementos linguísticos através de uma relação *in absentia, in verbis singulis*, isto é, através de uma selecção operada no eixo paradigmático da língua, enquanto as outras figuras retóricas resultam de uma combinação *in verbis coniunctis*, no eixo sintagmático da língua. Os tropos mais importantes são a [metáfora](#), a [metonímia](#) e a [sinédoque](#). Para além da sua função exornativa, os tropos são mecanismos textuais que iluminam de modo novo o real, ao transladarem os [significados](#) das [palavras](#) e ao instituírem assim relações inéditas entre as coisas e os seres.

Universo de discurso

Eugenio Coseriu define o universo de discurso como o sistema universal de significações a que pertence um [discurso](#) ou um [enunciado](#) e que determina a sua validade e o seu [sentido](#). A literatura, a mitologia, as ciências, etc., enquanto “temas” ou “mundos” de referência do falar, constituem universos de discurso.

DOMÍNIO D: LEXICOGRAFIA

Disciplina que se ocupa da realização de dicionários, léxicos e terminologias, bem como da análise da sua estrutura e dos métodos para a sua elaboração.

Termos por ordem alfabética:

Abonação

Texto de [autor](#) reconhecido utilizado para ilustrar ou justificar o uso de uma [palavra](#), expressão ou construção.

Acepção

Cada um dos [significados](#) listados para uma [entrada](#) num [dicionário](#).

Artigo

Conjunto da informação disponibilizada para cada [entrada](#) de uma obra lexicográfica.

Definição

[Enunciado](#) que descreve ou explica as [acepções](#) de uma [entrada](#) de uma obra lexicográfica.

Dicionário

Lista estruturada de [palavras](#), [constituintes morfológicos](#) ou expressões, geralmente organizada por ordem alfabética, contendo informação linguística sobre cada [entrada](#), como por exemplo a sua definição, a sua [ortografia](#), informação [etimológica](#), a classe de palavras a que pertence ou informação sobre [sinónimos](#).

Dicionário bilingue

[Dicionário](#) elaborado com base numa língua de partida e que apresenta, para cada [entrada](#), o seu equivalente noutra língua.

Dicionário de aprendizagem

[Dicionário](#) destinado ao ensino do [vocabulário](#) da língua geral ou das línguas especializadas, que apresenta uma forte componente didáctica baseada sobretudo em descrições, exemplos, exercícios de língua e imagens de apoio à compreensão.

Dicionário de sinónimos

[Dicionário monolingue](#) que fornece, para cada [entrada](#), uma lista de [sinónimos](#).

Dicionário etimológico

[Dicionário](#) que fornece, para cada [entrada](#), informação sobre a sua [etimologia](#).

Dicionário monolingue

[Dicionário](#) que apresenta informação sobre [palavras](#) de uma só língua.

Enciclopédia

Lista estruturada de [palavras](#) ou expressões, nem sempre organizada por ordem alfabética, contendo informação geral sobre cada [entrada](#), como por exemplo o estado da arte do conhecimento de um tema ou conceito.

Entrada

Cada uma das [palavras](#) ou expressões listadas numa obra lexicográfica, para a qual é fornecida informação.

Glossário

[Dicionário](#) que repertoria [palavras](#) ou expressões raras, pouco conhecidas ou específicas de um determinado domínio, acompanhadas de uma pequena definição ou de uma tradução.

Remissão

Informação presente num [artigo](#) que remete o [leitor](#) para outra [entrada](#).

Terminologia

Lista organizada de [palavras](#) próprias de um domínio especializado (científico, artístico, técnico ou tecnológico), acompanhadas ou não das respectivas definições.

Termo

Palavra para a qual se convencionou um significado único e específico num domínio especializado (científico, artístico, técnico ou tecnológico).

Thesaurus

1. [Dicionário](#) alfabético pretendendo apresentar com exaustividade as [palavras](#) de uma língua.
2. Conjunto de termos [normalizados](#), organizados em função de uma classificação documental da informação.

DOMÍNIO E: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

Formas convencionadas de representação escrita da linguagem verbal.

Termos por ordem alfabética:

Abreviatura

Forma convencionada de representação gráfica de uma palavra através da escrita de apenas um subconjunto das suas letras seguido de um ponto.

"Sr." é abreviatura de "senhor"

"Dr." é abreviatura de "doutor"

"V. Exa." é abreviatura de "Vossa Excelência"

"lit." é abreviatura de "literal"

Acento agudo

Acento gráfico utilizado para assinalar, em casos específicos, a vogal da sílaba tónica de uma palavra e/ou para marcar a sua qualidade como vogal baixa.

O acento agudo pode assinalar a vogal tónica em palavras esdrúxulas como "sábado", em palavras agudas como "avó", ou pode ser utilizado para assinalar que a vogal de uma sílaba tónica é baixa, isto é, pronunciada com abaixamento do dorso da língua, como em "herói".

Acento gráfico

Sinal diacrítico que, em casos específicos, assinala a tonicidade ou a qualidade de uma vogal.

Acento grave

Acento gráfico utilizado para assinalar a qualidade de uma vogal em contexto de crase.

a) à(s); b) à(s), àquele(s), àquela(s), àquilo.

Alfabeto

Conjunto ordenado das letras que são utilizadas na escrita de uma língua.

O alfabeto português integra vinte três letras – <a>, , <c>, <d>, <e>, <f>, <g>, <h>, <i>, <j>, <l>, <m>, <n>, <o>, <p>, <q>, <r>, <s>, <t>, <u>, <v>, <x>, <z> – sendo ainda admitidas, em casos específicos, as letras <k>, <w> e <y>.

Alínea

Forma de subdivisão de unidades textuais que constituem, no seu todo, uma listagem, representada pelas letras minúsculas do alfabeto e destacada por intermédio de um parêntese.

Cada um dos itens seguintes corresponde a uma alínea:

a) ...

b) ...

c) ...

Apóstrofo

Sinal gráfico utilizado, em português, para assinalar a [supressão](#) de um ou mais sons.

O apóstrofo pode ser utilizado:

- a) para assinalar, no verso, a supressão de uma [vogal](#), por exigência métrica, no princípio, no interior ou no fim de uma [palavra](#), como em "Minh' alma toda cega";
- b) para indicar a elisão da vogal da [preposição](#) "de", em contextos específicos, como "d'Almeida";
- c) para indicar a elisão da vogal final das formas *santo*, *santa* na ligação dessas formas a nomes do hagiólogo, como em "Sant'Ana";
- d) para indicar a supressão de um som ou conjunto de sons, na reprodução de certas pronúncias populares, como em " 'tá".

Cedilha

Sinal diacrítico que, em português, se coloca debaixo de <c>, antes de <a>, <o> ou <u>, para representar o som [s].

caça, Açores, açúcar

Circunflexo

[Acento gráfico](#) utilizado para assinalar, em casos específicos, a [vogal](#) da [sílabas tónica](#) de uma [palavra](#), quando esta é uma vogal média.

Na palavra "avô", o acento circunflexo assinala a vogal da sílaba tónica e indica que a vogal é média, isto é, pronunciada sem abaixamento ou elevação do dorso da língua. A qualidade média de uma vogal nem sempre é assinalada com acento circunflexo – por exemplo, na palavra "vez", a terminação em <z> é suficiente para marcar a vogal precedente como média, no que contrasta com uma palavra como "vês".

Dígrafo

Grupo de duas [letras](#) que representa um único som.

- (i) a. O som [λ] é representado pelo dígrafo <lh>.
b. O dígrafo <ou> representa o som [o] (em "ouvi"), nos dialectos do Sul.
c. O som [k] pode ser representado pelo dígrafo <qu> (em "quero").

Dois pontos

[Sinal de pontuação](#) utilizado em contextos como a introdução de uma enumeração (i) ou a introdução de um [discurso directo](#) (ii).

- (i) *Comprou os seguintes livros: gramática, dicionário e selecta.*
- (ii) *O António encontrou os pais e disse: - Passei no exame.*

Espaço

Configuração gráfica codificada por unidades de medida que serve para separar [parágrafos](#), linhas, [palavras](#) e [letras](#).

Formas de destaque

Conjunto de recursos de configuração textual utilizados para pôr em relevo uma palavra, frase, parte de texto que se pretende realçar, e ainda palavra, expressão ou frase de uma língua estrangeira. As formas de destaque incluem: itálico (cursivo ou grifo) [*formas de destaque*], negrito [**formas de destaque**], sublinhado [formas de destaque], subscrito [_{formas de destaque}], sobrescrito [^{formas de destaque}].

Grafia

Forma assumida pela codificação de um som ou palavra num sistema de escrita.

Hífen

Sinal gráfico utilizado em contextos como a união dos diferentes elementos que constituem algumas palavras compostas (i), a união de pronomes pessoais átonos pós-verbais ou mesoclíticos a formas verbais (ii) ou a translineação de uma palavra (iii).

(i) *Trás-os-Montes, surdo-mudo;*

(ii) *dão-lhe, levá-la-ei, far-te-á, apresentou-se-me;*

(iii) *ca-sa.*

Homofonia

Relação entre palavras que são pronunciadas de forma idêntica, apesar de terem, normalmente, grafias distintas.

passo / paço; sem / cem.

Homonímia

Relação entre palavras que partilham a mesma grafia e são pronunciadas da mesma forma, mas que têm significados distintos.

Existe homonímia entre:

canto -> verbo cantar, presente do indicativo, 1ª p.s.

canto -> nome masculino

Homografia

Relação entre palavras que têm a mesma grafia, apesar de serem, normalmente, pronunciadas de forma distinta.

Existe homografia entre:

sede ->vontade de beber

sede ->local

Letra

Cada um dos sinais gráficos que constituem um alfabeto. A cada letra ou conjunto de letras pode corresponder um ou mais sons da língua (i). A escrita tem um carácter convencional, pelo que há letras a que não corresponde nenhum som (ii).

(i) a. À letra <x>, podem corresponder diferentes sons, em [palavras](#) como "exame", "experiência" ou "táxi".

b. À letra <e>, podem corresponder diferentes sons, em palavras como "menino", "Tejo", "medo" ou "cereja".

c. O som [z] pode ser representado pela letra <s> (em "casa"), pela letra <z> (em "azar") ou pela letra <x> (em "exacto").

d. O som [ʎ] é representado pelo conjunto de letras (ou [dígrafo](#)) <lh>.

e. O som [o] pode ser representado pela letra <o> (em "ovo") ou pelo conjunto de letras (ou [dígrafo](#)) <ou> (em "ouvi").

(ii) a. As letras <h> e <c> não correspondem a nenhum som nas palavras "houve" e "acto", respectivamente.

Letra de imprensa

[Letra](#) impressa, pelo processo de composição tipográfica ou de fotocomposição, ou a reprodução [manuscrita](#) deste [tipo de letra](#).

Letra usada neste documento.

Letra maiúscula

Configuração gráfica que cada [letra](#) do [alfabeto](#) pode assumir, por oposição à [letra minúscula](#), utilizada em contextos específicos, como por exemplo na [grafia](#) da letra inicial dos [nomes próprios](#) ou no início de um período.

Exemplos de par maiúscula/minúscula: Q-q, O-o, R-r

Letra manuscrita

Letra escrita à mão ou a reprodução impressa deste [tipo de letra](#).

Letra minúscula

Configuração gráfica que cada [letra](#) do [alfabeto](#) pode assumir, por oposição à [letra maiúscula](#), utilizada em todos os contextos em que não é requerido o uso de maiúscula.

Exemplos de par maiúscula/minúscula: Q-q, O-o, R-r

Margem

Espaço em branco em volta da mancha escrita de uma página, variável segundo as finalidades do [autor](#) ou as normas instituídas, podendo ser superior, inferior e lateral, direita ou esquerda.

Ortografia

Sistema convencionado de regras que estabelecem, para uma determinada língua, a grafia correcta das [palavras](#) e o uso dos [sinais de pontuação](#).

Parágrafo

Forma de organização do [texto](#), caracterizada pela unidade das ideias nele incluídas, possuindo [sentido](#) completo e independência sintáctica. O parágrafo distingue-se do [período](#) por se iniciar em nova linha e é delimitado por [ponto final](#), [de interrogação](#), [de exclamação](#) ou [reticências](#).

Paronímia

Relação entre [palavras](#) com [grafias](#) próximas.

*perfeito / prefeito; emigração / imigração; previdência / providência; cumprimento / comprimento
discrição / descrição; dispensa / dispensa*

Período

Cada uma das partes constituintes de um [parágrafo](#), caracterizada por conter uma ou mais [frases simples](#) ou [complexas](#) e por ser delimitada por [ponto final](#), [de interrogação](#), [de exclamação](#) ou [reticências](#).

Ponto (final)

[Sinal de pontuação](#) utilizado em contextos como o fim de um [período](#) (i) ou o fim de uma [abreviatura](#) (ii).

(i) a. *Vivo em Lisboa.*

b. *Quero dormir.*

(ii) *Sr. Dr.*

Ponto de exclamação

[Sinal de pontuação](#) utilizado em contextos como o final de [frase exclamativa](#) (i), depois de [interjeição](#) (ii), o final de [frase imperativa](#) (iii), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (iv).

(i) *Como estás bela!*

(ii) – *Oh! – disse admirada.*

(iii) *Cale-se!*

(iv) *Ah, és tu?!*

Ponto de interrogação

[Sinal de pontuação](#) utilizado em contextos como o final de [frase interrogativa](#) (i), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (ii).

(i) *Em que pensas?*

(ii) *Quem bateu?...*

Ponto e vírgula

[Sinal de pontuação](#) utilizado em contextos como a separação de itens de uma [enumeração](#) (i) ou entre [frases](#) ligadas por [advérbios conectivos](#) dentro do mesmo [período](#) (ii).

(i) *Considerando: o poder da comunicação social; a sensibilidade da opinião pública; a vulnerabilidade dos governos, os ambientalistas avançaram com uma proposta de lei para a protecção do ambiente.*

(ii) *Os rapazes estão cansados; continuam, porém a correr.*

Regras de Acentuação Gráfica

Regras conformativas da [norma escrita](#) de uma língua específica, determinando o uso correcto dos [acentos gráficos](#).

Exemplo de regra de acentuação: as [palavras esdrúxulas](#) são acentuadas graficamente.

Regras de Translineação

Regras conformativas da [norma escrita](#) de uma língua específica, determinando a forma como se segmentam, na escrita, as [palavras](#) que não cabem numa mesma linha.

Exemplo de regra de translineação: as [letras](#) dos [dígrafos](#) <rr> e <ss> são separadas na translineação.

Regras Ortográficas

Regras conformativas da [norma escrita](#) de uma língua específica, determinando a [grafia](#) correcta das [palavras](#) e o uso dos [sinais de pontuação](#).

Exemplo de regra ortográfica: o <ç> não ocorre antes de <i> ou <e> ou em início de palavra.

Reticências

[Sinal de pontuação](#) utilizado em contextos como a interrupção de uma [frase](#) (i) ou uma suspensão devida a hesitação, surpresa, reflexão ou dúvida (ii), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (iii).

(i) *- Tu disseste que... - dizia o Pedro, quando a Maria entrou na sala.*

(ii) *Eu queria dizer mais coisas...*

(iii) *Vais?...*

Sinais auxiliares de escrita

Sinais gráficos utilizados para separar, assinalar ou destacar elementos de uma [frase](#) ou de um [texto](#) ou com funções convencionadas em contextos específicos de utilização. Entre os sinais auxiliares mais utilizados incluem-se: parênteses rectos ou colchetes [[]], parênteses curvos [()], aspas [« »], aspas altas[“ ”], asterisco [*], cardinal [#], barra oblíqua (/) e chaveta [{ }].

Sinais de pontuação

Conjunto de sinais gráficos utilizados, na [escrita](#), para representar alguns aspectos da [entonação](#), para delimitar constituintes da [frase](#), para veicular valores discursivos ou para representar tipos de frase. Os sinais gráficos utilizados na pontuação são [ponto](#) [.], [ponto de](#)

[interrogação](#) [?], [ponto de exclamação](#) [!], [dois pontos](#) [:], [ponto e vírgula](#) [;], [vírgula](#) [,], [reticências](#) [...] e [travessão](#) [-].

Til

Sinal diacrítico que, no [sistema ortográfico](#) português, é utilizado para marcar a nasalidade de [vogais](#) ou [ditongos](#) em contextos específicos.

afã(s), lâ(s), mão(s), mãe(s), cãibra, põe(s), ímã(s), órfã(s), galãzinho, irmãzinha, vãmente.

Tipos de Letra

Diferentes formatos convencionados que uma [letra](#) pode assumir.

Travessão

[Sinal de pontuação](#) utilizado em contextos como o início de um [enunciado](#) em [discurso directo](#) (i) ou a intercalação de uma [palavra](#) ou [frase](#) (ii).

(i) *O Pedro respondeu:*

– *Nunca mais te quero ver.*

(ii) *Julgo – e retomou a palavra – que estamos no bom caminho.*

Trema

Sinal diacrítico que foi suprimido por uma das disposições do Acordo Ortográfico de 1945. O seu uso restringe-se à [grafia](#) de [palavras](#) derivadas de nomes [estrangeiros](#).

(i) *bühleriano (de Bühler).*

Vírgula

[Sinal de pontuação](#) utilizado em vários contextos, como por exemplo a intercalação de [orações subordinadas adverbiais](#) numa [frase](#) (i), a intercalação de um [modificador](#) entre um [verbo](#) e o seu [complemento](#) (ii) ou após um [advérbio conectivo](#) em início de [período](#) (iii).

(i) *Os rapazes, quando chegaram a casa, fartaram-se de comer.*

(ii) *Os rapazes falaram, com muito maus modos, à avó.*

(iii) *Os rapazes estão cansados. Porém, continuam a correr.*

3. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

3.1. Gramáticas de referência:

Bechara, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa* (37ª ed. revista e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna. «Mais que um livro de referência para especialistas, esta obra, revista e ampliada, oferece ao leitor o extraordinário universo que é a língua portuguesa em suas múltiplas manifestações e reúne a maior coletânea de assuntos gramaticais até agora estudados. Como nos afirma o autor: "Difícilmente haverá seção da Moderna Gramática Portuguesa que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país".»

Cintra, L. & Cunha, C. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa. A *Nova Gramática do Português Contemporâneo* descreve o português actual na sua forma culta, embora descreva também aspectos da linguagem coloquial. A Gramática apresenta ainda as diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do português, principalmente entre as variedades europeia e americana.

Cuesta, P. V. & Luz, M. A. M. (1980). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70. [Tradução portuguesa de *Gramática Portuguesa*. Madrid: Gredos. 1971]. «Noções de geografia da língua portuguesa. A área linguística galaico-portuguesa. Estado actual do português na península ibérica. O galego. O português do Brasil. O português do resto do mundo. Noções de história da língua. O português, língua românica peninsular. Períodos na evolução da língua portuguesa. Pequena história do português do Brasil. Elementos de fonética histórica. Fontes do léxico português. Fonética. Ortografia. Períodos na história da ortografia portuguesa. Regras fundamentais da moderna ortografia portuguesa. Emprego dos sinais ortográficos e de pontuação. Morfologia. Particularidades sintáticas das palavras.»

Mateus, M. H. *et alia* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. “A Gramática da Língua Portuguesa foi publicada pela primeira vez em 1983 e revista na edição de 1989. Esgotada a 4.ª edição em 1999, foi unânime a decisão de preparar uma nova edição amplamente revista, com maior poder descritivo, com um estilo menos tecnicista e com uma cobertura linguística mais ampla. (...) A variedade da língua contemplada nesta obra é a norma-padrão do português europeu, embora em muitas circunstâncias se indiquem características de outras variedades nacionais, geográficas e/ou sociais. Deve igualmente lembrar-se, relativamente ao carácter desta obra, que ela não é uma gramática normativa, ou seja, não é um instrumento que regule o bom uso da língua. A Gramática da Língua Portuguesa dirige-se àqueles que trabalham sobre diversas línguas particulares e também sobre o português e que (...) poderão vir a confirmar ou infirmar as hipóteses apresentadas, contribuindo assim (...) para um maior conhecimento das estruturas linguísticas do português e (...) das propriedades da gramática universal.” *In* contracapa da Gramática da Língua Portuguesa

Vilela, M. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina. Esclarecida a noção de gramática, a obra estrutura-se em gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto.

3.2. Linguística e ensino da língua materna:

AAVV (2004). *Actas do XIX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, Colibri. http://www.apl.org.pt/conteudos/encontros/pdf/index_xix.pdf. Realizado em 2003 na Faculdade de Letras, o Encontro teve como principais áreas temáticas o Sintagma nominal em Português; a Aula da Língua Portuguesa: *Locus* de intersecção da linguística e da didáctica; Nomes e Verbos: Interações e (in)dependências; a Variação linguística: perspectivas, problemas e análises; contou ainda, em regime de comunicação livre, com outras áreas que vão desde a edição textual ao estudo da ironia, da prosódia à toponímia.

Adam, J. M. (1992). *Les Textes: types et prototypes*. Paris: Nathan. Face à heterogeneidade apresentada pelos textos, o autor propõe a análise do ponto de vista das sequências. Apresenta o estudo das características de cinco protótipos de sequências: narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal.

Adam, J. M. (1999). *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan. As gramáticas de texto procuram inscrever os textos em tipologias, sabendo à partida as inúmeras dificuldades com que se deparam. Esta obra, de carácter introdutório, passa do estudo da linguística textual para a análise dos géneros de discurso, tomando como exemplos *fait divers* jornalísticos, o discurso político, um poema em prosa de Blaise Cendrars e uma novela de Jorge Luís Borges.

Adam, J. M. (2005). *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin. O autor apresenta uma definição de texto, tendo em conta a noção de unidade frástica. A partir daí, perspectiva o texto como resultante de um acto de enunciação. Debruça-se sobre as propriedades do enunciado e da enunciação, tendo como ponto de chegada o esquema textual e argumentativo dos discursos de Pétain e do General de Gaulle.

Albaladejo, T. (1989). *Retórica*. Madrid: Editorial Sintesis. Este é um estudo de retórica clássica, de onde se extraem os elementos de análise do discurso argumentativo e do texto literário, bem como da estrutura geral do texto.

Amossy, R. (2006). *L'argumentation dans le discours* (2.^a edição). Paris: Armand Colin. «Argumentar é tentar agir sobre a sua audiência, orientar as suas formas de ver e de pensar. Como é que a palavra se dota de poder para influenciar o seu público? Através de que meios verbais, de que estratégias assegura a sua força? Esta arte da retórica intervém no discurso político, na literatura das ideias, mas também no conjunto das práticas sociais. A questão da eficácia da palavra está no âmago das reflexões humanas desde a Antiguidade e foi recentemente reposicionada em lugar de honra no ensino secundário e superior. Nesta obra, que se tornou um clássico, o autor propõe uma síntese do assunto e das várias questões com ele relacionadas, apresentando exemplos ligados à problemática das democracias contemporâneas.»

Barros, C. & Fonseca, J. (orgs.) (1998). *A Organização e o Funcionamento dos Discursos – Estudos sobre o Português*, Tomo I. Porto: Porto Editora. «Neste volume, estão reunidos estudos sobre a estruturação (microestrutural, sequencial e macroestrutural) e o funcionamento dos discursos - quer da sincronia actual quer de sincronias anteriores do português -, com destaque para as estratégias e os movimentos argumentativos e os marcadores (alguns deles vistos também na sua deriva semântica e pragmática), os jogos dialógicos e (outras) dimensões interlocutivas que os percorrem.»

Beaugrande, R. & Dressler, W. (1981). *Introduction to text linguistics*. London – New-York: Longman. Obra de análise do discurso.

Beristáin, H. (1998). *Diccionario de retórica y poética* (8.^a edição). México: Editorial Porrúa. Este instrumento de trabalho de fundo didáctico contém os termos mais usuais da retórica tradicional, provenientes de diversas línguas. Traz também à colação a descrição de muitos conceitos pertencentes à Linguística, à Semântica e à Teoria da Comunicação.

Bernárdez, E. (ed.) (1987). *Lingüística del texto*. Madrid: Arco/Libros. Obra fundamental para a compreensão da história, dos fundamentos e dos conceitos centrais na investigação sobre o texto que, a partir dos anos 50 e 60, começou a ser reconhecida como Linguística do Texto. Este livro de Enrique Bernárdez procura sintetizar as reflexões mais relevantes no panorama dos estudos linguísticos sobre o texto, dando deste campo teórico uma visão panorâmica e global. Além disso, apresenta ainda uma exemplificação de análise de um texto a partir de alguns aspectos do modelo teórico de Isenberg.

Besse, H. & Porquier, R. (1991). *Grammaire et Didactique des Langues*. Paris: Hatier/Didier. Faz a articulação metodológica entre as teorias e as práticas gramaticais em aulas de língua. A primeira parte trata da epistemologia do saber gramatical; a segunda centra-se nas práticas gramaticais em aula e nos manuais de língua; a terceira sobre aprendizagem da gramática e gramáticas de aprendizagem.

Calsamiglia, H. & Tusón, A. (1999). *Las Cosas del Decir. Manual de análisis del discurso*. Barcelona: Ariel. Define discurso como forma de acção entre indivíduos, articulado a partir do uso linguístico contextualizado, oral ou escrito. Caracteriza o discurso oral e o discurso escrito.

Carter-Thomas, S. (2000). *La cohérence textuelle*. Paris: L'Harmattan. «Como definir a coerência textual? (...) A maioria dos aspectos relativos à percepção da coerência de um texto está estreitamente dependente da percepção individual de um leitor, numa situação particular. Estes aspectos são, por assim dizer, invisíveis à superfície do texto. (...) O exame da estrutura tema-rema do texto, da sua organização intra e inter-frásica, permite formular um julgamento qualitativo sobre o nível de organização textual. (...) Esta abordagem permite identificar certas falhas textuais e chegar a uma melhor compreensão do que constitui a coerência textual.»

Castro, R. V. & Sousa, M. L. (coord.) (1998). *Linguística e Educação*. Lisboa: Colibri. «Nos textos deste volume têm expressão não só os estudos que tomam como objecto a educação linguística no quadro dos ensinos básico e secundário, tocando os domínios da leitura, da escrita, da gramática, dos manuais escolares de Português, como também os estudos que significam uma abertura produtiva para outras áreas, sejam elas a educação especial, ao nível da concepção e desenvolvimento de projectos e programas, ou o ensino do Português em contextos especializados – como língua segunda, em situações de reintegração linguística, etc.»

Charaudeau, P. (1992). *Grammaire du sens e de l'expression*. Paris: Hachette. Perspectiva diferente da gramática: partindo das categorias gramaticais tradicionais, propõe uma descrição do sentido destas categorias; apresenta uma síntese dos estudos semânticos, abordando os mecanismos de construção de sentido, as categorias da língua e os modos de organização do discurso.

Charaudeau, P. & Maingueneau (2002). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil. Este dicionário é uma ferramenta de trabalho útil para o estudo do domínio da produção verbal e da análise do discurso.

Correia, M. & Lemos, L. S. P. de (2005). *Inovação lexical em português*. Lisboa: APP, Colibri. «Em *Inovação lexical em português* são apresentados os principais mecanismos disponíveis em português europeu para a renovação do léxico desta língua. Após delimitar os conceitos de léxico e de vocabulário, aborda-se a questão da mudança lexical, caracterizada pela ocorrência de arcaísmos, mas, sobretudo, pela criação de unidades neológicas. Na obra é definido o conceito de neologismo e são fornecidas directrizes metodológicas para o trabalho com neologia (...).»

Córtex Rodríguez, L. & Camacho Adarve, M. M. (2003). *¿Qué es el análisis del discurso?*. Barcelona: Octaedro-EUB. Introdução à análise do discurso, esta obra procura dar resposta ao estudo do fenómeno linguístico, nomeadamente à relação entre a forma e a função na comunicação verbal.

Cortés Rodríguez, L. & Camacho Adarve, M. M. (2005). *Unidades de segmentación y marcadores del discurso*. Madrid: Arco / Libros. Obra que apresenta, em estreita relação, os marcadores de discurso e as unidades de segmentação discursiva à luz de uma teoria do processamento linguístico. Não descurando as operações pragmático-discursivas da comunicação, enquadra-as no estudo mais lato do discurso oral.

Costa, A. & Costa, J. (2001). *O que é um advérbio?*. Lisboa: APP, Colibri. «Em *O que é um advérbio* é feita uma descrição do comportamento morfológico, sintáctico e semântico dos advérbios em português. Procura-se mostrar a heterogeneidade desta classe de palavras e problematizar algumas assunções tradicionais

sobre a mobilidade e a opcionalidade dos advérbios e sobre a função sintáctica de complemento circunstancial. São apresentadas propostas de actividades sobre advérbios para os vários ciclos de ensino, construídos numa perspectiva de oficina gramatical.»

Davis, S. (ed.) (1991). *Pragmatics. A reader*, New York – London, Oxford University Press. Esta obra baseia-se no trabalho desenvolvido por filósofos, linguistas e psicólogos, incluindo artigos dos mais importantes especialistas em Pragmática das últimas duas décadas, entre eles H.P. Grice, J. R. Searle, Saul Kripke, David Kaplan, Deirdre Wilson e Dan Sperber.

Delgado-Martins *et alii* (orgs.) (1991). *Documentos do Encontro sobre Novos Programas de Português*. Lisboa: Colibri. Reflexões e propostas sobre o ensino, com alcance e relevância que excedem a mera análise da versão dos programas. Consulta de grande interesse para estagiários, professores e formadores de professores.

Détrie, C., Siblot, P. e Verine, B. (2001). *Termes et concepts pour l'analyse du discours. Une approche praxématique*. Paris: Honoré Champion. Obra que apresenta definições a aplicar à análise do discurso, em estreita relação com os géneros discursivos e sem perder de vista a estrutura práxica dos falantes. Abarca a Pragmática, a Sociolinguística e a Psicolinguística.

DFEE (2000). *The National Literacy Strategy. Grammar for Writing*. London: Department for Education and Employment. Propostas de actividades para aula de gramática da escrita - 1.º e 2.º ciclos.

Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta. «Pensado para professores dos 1.º e 2.º ciclos de escolaridade (...) convida os formandos a desenvolverem uma nova forma de se relacionarem com a língua portuguesa: como observadores treinados, conscientes da complexidade dos factos linguísticos e armados com instrumentos de análise que lhes permitam compreender as grandes regularidades da língua e os habilitem a identificar os problemas linguísticos evidenciados pelos seus alunos, sem o que não conseguirão propor as “terapêuticas” adequadas à sua resolução.»

Duarte, I. M. (2001). *O Relato de Discurso na Ficção Narrativa – Contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Lisboa: FCG e FCT. Estudo da problemática geral da reprodução do discurso no discurso de ficção narrativa, a partir do *corpus* de *Os Maias* e com base em utensílios teóricos da linguística. O estudo teve o propósito de tornar o texto literário, com a sua especificidade, num auxiliar de uma melhor compreensão deste fenómeno do funcionamento da língua. Reforçam-se as vantagens da interligação Linguística e Literatura e da inseparabilidade da relação entre as Ciências da Linguagem e a Didáctica do Português. São fornecidas sugestões práticas de tratamento escolar do relato do discurso - nomeadamente sobre os verbos introdutórios - e defende-se que uma visão gramatical escolar com produtividade pedagógica decorre, geralmente, de uma descrição científica adequada.

Duarte, I. M. & Figueiredo, O. (2006). *Actas do Encontro sobre Terminologia Linguística – das teorias às práticas*. Porto: FLUP. Esta obra apresenta como principais linhas de reflexão a Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, nomeadamente no domínio da sintaxe; aborda a semântica lexical e frásica, a pragmática e a fonética e fonologia, entre outras.

Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit. Esta obra reúne um conjunto de trabalhos realizados entre 1968 e 1984 sobre os problemas linguísticos da enunciação. A enunciação assume aqui uma concepção polifónica esboçada no discurso, que virá a ser desenvolvida ao longo dos capítulos do livro.

Ducrot, O. & Schaeffer, J-M. (1995). *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Éditions du Seuil. Instrumento de trabalho que pode ser utilizado como dicionário ou como enciclopédia em domínios que vão da linguística aos estudos literários.

Escandell Vidal, M. V. (2006). *Introducción à la pragmática* (2.^a edição). Barcelona: Ariel. Obra dividida em catorze capítulos que dão conta dos conceitos básicos e das principais teorias da pragmática.

Figueiredo, O. & Bizarro, R. (1994). *Da Palavra ao Texto – Gramática da Língua Portuguesa*. Porto: ASA. Gramática pedagógica de língua portuguesa para o 3.^o Ciclo.

Figueiredo, O. & Figueiredo, E. (2003). *Dicionário Prático para o Ensino do Português – Da Língua aos Discursos*. Porto: ASA. «Descreve o conjunto das estruturas que caracterizam a Língua Portuguesa; fornece um inventário explicativo das noções seleccionadas; permite a análise e problematização das questões ligadas à língua e às suas manifestações.»

Figueiredo, O. (2004). *Didáctica do Português Língua Materna – Dos Programas de ensino às teorias e das teorias às práticas*, Porto: ASA. «Que leitura promover na escola? Que modelos de aprendizagem da escrita aplicar? Como se pode fazer do oral um objecto de ensino? Quais os princípios para uma pedagogia da gramática? Que dispositivos de avaliação accionar? (...)»

Fonseca, F. I. (1994). *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora. Conjunto de estudos escritos, publicados entre 1977 e 1992, que documentam aspectos centrais de reflexão sobre o funcionamento da língua, no domínio da semântica e da pragmática, nomeadamente sobre tempos e modos verbais, deixis e anáfora.

Fonseca, F. I. (org.) (1994). *Pedagogia da Escrita. Perspectivas*. Porto: Porto Editora. Conjunto de artigos sobre a pedagogia da escrita baseados nos mais recentes estudos nesta área. São apresentadas perspectivas de abordagem que abrangem a planificação, textualização e avaliação da escrita.

Fonseca, F. I., Figueiredo, O. & Duarte, I. M. (orgs.) (2001). *A Linguística na Formação do Professor de Português*. Porto: CLUP. Actas do colóquio com o mesmo nome, realizado em 2000, com o objectivo de «articular a investigação no âmbito da Linguística e a investigação-acção no âmbito da Didáctica da Língua (...)»

Fonseca, J. (1989). “Ensino da língua materna como pedagogia dos discursos” in *Revista Diacrítica*, n.º 34, separata. Neste artigo, a aula de Português é encarada como espaço de ensino e aprendizagem do texto/discurso no âmbito do qual o conhecimento explícito da língua, da sua gramática e funcionamento (nas componentes fonológica, sintáctica e semântica), ganha uma dimensão interpessoal e comunicativa. De acordo com Joaquim Fonseca, a especificidade da aula de Português reside em dois aspectos fulcrais: «a produção e a análise de discursos, um trabalho continuado e criativo com os discursos e sobre os discursos», sendo certo que neste trabalho está integrada a reflexão sobre a frase, uma vez que «é aí que essa reflexão adquire plena legitimidade e plena relevância» (Fonseca 1989: 74). No conjunto dos discursos a que se abre a aula de Português, integra-se, de acordo com o autor, em lugar de pleno direito o discurso literário, questionando mesmo «Não é o discurso literário o lugar privilegiado da revelação das potencialidades da língua?» (Fonseca 1989: 75).

Freitas, M. J. e Santos, A. L. (2001). *Contar (histórias de) sílabas*. Lisboa: APP, Colibri. «Em *Contar (histórias de) sílabas*, é feita uma descrição do funcionamento da sílaba e dos seus constituintes em português, demonstrando-se que a organização dos sons dentro desta unidade segue padrões de vizinhança segmental recorrentes nas várias línguas do mundo. Paralelamente, são listados argumentos de natureza empírica fornecidos por diferentes áreas de investigação a favor da realidade psicológica da sílaba e dos seus constituintes. Por fim, são apresentadas propostas de actividades sobre sílabas para os vários ciclos de ensino, construídos numa perspectiva de oficina gramatical.»

Gary-Prieur, M. N. (1999). *Les termes clés de la linguistique*. Paris: Seuil. Para uma iniciação à linguística, apresenta cerca de uma centena de termos que são definidos, situados no seu domínio (morfologia, semântica, ...) e acompanhados de exemplos, de referências bibliográficas e de remissões.

Germain, C. & Séguin, H. (1998). *Le Point sur la Grammaire*. Paris: Clé international. Faz o ponto da situação sobre os mais recentes conhecimentos e pesquisas relativos aos três grandes tipos de gramáticas: de aprendizagem, destinadas aos aprendentes; de ensino, destinadas aos professores; de referência, destinadas aos linguistas e didactistas. Aborda igualmente os problemas ligados ao ensino e aprendizagem da gramática.

Gonçalves, A. & Costa, T. (2002). *(Auxiliar a) Compreender os Verbos Auxiliares*. Lisboa: Colibri, APP «...problematiza-se a caracterização tradicional desta classe de verbos, mostrando-se que a escassez de critérios de natureza sintáctica conduz à constituição de um grupo cujos elementos exibem comportamentos distintos. A fim de evitar tal heterogeneidade, apresenta-se o conjunto de propriedades sintácticas e semânticas que devem caracterizar os verbos auxiliares do português.»

Grabe, W. & Kaplan, R. (1996). *Theory and Practice of Writing*. Londres e Nova Iorque: Longman. A partir de uma abordagem interdisciplinar, apresenta questões essenciais da teoria e da prática da escrita. Oferece uma visão geral acerca da investigação em linguística textual e explora abordagens processuais da escrita, essenciais para a pedagogia da escrita.

Gutiérrez Ordóñez, S. (2002). *De pragmática y semántica*. Madrid: Arco/Libros.

Jeandillou, J. F. (1997). *L'analyse textuelle*. Paris: Armand Colin. «Uma obra que permite apreender a terminologia, as noções, os postulados e os resultados sobre os quais se apoia o estudo actual dos textos».

Lausberg, H. (1972). *Elementos de retórica literária (2.ª edição)*. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. A obra de Heinrich Lausberg, vinda a público em 1963, constitui um referencial incontornável no estudo da Retórica, difícil de ignorar na investigação das ciências da linguagem e nas ciências da literatura. Organizada com fino sentido didáctico, oferece-se como manual aos estudiosos da literatura apresentando os processos retóricos e os tropos literários seguidos de inúmeros exemplos que servem o esclarecimento completo dos assuntos. Funciona como instrumento de trabalho que não é possível ignorar por quem trabalha sobre o discurso e com o discurso. Este livro é antecedido por estudos como «breve introdução aos estudos retóricos em Portugal», «visão de conjunto sobre o sistema da retórica». Contém um índice terminológico que permite um manuseamento fácil e eficaz na pesquisa do processo ou da figura de retórica sobre a qual pretendemos informação completa.

Levinson, S. C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press. Uma análise dos principais conceitos da pragmática e das relações entre pragmática e outros domínios da linguística.

Leech, G. (1983). *Principles of Pragmatics*. Londres: Longman. Apresenta um modelo retórico da pragmática: Leech argumenta a favor de uma aproximação entre a linguística e a disciplina tradicional da retórica.

Lopes, O. (1971). *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*. Lisboa: FCG. Trabalho baseado em experiências didácticas realizadas entre as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, ao nível dos 10-12 anos, e destinado a sugerir perspectivas de articulação destas duas disciplinas, em todo o ensino básico e secundário. É uma proposta, liberta de classificações fixistas, de instrumentos de análise para uma gramática simbólica sobre utilização de diagramas e símbolos, relação entre o cálculo proposicional e o estudo das orações e complementos oracionais delas deriváveis, ligação da teoria dos conjuntos à estrutura da frase nominal e à estrutura dos intervalos cronológicos dos tempos verbais, relação entre famílias de conjuntos e flexão dos nomes e quantificação, estudo das orações relativas à luz de determinadas relações lógicas, aplicação da teoria dos grafos ao estudo semântico dos nomes de parentesco ou dos graus dos adjectivos.

Loureda Lamas, O. (2003). *Introducción a la tipología textual*. Madrid: Arco/Libros. Nesta obra pretende demonstrar-se os limites e o alcance da tipologia textual partindo da teoria coseriana da linguagem: tenta deslindar-se a complexidade do texto, separando-o e organizando-o nos seus vários níveis, a fim de compreender o lugar que o género ocupa na fala.

Martins, M. R. D. *et al.* (1992). *Para a Didáctica do Português*. Lisboa: Ed. Colibri. Remete para o ensino científico da língua materna e apresenta vários estudos: reflexão sobre o desenvolvimento linguístico e cognitivo integrados, papel da língua *input* e seus diferentes ambientes para o processo da aquisição, função da entoação na comunicação linguística quotidiana, o processo de compreensão na leitura e o conhecimento linguístico e, finalmente, reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da língua em trabalho laboratorial – oficina de língua.

Mateus, M. H. M., Falé, I. e Freitas, M. J. (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta. Obra que confere a mesma atenção à Fonética, à Fonologia e à Morfologia e procura estudar as três áreas em estreita relação, partindo de uma perspectiva integradora para o estudo das estruturas da língua.

Mello, Cristina *et alii* (2003). *Didáctica das Línguas e Literaturas em Portugal: contextos de emergência, condições de existência e modos de desenvolvimento*. Coimbra: Pé de Página Editores. «A presente obra traduz, no plano científico, uma visão de conjunto do I Encontro Nacional da Sociedade Portuguesa de Didáctica das Línguas e Literaturas (SPDLL), realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (...) Foram apresentadas comunicações sobre: Didáctica das Línguas Clássicas; Didáctica do Português L1; Didáctica do Português L2; Didáctica das Línguas Estrangeiras; Didáctica das Literaturas e Didáctica Curricular e Formação de Professores. »

Moeschler, J. & Reboul, A. (1994). *Dictionnaire encyclopédique de pragmatique*. Paris: Seuil. Dicionário enciclopédico estruturado em dezoito capítulos temáticos com exemplos e glossário dos termos mais importantes.

Mortara Garavelli, B. (1989). *Manuale di retorica*. Milano: Bompiani.

Oliveira, F. & Duarte, I. M. (orgs.) (2004). *Da Língua e do Discurso*. Campo de Letras: Porto. «Os diferentes artigos reunidos neste livro pretendem, de formas diversas, responder à seguinte questão: como é que perante um texto fazemos certas leituras ou interpretações, tendo em conta que nele estão presentes muitas pistas ou instruções. Assim, os trabalhos aqui apresentados, utilizando abordagens diversificadas no âmbito da Linguística, incidem quer sobre aspectos mais específicos do estudo da língua, quer sobre o estudo do discurso.»

Pereira, L. A. (2004). *Escrever em Português: didácticas e práticas*. Porto: Asa. «Tentar perceber as diferentes lógicas em que se posicionam alguns docentes, tentando, ao mesmo tempo, uma problematização dos próprios parâmetros definitórios de uma Didáctica da Escrita e contribuindo, assim, quer para um melhor conhecimento do terreno da(s) prática(s) quer para uma melhor compreensão do campo da(s) didáctica(s) do domínio estrutural, eis o objectivo deste livro.»

Perera, K. (1984). *Children's Writing and Reading. Analysing Classroom Language*. Londres: Blackwell. 1994. Obra sobre o desenvolvimento da expressão nas crianças. Progressão no uso das estruturas e dos conceitos gramaticais; diferenças entre discurso oral e escrito. Ilustrado com produções dos alunos.

Peres, J. A. e T. Mória, (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Ed. Caminho: Lisboa. «Obra descritiva e explicativa das regularidades e dos fenómenos linguísticos, numa perspectiva de levar a comunidade a tender para a fixação de uma ou outra norma. Com base em material jornalístico escrito, são identificadas e estudadas seis áreas críticas no uso da Língua Portuguesa: estruturas argumentais; construções passivas; construções de elevação; orações relativas; construções de coordenação; concordâncias».

Portolés, J. (2004). *Pragmática para hispanistas*. Madrid: Editorial Síntesis. «Apresenta os conceitos e as teorias mais actuais propostas para esclarecer o uso da língua. Proporciona uma fundamentação teórica apoiada sobre uma abundante exemplificação (...). Contém um índice analítico detalhado.»

Rastier, F. (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: P.U.F. Obra que apresenta um contributo para «uma semiótica das culturas».

Récanati, F. (2006). *El significado literal*. Madrid: A. Machado Libros. O que é pragmático e o que é semântico? Recuperando o debate em torno desta questão, a obra de Récanati apresenta-se como uma defesa da posição segundo a qual “o que se diz” é um aspecto “daquilo que o falante quer dizer”, recusando a oposição entre as condições de verdade literal e o significado atribuído pelo falante.

Rio-Torto, G. M. (1988). *Morfologia Derivacional; Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora. «São nove artigos congregados em torno de um comum interesse pela morfologia das línguas naturais. Neles são abordadas algumas questões mais prementes com que a teoria e a prática morfológicas actualmente se debatem, tais como o lugar da morfologia e da formação de palavras na gramática, princípios e métodos de análise morfolexical, identidade dos processos e dos paradigmas genolexicais.»

Rost, M. (1990). *Listening in Language Learning*. Londres: Longman. Aproximação da linguística aplicada ao ensino da língua, na perspectiva da aprendizagem da segunda língua. Desenvolvimento e avaliação de competências de compreensão oral.

Sarfati, G. E. (1997). *Éléments d'analyse du discours*. Paris: Nathan. «Esta obra define a noção de discurso em oposição às noções de língua, palavra e texto (...). A problemática da análise do discurso é colocada em perspectiva relativamente às questões epistemológicas e filosóficas que atravessam a evolução da disciplina desde a sua origem».

Searle, J. (1969). *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press. Sendo um dos mais importantes contributos para a filosofia da linguagem das últimas décadas, a obra apresenta, a partir das teorias de Austin, Grice, Rawls e do próprio Searle, uma teoria sistematizada dos actos de fala, partindo da hipótese de que “falar uma língua é participar numa forma de comportamento governada por regras”.

Searle, J. (1979). *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press. Na sequência de *Speech Acts*, esta obra procura desenvolver e aperfeiçoar o trabalho anterior de Searle, assim como estender a sua aplicação a outros domínios do discurso. Searle apresenta ainda uma taxonomia de tipos de actos ilocutórios, explorando a relação entre o significado das frases e os contextos da sua enunciação.

Vanderveken, D. (1988). *Les actes de discours*. Liège – Bruxelles: Mardaga. Esta obra aborda as relações existentes entre os actos do discurso e a comunicação do pensamento na estrutura lógica da linguagem, bem como a sua relação com outras disciplinas. Apresenta ainda capítulos dedicados à semântica geral e à análise dos verbos performativos.

Verschueren, J. (2002). *Para entender la pragmática*. Madrid: Gredos. «O livro parte das propriedades da linguagem que tornam possível que a utilizemos para comunicar e da relação entre essas propriedades e o contexto, tendo em conta as condições sociais e culturais do uso da linguagem. (...) É, ao mesmo tempo, um manual de pragmática e uma crítica à pragmática.»

Vilela, M. (1992). *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina. Conteúdos: Constituição, dependência e valência · Valência · Valência e Verbo · Esquema geral da valência · Estruturas do

predicado · Valência e texto/contexto · Valência semântica · Observações Gerais · Características semântico-categoriais · Características semântico-relacionais · Valência do substantivo · Valência do adjectivo.

Vilela, M. (1995). *Léxico e Gramática*. Coimbra: Livraria Almedina. Está subdividido em quatro áreas e apresenta como elemento fulcral de análise o léxico; este é a base para a descrição da língua portuguesa e o suporte para a discussão de questões como as referentes à relação língua/cultura ou ao ensino da gramática.

Xavier, M. F. & Mira Mateus, M. H. (orgs.) (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos* (vols. I e II), Lisboa: Ed. Cosmos. «O estudo da Linguística tem uma longa tradição em Portugal. A atenção dos linguistas portugueses nunca se voltou, contudo, para a elaboração de um dicionário que permitisse um acesso rápido e eficiente à informação diversificada neste domínio. A falta desse instrumento de trabalho, fez surgir, por iniciativa da Direcção da Associação Portuguesa de Linguística, um projecto de elaboração de um Glossário de Termos Linguísticos. As primeiras listagens, apresentadas em 1986, incluíam os termos utilizados pelos linguistas portugueses nas várias áreas de especialização, acompanhados na sua quase totalidade por equivalentes de outras línguas. Tendo em vista uma nova edição, o Dicionário de Termos Linguísticos está agora disponível para consulta em linha, em formato .pdf. Para um acesso mais rápido e simples, dividiu-se o dicionário em 23 documentos, cada um correspondendo a uma letra.»

3.3. Sítios na Internet:

<http://dited.bn.pt> (Depósito de Dissertações e Teses Digitais)

<http://pesquisa.bn.pt> (Pesquisa bibliográfica da Biblioteca Nacional)

<http://www.ait.pt> (Associação de Informação Terminológica)

<http://www.apl.org.pt> (Associação Portuguesa de Linguística)

<http://www.ciberduvidas.sapo.pt> (Resposta a dúvidas de língua portuguesa, em linha)

<http://area.dgidc.min-edu.pt/GramaTICa/> (Recursos didáticos sobre Funcionamento da Língua)

<http://www.fcsh.unl.pt/termip/> (Associação Portuguesa de Terminologia)

<http://www.iltec.pt> (Instituto de Linguística Teórica e Computacional)

<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/linguistica.html> (Instituto Camões)

<http://www.linguateca.pt/assoc.html> (Ligações para páginas de língua e de linguística)

<http://www.oces.mctes.pt> (Observatório da Ciência e do Ensino Superior)

<http://www.porbase.org> (Catálogo Colectivo em Linha das Bibliotecas Portuguesas com mais de 1.300.000 registos bibliográficos)

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/> (Vocabulário Ortográfico do Português)

<http://www.priberam.pt/dlpo/gramatica/gram21.htm> (Dicionários e gramática de língua portuguesa, em linha)